

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**GEOVANNI GOMES CABRAL**

**AS REPRESENTAÇÕES DE PODER NO  
*CORPUS* DE FOLHETOS DE 1945 A 1954:  
LEITURAS DA "ERA VARGAS"**

Recife  
2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**AS REPRESENTAÇÕES DE PODER NO  
CORPUS DE FOLHETOS DE 1945 A 1954:  
LEITURAS DA "ERA VARGAS"**

Dissertação apresentada por Geovanni  
Gomes Cabral em cumprimento às  
exigências do Programa de Pós-  
Graduação em História da Universidade  
Federal de Pernambuco, para obtenção  
do grau de mestre.

Orientador: Prof. Flávio Weinstein  
Teixeira.

**Recife  
2008**

**Cabral, Geovanni Gomes**

**As representações de poder no corpus de folhetos de 1945 a 1954 : Leituras da “era vargas” / Geovanni Gomes Cabral. -- Recife: O Autor, 2008.**

**171 folhas.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2008.**

**Inclui: bibliografia.**

**1. História. 2. Cultura popular. 3. Folhetos de cordel. 4. Literatura de cordel – Política. I. Título.**

**981.34  
981**

**CDU (2.  
ed.)  
CDD (22. ed.)**

**UFPE  
BCFCH2010/03**

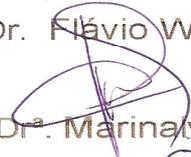


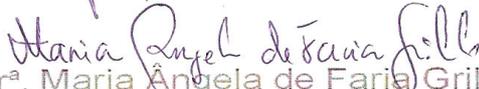
**ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO GEOVANNI GOMES CABRAL**

Às 14:00h do dia 13 (treze ) de junho de 2008 (dois mil e oito), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Geovanni Gomes Cabral**, intitulada **“As Representações de poder no corpus de folhetos de 1945 a 1954: leituras da “Era Vargas”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“APROVADO”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Flávio Weinstein Teixeira (Orientador), Marinalva Vilar de Lima e Maria Ângela de Faria Grillo. Assinam também a presente ata, o Coordenador, Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro e a Secretária do Deptº de História, Rogéria Feitosa de Sá para os devidos efeitos legais.

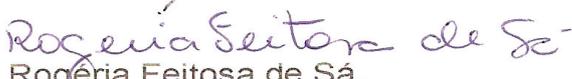
Recife, 13 de junho de 2008.

  
Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira

  
Profª. Drª. Marinalva Vilar de Lima

  
Profª. Drª. Maria Ângela de Faria Grillo

  
Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro.

  
Rogéria Feitosa de Sá.

A minha família, sempre presente nas horas precisas.  
Ao meu pai Jose Cabral, (*in memoriam*) pelo respeito e integridade.  
A meu amado sobrinho Kauã Cabral.  
A Vera Mônica e Maurício.  
Aos poetas que possibilitaram essas leituras.

## MEU POVO, MEU POEMA

Meu povo e meu poema crescem juntos  
Como cresce no fruto  
A árvore nova

No povo meu poema vai nascendo  
Como no canavial  
Nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro  
Como sol  
Na garganta do futuro

Meu povo em meu poema  
Se reflete  
Como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo  
Menos como quem canta  
Do que planta.

(Ferreira Gullar)

## **Agradecimentos**

Diante das possíveis “leituras” que este trabalho nos proporcionou, chegamos não ao final de um estudo, mas ao início de novas oportunidades que a vida nos reserva. Trabalhar com o universo desta literatura popular me possibilitou ampliar um largo conhecimento acerca deste rico acervo, permeado de passagens que refletem a nossa história.

Várias pessoas, ao longo deste curso, estiveram ao meu lado, na torcida para que um pouco dessa história sobre Getúlio Vargas nos folhetos pudesse esclarecer dúvidas que permaneceram ao longo do tempo e trazer à “luz” novos direcionamentos ou outras possibilidades de reflexões.

Agradeço ao meu orientador Flávio Weisntein Teixeira pela confiança e dedicação dispensadas a este trabalho, pelas suas interlocuções e críticas, e pela sua amizade, que durante anos foi determinante na medida em que estava sempre disposto a colaborar e oferecer novas sugestões. Muito obrigado pela paciência e competência. Mesmo distante do Estado de Pernambuco, não deixou, em nenhum momento, de apoiar e dar as devidas assistências quando sobre as leituras historiográficas pairavam as dúvidas.

Ao Prof. Antonio Paulo Rezende, exemplo de dedicação e competência ao lidar com o conhecimento histórico associado ao mundo da literatura e poesia. As leituras desenvolvidas nas suas aulas permitiram fazer novas leituras da vida, não percebidas até então. Aos demais professores, como Antônio Montenegro, por sua firmeza e perseverança à frente desta Pós-graduação; à Jorge Siqueira, pelos debates iniciais que pontuaram o desenvolvimento da pesquisa e aos demais professores que não foram mencionados, mas que permanecem como exemplos de atuação no mundo da história.

Às minhas co-orientadoras, Marinalva Vilar e Ângela Grillo meu imenso carinho. Marinalva é uma pessoa que não sei como descrever; seu apoio para o término desta pesquisa foi singular. Obrigado por ter me recebido tão bem em sua casa, nas vezes em que fui à Universidade Estadual da Paraíba, pela confiança que dedicaste à minha pessoa. Nosso convívio extrapolou os parâmetros acadêmicos e nos tornamos verdadeiros amigos. Minha amiga Ângela, que me acompanha desde a graduação, também não tenho palavras para descrevê-la. Resta-me apenas dizer que me sinto muito honrado em poder ter contado com a sua presença ao longo deste mestrado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo incentivo financeiro à pesquisa, seu apoio foi fundamental.

Aos meus amigos do mestrado. Todos, sem exceção, foram pessoas que marcaram a minha vida, por diversos motivos. Amigos que não ficaram restritos à sala de aula, mas que estão guardados para sempre em meu coração. Sei que fui um pouco ausente com alguns, porém não tive como mudar os rumos da vida, mas o importante de tudo isso é o sentimento de respeito, admiração e a certeza de que posso contar com todos. Ao Carlos, Adilson, Rogério, Vilmar, Francivaldo, Flávio, Andresa, Cíntia e outros, saibam que vocês estarão sempre presentes em minha memória.

Ao museólogo Albino Oliveira, que com sua atenção pôde me ajudar a pesquisar e selecionar os folhetos para serem digitalizados no acervo da Universidade Federal de Pernambuco. À minha amiga Marilene Mattos, da Universidade Estadual da Paraíba, que, à frente da documentação da Biblioteca Átila de Almeida, me atendeu com maestria. Sua ajuda foi algo realmente espetacular, compartilhando a ânsia de encontrar mais um folheto relevante para a pesquisa. Aos funcionários da Fundação Joaquim Nabuco e da Biblioteca da Universidade Federal de Pernambuco.

Meus agradecimentos a todos que fazem parte do Educandário São Judas Tadeu, pela força, determinação e apoio diante de um momento tão gratificante. Aos amigos que sempre torceram para que este trabalho chegasse ao final, muito obrigado pelo companheirismo, pelas brincadeiras nos momentos de tensão e sobrecarga de muitas leituras. A Dannyson Albuquerque e Rosangela Machado, que em diversas situações me tiraram do isolamento a que a pesquisa exige. A Bruno Guilherme, por sua participação na tradução de alguns trabalhos e à Josenilda pela revisão de alguns textos ao longo do curso.

À Vera Mônica, por suas sugestões e críticas sempre pertinentes. Em momentos de decisão, você apontou soluções que nortearam todo o desenvolvimento do trabalho. Obrigado por acreditar que, mesmo diante das possíveis “falhas”, há sempre possibilidade de superação.

A seu José Clemente também minhas considerações, por vibrar a cada conquista. Suas palavras de incentivo e orientação nos fazem perceber que lutar por nossos objetivos nunca é demais, sempre com serenidade, humildade e sabedoria, pilares essenciais. À Cremilda Rocha de Carvalho (*in memoriam*), que não pôde ver a conclusão deste curso, mas que muito contribuiu, pois foi na sua instituição de ensino onde tudo começou. Lembro como suas palavras de incentivo permearam muitas alegrias. A você, meu respeito por ter sido um exemplo na crença de que a educação é o caminho para a transformação.

A Maurício Carvalho, que esteve presente desde a elaboração do projeto e que sempre buscou incentivar seus amigos a subirem mais um degrau e conquistar novos horizontes, “além de Camaragibe”. A Rivaldo Bento, pelas palavras e apoio nas horas em que o trabalho estava chegando ao seu término.

À minha amiga Paloma Borba, minha admiração pelo tratamento erudito dado ao texto e pela forma como lida com este tipo de trabalho acadêmico. Suas sugestões foram precisas, você, que esteve me acompanhado nas diversas leituras e revisões. Valeu pela paciência ao longo deste curso, sou muito grato.

Aos amigos do Jarbas Passarinho, todos foram gentis demais no momento de angústia para esta conclusão. Ao Prof. Marcos Vinícius, muito obrigado por ter me ajudado, sua compreensão foi ímpar, pois todos os que passam por este curso sabem das horas de desespero que enfrentamos. Aos amigos professores, Aiza Arôxa, Sandra Roberta, Ana Claudia, Edinalva, Elizabete, Tércio, Fernanda e Ariene, que estiveram mais próximos, minha terna gratidão. Fiquei muito honrado pelo carinho recebido.

Ao meu amigo Junior Cavalcanti, que esteve presente em várias fases deste trabalho; você que me deu forças naquelas horas em que o pesquisador se vê diante do computador e das fontes sem ter para onde ir. Seus telefonemas, as fugas para a descontração foram realmente essenciais para reconquistar novas energias.

A Josenildo de Albuquerque Maranhão Filho, meu grande amigo, você não poderia ficar de fora. As palavras de agradecimentos talvez não contemplem os significados do carinho e respeito que tenho por sua pessoa. Seu apoio foi, e tem sido, fator de grandes conquistas.

À minha família: Josefa, Katiana e Gleyson, base na qual na verdade, tudo começou. Todos têm um papel singular na minha vida, seus apoios são os elementos que nutrem o desenrolar de novas conquistas e objetivos futuros. Muito obrigado, agradeço a Deus por existirem. Ao meu sobrinho Kauã Cabral, que me fez sair dos momentos de concentração para o mundo da fantasia. Sua alegria e sorriso são contagiantes, claro que não sabes o que isto representa, mas um dia saberás o que tento te passar. Amo-te. Ao meu pai, José Lopes Cabral (*in memoriam*), pessoa simples, que partiu muito cedo, mas cujo nome e admiração permanecem presentes na minha vida.

Aos amigos que não foram citados, mas que estão presentes no meu tempo.

A Deus, por permitir tamanha alegria, obrigado.

## RESUMO

A presente dissertação discorre sobre as representações de poder construídas pelos poetas populares nos folhetos de cordel que tematizam a personagem política do presidente Getúlio Dornelles Vargas, no período de 1945 a 1954. Através da análise do *corpus* de folhetos, aqui destacado, nos foi possível rastrear os fatos políticos que envolveram a sociedade brasileira; estabelecer comparações com os estudos consolidados pela historiografia que trata do período; perceber a forma como os poetas compreenderam os acontecimentos da cena política e relacionar o discurso desenvolvido pelos poetas com a leitura feita pelas classes populares a partir desses textos uma vez que é a este público a que os poetas endereçam suas produções. A literatura produzida pelos cordelistas nesse período, marcado pelo forte apelo social e trabalhista, contribui fortemente para a difusão da imagem do “pai dos pobres”, fortemente associada a Vargas. Esta perfilização vai ser popularizada através da circulação dos folhetos que eram vendidos, principalmente, nas feiras livres do Nordeste e nas regiões/estados de migração das populações oriundas deste cenário. Portanto, ao analisar tais folhetos, estes nos revelaram o quanto a percepção popular estava inserida em um discurso político que se fazia representar nos seus versos, aclarando, assim, o entendimento a que a pesquisa se propõe. Neste interstício de tempo, Getúlio Vargas é “mitificado” por uma parcela da sociedade que atribui a este dirigente a responsabilidade pela elaboração das leis trabalhistas. Por sua vez, o poeta aproveita o momento de comoção nacional, de clamores, gerados pela morte do presidente para produzir seus folhetos, transpondo para o papel fatos que ficaram na memória social. É deste ponto que surgiu nossa problemática, na medida em que adentramos neste universo poético para podermos entender o porquê de esse político ter sido tão exaltado pelas camadas populares e recitado nos folhetos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura Popular, Folhetos de cordel, Getúlio Vargas, representações

## ABSTRACT

The current dissertation is concerned with the representations of power constructed by poets in cordel twine comics which use the theme of the political personage of President Getúlio Dornelles Vargas, over the 1945-1954 period. Through an analysis of the *corpus* of the comics highlighted here, it was possible for us to trace the political facts which involved Brazilian society; establish comparisons with consolidated studies of the historiography that deals with the period; perceive the way the poets understood the events of the political arena and relate the discourse developed by the poets to the reading of these texts by the popular classes to whom they were addressed. The literature produced by the cordelists of this period, noted for its strong social and working class appeal, contributed greatly to the diffusion of the “father of the poor” image, closely linked to Vargas. This profile creation was popularized through the circulation of cordel comics which were mainly sold in the open markets of the Northeast and the states and regions concentrating migrant populations from this base. On analysis of these comics, however, they reveal how far the popular perception was inserted in the political discourse which made representations in the verses, thus, making clear the understanding that the research proposes. Over this period of time, myths are created about Getúlio Vargas and a portion of society attribute to him the responsibility for the elaboration of labor laws. In turn, the poet takes advantage of a moment of national commotion, resulting from the presidents’ death to produce comics, transposing to paper facts that will live in the social memory. This is the contentious area, as we go deeper into this poetic universe to enable us to understand why this politician has been so vaunted among the working classes and recited in the cordel twine comics

**Key words:** Popular cultures, Cordel twine comics, Getúlio Vargas, representations

## RESUMÉN

La presente disertación indaga sobre las representaciones del poder construidas por los poetas populares en los folletines de cordel que traen el tema del personaje político del presidente Getúlio Dornelles Vargas en el período desde 1945 hasta 1954. Por medio de análisis del contenido de los folletines, aquí destacado, nos ha sido posible buscar los acontecimientos políticos que envolvieron la sociedad brasileña; establecer comparaciones con los estudios consolidados por la historiografía que retrata del período; sentir la forma como los poetas comprendieron los sucesos de la escena política y promover articulaciones de sus lecturas con aquéllas promovidas por las gentes de las camadas populares, lectora/público a que los poetas direcciona sus producciones. En ese período, observamos el establecimiento de un Getúlio Vargas centrado a partir de la comprensión de “padre de los pobres”, puesto que de carácter social y trabajador es que son recurrentemente puntuadas. Esta nomenclatura se va a ser popularizada por medio de circulación de los folletines que eran vendidos, principalmente, en las ferias libres del Nordeste y en las regiones / estados de migración de las poblaciones ubicadas en esta escena. Por lo tanto, al analizar tales folletines, estos nos han revelado lo que la percepción popular estaba hacia un discurso político que se hacía representar en sus versos, desarrollando, así el entendimiento a que la encuesta se propone. En este intersticio de tiempo que buscamos hacer tal levantamiento de papeleo, Getúlio Vargas es “mitificado” por una parte de la sociedad que nombra a este dirigente la responsabilidad por elaboración de las leyes del trabajo. A su vez, el poeta aprovecha en este rato (momento) de conmoción nacional, de rogares, de pedidos por su vuelta o de lloro por su muerte para producir sus folletines, empleado en el papel los sucesos que quedaron en la memoria social. Es de este punto que surge nuestra problematización, en la medida que avanzamos en este universo poético para poder entender lo porqué de este político haber sido tan exaltado por las camadas populares y recitado en los folletines.

**PALAVRA - LLAVE:** Cultura Popular, Folletines de cordel, Getúlio Vargas, representaciones.

## SUMÁRIO

<b>Introdução: História e poesia no <i>corpus</i> de folhetos.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 01: Folhetos de Cordel: o estado da arte .....</b>	<b>26</b>
1.1- Gênese e classificação: um debate longe do fim .....	27
1.2- As primeiras histórias impressas. ....	41
1.3- Os folhetos e suas ilustrações .....	46
1.4- Poetas, leitores e ouvintes. ....	49
<b>Capítulo 02: Getúlio Vargas: um panorama da política nacional de 1945 a 1954.....</b>	<b>52</b>
2.1- 1945: a redemocratização .....	53
2.2- Ele voltará! Da campanha às eleições de 1950.....	67
2.3- II governo Vargas: da vitória ao suicídio .....	76
2.4- Vargas e seu legado .....	92
<b>Capítulo 03: As representações de Getúlio no <i>corpus</i> de folhetos.....</b>	<b>98</b>
3.1- Getúlio Vargas nos folhetos .....	99
3.2- <i>Corpus</i> dos folhetos antes do suicídio .....	103
3.3- <i>Corpus</i> dos folhetos após o suicídio .....	128
3.4- Getúlio Vargas; da carta-testamento para o <i>corpus</i> de folhetos .....	144
<b>Considerações finais .....</b>	<b>152</b>
<b>Referências .....</b>	<b>157</b>

## INTRODUÇÃO

### História e poesia no *corpus* de folhetos<sup>1</sup>

#### POESIA

A nossa poesia é uma só  
 Eu não vejo razão pra separar  
 Todo o conhecimento que está cá  
 Foi trazido dentro de um só mocó  
 E ao chegar aqui abriram o nó  
 E foi como se ela saísse do ovo  
 A poesia recebeu sangue novo  
 Elementos deveras salutares  
 Os nomes dos poetas populares  
 Deveriam estar na boca do povo

Os livros que vieram para cá  
 O Lunário e a Missão Abreviada  
 A Donzela Teodora e a fábula  
 Obrigaram o sertão a estudar  
 De repente começaram a rimar  
 A criar um sistema todo novo  
 O diabo deixou de ser um estorvo  
 E o boi ocupou outros lugares  
 Os nomes dos poetas populares  
 Deveriam estar na boca do povo

No contexto de uma sala de aula  
 Não estarem esses nomes me dá pena  
 A escola deveria ensinar  
 Pro aluno não me achar um bobo  
 Sem saber que os nomes que eu louvo  
 São vates de muitas qualidades  
 O aluno devia bater palma  
 Saber de cada um o nome todo  
 Se sentir satisfeito e orgulhoso  
 E falar deles para os de menor idade  
 Os nomes dos poetas populares.<sup>2</sup>

*Antonio Vieira*

A poesia que aqui apresentamos, através dos versos de Antonio Vieira, faz parte da história da *Literatura de Cordel*, um tipo de poesia impressa em versos que, segundo os

<sup>1</sup> Nesta dissertação, preferimos chamar de folheto o *corpus* documental, tendo em vista que no referido período era assim conhecido. Só por volta da década de 1970 é que a expressão “literatura de cordel” passou a ser empregada por estudiosos, que o importaram do universo português, influenciando, a seguir, os poetas que passaram a utilizá-la. Sobre esta discussão em torno da produção do cordel português e a literatura de folhetos nordestinos, ver ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas –SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

<sup>2</sup> VIEIRA, Antonio. Poesia. Intérprete: Maria Bethânia In: BETHÂNIA., Maria. *Pirata*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, p2006, 1CD. Faixa 12.

folcloristas e pesquisadores, chegou ao nosso país por volta dos séculos XV e XVI dentro das malas dos colonizadores. Poesia esta que já circulava nos países europeus, como França, Inglaterra, Holanda, Espanha e Portugal, atingindo diversos setores sociais. A denominação Literatura de Cordel vem de Portugal pelo fato de estes impressos estarem presos a um cordão para serem vendidos. Aqui, esse tipo de literatura assumiu papéis distintos no tocante à sua disseminação e produção, abarcando histórias das mais fabulosas e engraçadas, permeadas de aventuras e cenários de uma cultura popular que se mesclava nos versos dos poetas populares, transformando-se em memória, documento e registro da nossa história.<sup>3</sup>

Portanto, por meio dessa literatura impressa, conhecida como *literatura de cordel* ou *literatura de folhetos*, é que esta dissertação busca ressaltar de que forma o Presidente Getúlio Vargas foi representado neste tipo de poesia popular, tomando como recorte temporal os anos de 1945 a 1954. O que aqui se buscou foi entender as representações de poder vinculadas nos textos desta poesia “popular”, examinando-as no tocante às condições históricas em que foram produzidas e o sentido que elas adquiriram quando veiculadas no âmbito social. O período estudado é importantíssimo para este tipo de literatura por dois motivos: o primeiro por refletir uma série de turbulências que tangem a trajetória da política nacional na chamada “Era Vargas” e segundo por ser um período em que estes de impressos atingiram seu apogeu quanto à circulação e produção do gênero, conforme afirma Mark Curran.<sup>4</sup>

A chamada “Era Vargas” compreende um período que abrange alguns dos momentos mais decisivos de nossa história republicana, tais como o processo de industrialização e urbanização, controle dos trabalhadores e sindicatos, criação das leis trabalhistas, e atuação do Estado como agente econômico. Enfim, uma série de mudanças que, com certeza, transformaram o cenário histórico do país, marcado, até então, por uma economia agro-exportadora que perdurara com a República do Café-com-Leite antes de 1930. A partir de então, novos tempos se anunciam, é o capitalismo nacional tomando proporções que mudarão a idéia de um Brasil agrário para um Brasil industrial, inserido no contexto internacional.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Cf. SANTOS, Olga de Jesus. O Povo conta a História In: *O Cordel, Testemunha da História do Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Casa Rui Barbosa, 1987.

<sup>4</sup> CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 108-109.

<sup>5</sup> Para maiores informações sobre a “Era Vargas” ver SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo, 1930-1964*. Tradução de Ismênia Tunes Dantas, 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Quanto ao fim deste período, ainda suscita controvérsias. Maria Celina D'Araújo<sup>6</sup> nos aponta que alguns historiadores acreditam que esta “Era Vargas” terminou em 1954, com a sua morte; para outros, isso ocorreu apenas em 1964, com o golpe militar. Não cabe, aqui, discutirmos em que momento termina essa fase da política brasileira, mas perceber o quanto ela foi significativa e transformadora, atingindo o campo da política, economia, sociedade e cultura.<sup>7</sup>

E são justamente estes acontecimentos políticos, econômicos e sociais que serviram de elementos norteadores para que os poetas registrassem nos versos de cordel tamanha transformação que a nação vivenciou. Somado a isto, temos a imagem que este dirigente construiu perante a sociedade brasileira. Segundo Orígenes Lessa, depois da produção de folhetos sobre Padre Cícero, que obteve um grande número em termos de produção, Getúlio desponta como temática de maior aceitação e inspiração entre os poetas populares. Nem mesmo os cangaceiros Antonio Silvino e Lampião, com suas andanças pelo Nordeste brasileiro, conseguiram tamanho êxito na poesia popular.<sup>8</sup>

E foi mergulhando neste universo documental expresso pela poética popular, mediante as leituras dos folhetos políticos de Getúlio, que levantamos nossas indagações: por que este presidente foi tão exaltado pelos poetas populares? Por que se deu uma produção mais volumosa deste tipo de literatura no final de 1945, quando este dirigente foi deposto do poder e durante a sua campanha presidencial em 1950? Assim como o registro de sua morte, atingindo verdadeiros recordes de tiragens e produções? Quem era este poeta que deitava caneta e papel em punho, produzindo versos acerca deste político? Quais as suas intenções, ou possíveis intenções, ao produzir estes folhetos? E, mais importante ainda, como entender o imaginário criado em torno desta figura da política nacional? As perguntas não cessam por aqui, tendo em vista que, diante das análises dos folhetos, novos questionamentos serão acrescentados, visando a uma melhor compreensão do período estudado.

E assim, mapeamos poesias e poetas, inseridos em diversos contextos sociais para tentarmos encontrar respostas a tais questionamentos. Não respostas conclusivas, até por que a história não é algo fechado ou absoluto nas suas explicações; muito pelo contrário, ela é

---

<sup>6</sup> Cf. D'ARAÚJO, Maria Celina. *A Era Vargas*, São Paulo, 2. ed. Moderna, 2004, p. 8-12. Neste livro a autora apresenta um estudo sobre o que foi a Era Vargas para o país e como Getúlio se tornou na figura mais popular do século XX neste país. Ainda sobre este período ver FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. É um trabalho interessante e ajuda o leitor situar a trajetória de Getúlio no poder e suas estratégias.

<sup>7</sup> Acerca deste debate sobre o tema do fim ou não da Era Vargas, ver FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo Companhia das Letras, 2006. Este livro tem um capítulo intitulado “Getúlio após a morte”, que traz uma abordagem sobre este legado para o nosso país.

<sup>8</sup> Cf. LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro. Documentário, 1973.

permeada de “labirintos” e de mistérios, possibilitando diversos “tesouros” aos seus exploradores. Mas, respostas que a nossa fonte documental é capaz de fornecer, esclarecendo nossas dúvidas.

No entanto, utilizar a literatura de folhetos para contarmos a nossa história e suas reminiscências só foi possível com as mudanças de paradigmas por que passou a História ao longo da década de setenta, quando o olhar de “Clio” se preocupou em observar mais o popular e sua produção. Deixando um pouco de lado uma História marcada por palácios, reis, rainhas, políticos e versões oficiais, para dar ênfase a uma história mais recortada, privilegiando comunidades, elementos populares, trabalhadores simples, bem como suas apropriações e práticas culturais. Tudo tem uma história, que pode ser contada e relacionada em dado tempo e lugar. É a chamada *História Cultural*, que abriu “alas”, pedindo passagem, redefinindo fronteiras, demarcando novos espaços, possibilitando uma visão “micro” dos acontecimentos históricos e sociais.

Assim, segundo Vainfas:

A História Cultural não recusa as expressões culturais da elite e sua produção, até porque se faz necessário entendê-la enquanto grupos atuantes no processo histórico, mas revela um especial apreço, tal como a história das mentalidades, pelas manifestações das massas anônimas como as festas, as resistências, as crenças heterodoxas, ou seja, uma afeição pelo informal, e sobretudo pelo popular. A preocupação se dá em resgatar o papel das classes sociais, da estratificação e dos conflitos sociais. São os chamados caminhos alternativos para a investigação histórica.<sup>9</sup>

Sobre a História Cultural, Chartier nos relata que é importante identificar como em “diferentes momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”<sup>10</sup>. Nesse contexto, o mesmo trabalha com a idéia de representação, prática e apropriação, mostrando que existem diferentes práticas de utilização de materiais culturais, bem como sua apropriação por diferentes sujeitos, dando-lhes novos sentidos<sup>11</sup>. É neste tipo de abordagem que iremos fundamentar nossa pesquisa, com o objetivo de perceber, por meio das análises

<sup>9</sup> VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 148-149. Ainda sobre História Cultural ver HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 e BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da história*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: editora UNESP 1992.

<sup>10</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difel, 2006, p. 17.

<sup>11</sup> Idem. *Ibidem*. Ver também, entre outras, as importantes contribuições de GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução de Maria Bethânia Amoroso, São Paulo: Companhia das Letras, 1991; THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; e DARTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

dos *corpus* de folhetos que circularam no período considerado, quais as representações de poder presentes nos versos destes poetas.

Nesta linha de raciocínio, passamos a entender o valor que a literatura de folhetos assumiu no âmbito social, com suas histórias associadas a práticas culturais que permitem ao historiador perceber seus múltiplos significados, mergulhando na sua dimensão textual. Esta literatura popular está relacionada a um sistema simbólico, a sujeitos sociais que, ao produzir seus versos, transcrevem no discurso seu modo de pensar, sentir e agir. Assim, conforme Darnton<sup>12</sup> ressalta, é preciso analisá-la não apenas sob um olhar, mas desvendá-la em todos os seus sentidos.

Outra reflexão que pretendemos propor é a abordagem da cultura popular. Não queremos, aqui, discorrer sobre os possíveis conceitos, tendo em vista que outras pesquisas abarcaram este debate em torno da conceituação da cultura popular e que, mesmo assim, mantiveram controvérsias alusivas ao antagonismo popular e erudito. Se é uma cultura que vem do povo, como defini-la, apresentar suas características e seus simbolismos? É neste ponto que se insere a disputa entre os intelectuais na tentativa de definir tal conceito. Sobre este debate, Chartier é bastante categórico quando afirma que:

Não parece ser possível identificar a absoluta diferença e a radical especificidade da cultura popular a partir de textos, de crenças, de códigos que lhe seriam próprios. Todos os materiais das práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenção e tradições, cultura letrada e base folclórica.<sup>13</sup>

Assim, nas palavras de Chartier<sup>14</sup>, fica claro que, ao utilizar os folhetos de cordel como elemento da cultura popular, analisar apenas o seu corpo textual é insuficiente para elucidar a problemática da pesquisa em questão ou defini-lo como pertencente a uma determinada cultura. O sentido do corpo textual e sua apropriação estão associados a outros fatores, como o produtor e as circunstâncias históricas na qual foi produzido tal folheto, assim como, e talvez, principalmente, àquilo que diz respeito à dimensão ativa do consumo – sua capacidade de gerar, de criar práticas sociais e culturais.

Mas, nem por isso, vamos cruzar os braços. Precisamos de certos embasamentos para entender a literatura de folhetos nordestina como produção ligada a esse sujeito popular. Se determinado teórico se afasta de tal conceituação, outro se aproxima, nos mostrando as

---

<sup>12</sup> DARTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Op. Cit.

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Op. cit., p. 134.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p 56.

especificidades e imbricações contidas na cultura popular. O que se pretende é perceber o folheto de cordel ligado a um contexto social, sua produção, sua circulação, bem como os sentidos adquiridos na relação entre leitores e ouvintes. Sobre este “sujeito popular”, Nestor Canclini, em “Culturas Híbridas”, argumenta que:

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos.<sup>15</sup>

Conhecer a cultura popular é estar atento a detalhes que mantém vivo cada grupo social, sociedade, costumes, suas histórias, elementos que são indissociáveis de um conjunto mais amplo que se inserem na constituição de uma sociedade. Nas palavras de Peter Burke<sup>16</sup>, *a cultura popular varia de sociedade a sociedade e muda de um século a outro, que é “construída” socialmente e, portanto, requer explicação e interpretação social e histórica.* Diante do exposto, Marcos Ayala<sup>17</sup> busca situar a cultura popular enquanto processo dinâmico e atual no interior de uma sociedade dividida em classes. Como afirma, ainda, Victor Hell: *a cultura popular não é simplesmente o folclore, pois abrange toda uma maneira de viver; ela influi nas experiências e atividades que caracterizamos entre o nascer e o morrer.*<sup>18</sup>

Diante de tais argumentações, também é aceitável a idéia de Thompson, quando nos diz que:

Uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca, entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa (...) assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua inovação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e posições existentes dentro do conjunto.<sup>19</sup>

Dialogando com estes teóricos, percebemos que eles apresentam argumentações para conceituar o termo “cultura popular”, cada um à sua maneira. Mas todos percebem que encontrar definições para tal termo não é coisa tão simples. São vários os fatores que se

<sup>15</sup> GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 205.

<sup>16</sup> BURKER, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 21.

<sup>17</sup> Cf. AYALA, Marcos; AYALA, M<sup>a</sup> Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

<sup>18</sup> HELL, Victor. *A idéia de cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 110.

<sup>19</sup> THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Op. Cit., p. 17.

imbricam em um emaranhado de significados que só têm explicação diante do contexto em que estão inseridos.

O pensamento de Nestor Canclini nos chama atenção para o fato de que não existe uma cultura pura, que é preciso acabarmos com essas terminologias que utilizamos, tais como, popular, erudito, culto, tradicional ou pós-moderno. Se faz mister perceber que dentro deste universo que é a cultura popular, prevalecem o “hibridismo”, termo que para o sociólogo responde às mudanças e permanências que perpassam e se mantêm no meio social. Ou seja, a cultura popular é uma realidade viva, dinâmica e que está em contínua transformação, estando de acordo com o modo de agir, sentir e pensar de uma sociedade.

Em outras palavras, ao utilizar a literatura de folhetos, devemos estar atentos ao fato de que estes versos não representam a “voz do povo”, muito menos uma expressão totalmente popular só pelo fato de ser realizada por indivíduos que fazem parte das camadas populares.<sup>20</sup> Tem-se que estar atento à identidade de quem a produz e sua finalidade. Até porque não se toma a obra pela referência direta ao âmbito da sua produção, levam-se em conta as questões do consumo destes folhetos e da maneira como esta poesia será usada e a forma como cada leitura e ambiente de leitura interferem no texto.

Os folhetos sobre Getúlio Vargas analisados nesta pesquisa, por exemplo, estão impregnados de sentidos e discursos que são propalados entre diferentes sujeitos sociais e contextos, com objetivos muitas vezes além do esperado em termos de leitura e informações, no tocante principalmente à veiculação das propagandas políticas. Sendo assim, descreve Chartier sobre as apropriações do popular na sociedade:

O “popular” não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho do historiador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como “populares” em si, mas modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados.<sup>21</sup>

Retomando as discussões acerca do recorte temporal em que se situa esta dissertação, podemos afirmar que não foi uma idéia que surgiu do nada, partiu de uma

---

<sup>20</sup> Sobre estas discussões ver LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que Carpem: a morte na Literatura de cordel*. 2003. 208p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.. Nesta tese, a autora no seu primeiro capítulo traz uma contribuição importante no que se refere debate em torno do fato dos versos de cordel representarem a “voz do povo.”

<sup>21</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.8, nº 16, 1995. p. 184.

pesquisa sobre este tipo de poesia popular, visando destacar a importância dos folhetos como fonte para conhecer um pouco da história do país contadas em versos populares. Percebendo, então, que a literatura e a história associadas nos levam à busca de significados, de simbolismos e de novas interpretações. Em linguagem versificada e simples, a notícia e as histórias assumiam papéis de destaque quando percorridos interiores de vilas e cidades. Informando, divertindo ou ensinando, estabelecendo uma relação mais profícua com a mensagem e sua leitura, até porque este tipo de literatura versificada auxiliava na memorização.<sup>22</sup>

Partindo deste pressuposto, os folhetos sobre Getúlio tomaram rumos excepcionais, alcançando grande número de vendas, principalmente pelo papel jornalístico<sup>23</sup> que estes assumiam em contato com os diversos grupos sociais nos quais circulavam. Sobre este fato, Orígenes Lessa, em *Getúlio Vargas na literatura de cordel*, afirma que o poeta Delarme Monteiro da Silva, em um curto período de três semanas, vendeu cerca de 40.000 mil exemplares sobre a morte de Getúlio.<sup>24</sup> Percebe-se, com esta tiragem, a importância que tais “folhetos” exerciam em plena metade do século vinte, quando, mesmo existindo o rádio<sup>25</sup> como meio difusor de notícias, estes impressos não perderam campo para propagar suas informações.

É esta construção imagética em torno de Getúlio Vargas que não podemos desassociar dos folhetos de cordel e da forma como este político vem representado. Neste caso, cabe mencionar o trabalho do Georges Balandier, *O poder em Cena*, no qual este antropólogo associa o poder e seu maquinário de estratégias a um teatro. Para ele, a política é uma “teatrocracia” em que o grande “actor comanda o real pelo imaginário, pois são através das cenas produzidas por ele que se pode governar”.<sup>26</sup> Para o autor, é preciso manter toda uma

---

<sup>22</sup> Cf. CAMPOS, Carneiro Renato. *Folhetos Populares na Zona dos Engenhos de Pernambuco*. In: Boletim nº 4 do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas de Pernambuco, Recife 1955. Ver também o trabalho de GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Minas, 2000. A autora se propõe a estudar a relação que os folhetos mantêm com os leitores/ouvintes no tocante à memorização e aprendizagem.

<sup>23</sup> Sobre o papel jornalístico da literatura de cordel ver a tese de LUYTEN, Joseph M. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo. Estação Liberdade, 1992.

<sup>24</sup> LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro. Documentário, 1973, p.16. Ver também sobre esta grande produção de folhetos na década de 1950, SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O mercado, sua praça e a cultura popular no Nordeste: homenagem ao centenário do Mercado de São José – 1875 – 1975*. Recife: Prefeitura Municipal do Recife / Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

<sup>25</sup> Sobre a “Era do Rádio” ver NOSSO SÉCULO – 1930-1945. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Ver também ALMEIDA, Cláudio A. *Cultura e sociedade no Brasil: 1940-1968*. (Orgs) Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado. São Paulo: Atual, 1966. Também em uma minuciosa pesquisa destaca-se SEVCENKO, Nicolau. República: da Belle Époque à Era do Rádio. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3.

<sup>26</sup> BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Tradução de Ana Maria Lima. Minerva, Coimbra, 1999, p. 21.

produção de imagens, símbolos, cerimônias que possam trabalhar a transposição do poder. Neste sentido, a busca da representação do poder seria inevitável para se ter uma maior compreensão sobre a sociedade e suas práticas sociais. Portanto, não ficariam de fora as estratégias criadas por Vargas no Estado Novo, tendo à frente órgãos capazes de trazer tal legitimação, como exemplo maior, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que estabelecia a censura nos meios de comunicação e mitificava a imagem do presidente.

Como aponta Maria Helena Capelato<sup>27</sup>, para melhor entendermos a construção destas “representações”, é preciso estar atento para o fato de que as experiências utilizadas por políticos como Getúlio e Peron têm uma relação com as práticas Nazi-Fascistas, haja vista seu propósito de encontrar formas de controle social. Com este estudo, podemos perceber, por exemplo, que muitas expressões ou referências contidas no *corpus* sobre Getúlio advém desta circunstância histórica em que estava inserido o país.

Vale destacar que Vargas não ficou inerte durante o período em que esteve ausente da presidência. Ele foi eleito senador e deputado nas eleições de 1945 e retornou às ruas na campanha para presidente, em 1950 – data importante para a crônica cordeliana, por estar associada com a volta, o retorno triunfante do “pai dos pobres”. Com o lema “Ele Voltará”, os poetas populares não pouparam esforços para exaltá-lo. Getúlio era lembrado por sua atitude diante das massas trabalhadoras. Sobre este momento, Orígenes Lessa afirma:

Os folhetos se multiplicavam, não estimulados pelo situacionismo, não favorecidos pelas autoridades. Identificam-se com o “queremismo” e com o sebastianismo do “Ele voltará” que podem estar sendo manejados pelos políticos getulianos, mas correspondem nitidamente à vontade de um natural sentimento de admiração, um produto de consumo, um dos assuntos de maior extração nas praças, feiras e mercados.<sup>28</sup>

Derrotando Eduardo Gomes pela UDN e Cristiano Machado pelo PSD, Getúlio sai vitorioso, elegendando-se presidente pela primeira vez pelo voto direto. Foi um governo direcionado a uma economia intervencionista e nacionalista. Neste período, assinala Maria Celina Soares D’Araújo:

Foi criada a Petrobrás, lançados o projeto da Eletrobrás, depois de implantado o Fundo Federal de Eletrificação e o Plano do Carvão;

---

<sup>27</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, SP: Papirus, 1998. Ver também sobre a atuação do “DIP” LACERDA, Aline Lopes. *Fotografia e propaganda política: Capanema e o projeto editorial Obra Getuliana*. In: *Capanema: o ministro e seu ministério*. (Org.) Ângela de Castro Gomes, Rio de Janeiro: FGV, 2000.

<sup>28</sup> LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Op. cit., p. 71.

estabelecidos o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e o Banco do Nordeste do Brasil; estabelecida a Superintendência de valorização Econômica da Amazônia, depois de uma longa conferência sobre a região que juntou representantes das várias esferas governamentais, da inteligência e do empresariado; ampliadas as fontes de financiamento rodoviário; implantados a Capes – Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior e o programa nuclear (Álvaro Alberto); instituídos a Carteira de Colonização do Banco do Brasil e o Instituto Nacional de Imigração e Colonização; expandido o crédito agrícola, criando o seguro agrário e ampliado o sistema de garantia de preços mínimos; dada preferência, ao reaparelhamento de ferrovias e portos; lançada a base da indústria automobilística, com ênfase em caminhões e tratores, e a da expansão da indústria de base. Dificilmente alguma coisa do que se fez, depois, no país, deixou de partir das agências dinâmicas ou de fontes de recursos estabelecidos nos três anos e meio do segundo Governo Vargas.<sup>29</sup>

Mas esta política nacionalista desenvolvida por Vargas levou ao descontentamento vários setores da classe dominante, que não viam com bons olhos sua atuação política e econômica. Principalmente, no que se refere aos entraves dos privilégios do capital estrangeiro no nosso país e ao aumento do salário mínimo. Com relação a este período turbulento da vida política do país, Lessa ressalta que:

Alguns anos passam. A oposição cresce. Um vulto se destacava no combate a Getúlio: Carlos Lacerda. Vem a morte do major Vaz. Há um clima de expectativa e de angústia. Os acontecimentos se precipitam. Exige-se a renúncia do presidente para uma limpeza completa no “rio de lama” que corre por baixo do Catete. Vem a tentativa de uma licença de três meses. Getúlio resiste. De repente, na manhã de 24 de agosto de 1954, dois anos exatos da morte da Agamenom Magalhães, rebenta a negra notícia: Getúlio acaba de pôr fim à sua vida.”<sup>30</sup>

24 de Agosto de 1954, data em que Getúlio “*sai da vida e entra para história*”. Foi um momento de grande comoção para a sociedade brasileira; a notícia da sua morte, que chegara ao conhecimento da população pelas ondas do rádio, deixava todos estáticos. Era uma manchete bombástica, inacreditável para milhões de brasileiros. Assim, vários poetas, ao saberem deste episódio, aproveitaram o fato para escreverem seus versos e, desta forma, garantir lugar no mercado com este tipo de notícia. Segundo Curran, quase todos os cordelistas da época, tais como Minelvino Francisco Silva, Rodolfo Coelho Cavalcante, Delarme Monteiro da Silva, Azulão, Antônio Teodoro dos Santos, Cuíca de Santo Amaro,

<sup>29</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina. *O Segundo governo Vargas. 1951-1954*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 11-12.

<sup>30</sup> LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Op. cit., p. 115.

Manuel D’Almeida Filho, Joaquim Batista de Sena, Amador Santelmo, entre outros, venderam seus poemas ressaltando vida e morte de Getúlio.<sup>31</sup>

Podemos destacar como exemplos os folhetos *A morte do Presidente Getúlio Vargas*, de Rodolfo Coelho Cavalcanti, *A morte do presidente Getúlio Vargas* de Delarme Silva, *A morte do maior presidente do Brasil, dr. Getúlio Dornelles Vargas* de Manoel d’Almeida Filho, *A lamentável morte do Presidente Getúlio Vargas* de Francisco Arede, entre outras referências.

Diante do exposto, temos uma visão panorâmica do que representa este momento histórico delimitado nesta dissertação<sup>32</sup>. Poetas não mediram esforços ao falar da vida, obra e morte, contribuindo para a aclamação de Vargas. Sobre esta produção, Orígenes Lessa<sup>33</sup> nos apresenta dados impressionantes quanto à tiragem de cada folheto. Como já foi mencionado, os folhetos de Getúlio só não ultrapassaram, em termos de produção, os folhetos sobre o Padre Cícero, mas alcançaram números expressivos, mesmo depois de sua morte. Getúlio chegou à casa dos milhões, uma vez que as pessoas buscavam no cordel a última notícia, o último relato sobre o desfecho do caso. Sua morte, sua carta-testamento e até sua chegada ao céu foram temas tratados nos folhetos, por meio dos quais os poetas tentaram retratar a ausência de seu dirigente.

Todavia, os folhetos pesquisados que nortearam todas as discussões desta pesquisa nos apontam para a importância que este tipo de fonte documental tem para a historiografia brasileira, principalmente na primeira metade do século XX, quando este tipo de literatura atingiu seu apogeu, mantendo uma profícua relação entre seus leitores e ouvintes. Assim, a cada folheto, a cada poeta popular, nos deparamos com possíveis representações da imagem e do papel político desempenhado por Getúlio Vargas, possibilitando ao historiador “outras leituras” de momentos tão marcantes na história política de nosso país.

A organização desta dissertação se fez por meio de três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Folheto de cordel: o estado da arte*, dedicamo-nos a fazer todo um levantamento historiográfico sobre a fonte documental, averiguando, de forma sucinta, como este *corpus* de folheto é estruturado, os debates em torno da sua procedência, suas características quanto ao seu formato e a relação estabelecida entre poetas, leitores e ouvintes.

---

<sup>31</sup> CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. Op. cit., p.133.

<sup>32</sup> Sobre as questões econômicas da Era Vargas ver SZMRECSÁNYI, Tamás e GRANZIERA, Rui G. (Orgs) *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*. 2. ed. Rev. e Ampl. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP, HUCITEC, 2004.

<sup>33</sup> Ver LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Op. Cit, 1973, p.16.

O segundo capítulo, intitulado *Getúlio Vargas: um panorama da política nacional de 1945 a 1954*, tem como propósito fazer um balanço historiográfico ressaltando a trajetória política de Getúlio Vargas, seguindo desde o momento da sua deposição, em 1945, até sua morte, em 1954. Procuramos situar historicamente o porquê de estes tipos de folhetos populares obterem maior produção e circulação neste período. Assim, a leitura é permeada cruzando as informações de historiadores sobre o tema abordado com as poesias destes poetas, que representaram em seus versos passagens destes momentos.

No terceiro capítulo, *As representações de Getúlio no corpus de folhetos*, procuramos discorrer acerca das representações de poder contidas no *corpus* que serviu de fonte documental para estruturar esta dissertação. São folhetos raros, produzidos no período então delimitado. Sendo assim, nos debruçamos sobre as apropriações e representações textuais impressas nos versos destes folhetos, bem como as práticas culturais que são dadas pelos poetas populares acerca de Getúlio Vargas, expressando, dessa maneira, o significado que este estadista teve para o país.

Partindo desse arcabouço historiográfico e conceitual, pretendemos esclarecer de que forma os versos, nos folhetos de cordel, então impregnados de ideologias, sentidos e representações ligadas a um poder local e a um dado momento histórico.

Os folhetos de Getúlio Vargas pesquisados e trabalhados nesta dissertação encontram-se distribuídos em três locais: nos acervos particulares das pesquisadoras Marinalva Lima e Ângela Grillo; em coletâneas e publicações e nas principais instituições onde foram todos digitalizados e pesquisados no seu formato original. A saber, Fundação Joaquim Nabuco, Centro Cultural Benfica, ligado à Universidade Federal de Pernambuco, e a Biblioteca Átila de Almeida, em Campina Grande, a qual pertence à Universidade Federal da Paraíba.

Esta última contém a melhor coleção de folhetos do país, segundo pesquisadores da cultura popular, por não ter tantos títulos repetidos e conter muitas raridades. Também visitamos o site do Museu do Folclore da Biblioteca Amadeu Amaro, que dispõe de cerca de seis mil folhetos digitalizados. Foi a análise deste material que conduziu a pesquisa.

Esperamos, então, que a leitura desta dissertação possa contribuir para uma melhor compreensão de algumas passagens tão significativas da nossa história e que desperte em outros pesquisadores o interesse em mergulhar na história deste tipo de poesia impressa tão rica e importante para a nossa cultura, bem como chamar atenção para a preservação destes documentos, para que não se apaguem registros da memória social, política e cultural de nossa sociedade.

# Capítulo 1

## Folhetos de cordel: o estado da arte

Literatura de cordel  
A fruta doce e madura  
É jornalismo e ciência  
É folclore e cultura  
É a arte rica do mundo  
Tesouro da literatura

A literatura de cordel  
Tem força e tem vigor  
Ela continua viva  
No coração do trovador  
Na inspiração do poeta  
Que escreve com amor  
(Teo Macedo)

## 1. FOLHETOS DE CORDEL: O ESTADO DA ARTE

*A voz do passado tem importância para o presente.*

*(Paul Thompson)*

### 1.1 Gênesis e classificação: um debate longe do fim

O ato de contar histórias, seja em versos ou mediante a tradição oral, sempre fez parte da vida do homem em sociedade. O intuito dos indivíduos, ao adotar essa prática, é preservar suas histórias tradicionais, seus folguedos, suas danças, seu folclore, enfim, todos os conhecimentos que são repassados de geração a geração, como forma de manter viva sua memória. Esses conhecimentos são entendidos, neste trabalho, não como algo estático, acabado e sem modificações, mas como um constructo que recebeu influências étnico-culturais mediante sua inserção em um determinado grupo social, intercalando-se por meio de uma circularidade cultural.

Assim, procurando entender aspectos da formação da cultura brasileira através de suas histórias, narradas em versos, Manuel Diégues Júnior<sup>1</sup> nos chama a atenção para os elementos aglutinadores que constituíram “as raízes” desta manifestação poética, as quais estão associadas aos diversos grupos étnicos que aqui existem. Nesta perspectiva, esses elementos são entendidos como partes fundadoras que, no processo de sociabilidade, mesclaram e veicularam seus romances, sua poesia e seu cancionero, disseminando, desta forma, registros de suas reminiscências.

E não foram poucas suas contribuições das manifestações mencionadas anteriormente. Basta olhar de Norte a Sul do Brasil para encontrarmos, em cada espaço geográfico, uma nuance dos seus aspectos culturais e de suas identidades. Esses elementos vêm, com suas tradições, passando por modificações, se adaptando, ou seja, se reelaborando, acrescentando novos sentidos aos textos. Discorrendo acerca dessa formação, Manuel

---

<sup>1</sup> Cf. DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Formação do Folclore Brasileiro; origens e características culturais. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Ano II, nº 4, Set/Dez, 1962. Ver também DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel. In: *Literatura popular em versos: estudos*. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP; Rio de Janeiro: FCRB: Vozes, 1997, p. 31-52, nos fornecem subsídios para entender a formação da poesia popular.

Diégues ressalta, além do homem, como fator criador dos nossos valores culturais, a terra e a tradição.<sup>2</sup>

A terra, para o autor possibilitou mudanças no tocante à flora e à fauna, que passaram a fazer parte de seu cotidiano, substituindo, nos seus romances e poesias, aqueles que já eram consagrados em seus territórios; assim, as condições ambientais assumem papel singular nessas transformações. Quanto ao tradicional, é importante frisar que não foi este aspecto que se conservou das três etnias, mas a recriação, a qual, sob influências diversas, obteve outros significados, diversificando a nossa cultura, surgindo, desta forma, um folclore mais particularizado.<sup>3</sup> Podemos tomar como exemplo uma quadrilha junina. Esta conserva, de modo geral, sua tradição, sua forma, mas se renova quanto às apresentações, às vestimentas, às músicas e danças, mudanças que também são verificados em outras manifestações culturais, como no artesanato, no bumba-meu-boi etc.

Nestor Canclini, ao estudar as transformações por que passou a cultura popular, defende a idéia de que em toda sociedade os usos da cultura tradicional só se mantêm vivos mediante a continuidade desta produção, através de pessoas interessadas em manter sua herança e em renová-la, sejam eles artesãos, poetas populares, dançarinos, folcloristas músicos etc. Ele utiliza o termo “*culturas híbridas*” para designar o resultado de tais mudanças, as quais, inclusive, decorreram de sucessivos contatos com a indústria cultural da propaganda, do rádio, da televisão ou por qualquer outro artifício da sociedade moderna. Todavia, essas influências não são avaliadas como algo negativo, como afirma Canclini:

(...) é inegável que grande parte do crescimento e da difusão das culturas tradicionais se deve à promoção das indústrias fonográficas, aos festivais de dança, às férias que incluem artesanato e, é claro, à sua divulgação pelos meios massivos. (...)<sup>4</sup>

Neste caso, podemos perceber que a preocupação do autor, ao estudar tais alterações, é tentar entender de que forma ocorrem as interações com as forças da modernidade, como os grupos sociais e suas manifestações folclóricas dialogam com o antigo e o moderno na conservação de sua herança cultural. Para ele, a modernidade não veio para abolir as tradições, mas para acrescentar-lhe outros significados e, desta forma, integrar os grupos tradicionais.

<sup>2</sup> DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Op. Cit. p. 49.

<sup>3</sup> Idem, ibidem.

<sup>4</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p.217-218. Neste capítulo intitulado “A Encenação Popular”, Canclini nos apresenta um estudo mostrando que o desenvolvimento moderno não suprime as culturas tradicionais, muito pelo contrário, ocorre uma dinamização, uma hibridização destes com o meio inserido.

Tal concepção é partilhada por Aristóteles, quando diz que o poeta não deve romper com a tradição conservada nas histórias, e sim criar, servindo-se ativamente do legado tradicional.<sup>5</sup> Diante disso, a literatura de folhetos, entendida como manifestação da cultura popular, se vê diante dessa modernidade e assume papéis distintos quando propagados nos meios populares, não perdendo, entretanto, suas características originais quanto à função de ensinar, informar e divertir o público com seus versos rimados, que são difundidas com maior frequência através das narrativas orais do que da modalidade impressa.

A cultura popular e suas manifestações adquirem papel relevante no tocante à sua produção, manifestação e propagação. Sendo assim, procuramos apresentar um panorama dos mais recentes trabalhos e discussões acerca das histórias versejadas nos folhetos de cordel, demonstrando que, mesmo diante de tantas produções acadêmicas, surgem estudos sobre o cordel, evidenciando a importância que estes folhetos têm como fonte documental capaz de reconstituir, por meio de sua crônica poética, momentos que marcaram a história de nosso país.<sup>6</sup> Por sua vez, sua variação temática oferece aos pesquisadores um terreno fértil para se entender a relação deste tipo de poesia popular com seu público consumidor. Faz-se necessário deixar claro que o presente estudo não busca esgotar o que se tem produzido sobre a literatura popular em versos, mas travar um debate, demarcando o espaço que esta produção artística alcançou entre nós.

No tocante ao mundo clássico, destacamos os poemas da *Ilíada* e da *Odisseia*, que percorreram todo o mundo grego nas vozes dos cantadores que, ao som de um instrumento de cordas, a “phórmix”, faziam com que fosse ouvido seu canto. Tais poemas eram apreendidos por meio da leitura ou pela audição de recitais.<sup>7</sup> Quanto à importância de Homero e de sua poesia, Vidal-Naquet afirma: *Homero era o poeta por excelência, assim como a Bíblia é o livro dos judeus e dos cristãos, e como Dante, autor da Divina Comédia, é o poeta dos italianos de ontem e de hoje. Os jovens gregos aprendiam a ler com Homero.*<sup>8</sup> Diante de tal argumentação, pode-se fazer um paralelo com os folhetos nordestinos quanto à sua forma de veiculação e aceitação popular. Assim como no tempo de Homero, a poesia nordestina era recitada para várias pessoas em diferentes momentos e espaços, fatos que

---

<sup>5</sup> ARISTÓTELES. Poética. In: *Os pensadores*. Editora Nova Cultura, 1996, p. 43.

<sup>6</sup> Ver CALMON, Pedro. *História do Brasil na poesia do povo*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973. Este livro é uma antologia de documentos, de textos poéticos de várias fases decisivas da história do país contada por poetas populares e sua sensibilidade artística.

<sup>7</sup> VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 14-15.

<sup>8</sup> Idem, p. 19-20.

permitia à população ouvir, ler e divulgar tais histórias, bem como obter as informações desejadas.

Sendo assim, essas histórias versejadas facilitavam, para quem as ouvia, a compreensão dos acontecimentos sociais. Muitos iam às feiras regionais, como a de São Cristovão, no Rio de Janeiro, Largo da Concórdia, em São Paulo, Mercado de São José, em Recife, Passarinho, em Maceió e Alecrim, em Natal. Em todas elas, formavam-se rodas em torno do poeta, que lia suas histórias, procurando chamar atenção do comprador que, em muitos casos, não sabia ler, a oferta era sempre feita, claro, enfatizando seus versos, visando causar uma boa impressão e despertando a curiosidade de quem as ouvia tendo como objetivo final a compra do folheto.<sup>9</sup>

Aristóteles, na *Poética*, também destaca a importância da leitura e da forma como o poeta vai criar ou esboçar suas histórias, buscando facilitar, desta maneira, uma melhor compreensão do público ouvinte. Eram escolhidas, para este fim, fábulas que melhor representassem as ações humanas e seu imaginário.<sup>10</sup> Sobre o trabalho dos trovadores, José Tenório Rocha nos afirma:

Na Grécia antiga, era comum na Ágora (mercado) a presença de trovadores que divulgavam, cantando, suas produções literárias, único meio de difusão na época. Temas mais abordados eram estórias das regiões onde habitavam, feitos dos antepassados, principalmente os heróicos, valentia dos homens e glorificação dos desuses. Essas poesias eram transmitidas gerações após gerações, oralmente através da memória dos poetas”.<sup>11</sup>

Manuel Diégues Júnior<sup>12</sup> ressalta que a poesia impressa tem origens lusitanas, estando ligada às histórias tradicionais, às novelas, romances, histórias de guerras, conquistas e cavalaria que foram preservadas e conservadas na memória popular, “revelando o caráter do seu povo”.<sup>13</sup> É bom destacar que este tipo de poesia popular em Portugal não atingia apenas camadas populares, como destaca Diégues Júnior.

Márcia Abreu afirma que lavadeiras, carregadores, moleques de rua juntavam-se em torno dos cegos para ouvir histórias e adquirir folhetos, mas que professores, médicos,

<sup>9</sup> Cf. MEYER, Marlyse. *Autores de cordel*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 4.

<sup>10</sup> Cf. ARISTÓTELES. *Poética*. Op. Cit.

<sup>11</sup> ROCHA, José de Maria Tenório. *O mundo maravilhoso da Literatura de Cordel*. Maceió: SENEC/MEC, 1976, p. 9.

<sup>12</sup> DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel. In: et.al. *Literatura popular em versos: estudos*. Op. Cit. p. 31. Este estudo do Manoel é tido como um dos mais abrangentes acerca das origens do cordel. Cf. SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. Ver PROENÇA, Ivan Cavalcante. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro, Imago; Brasília, INL, 1976, p.28.

<sup>13</sup> SILVIO, Romero. *Estudos sobre a poesia popular*. Petrópolis: Vozes, 1977, p.31.

advogados, militares, reis e fidalgos também consumiam e utilizavam tais impressos. Segundo a autora, *não se pode defini-la como uma literatura dirigida exclusivamente às camadas pobres ou pressupor que ela expusesse e revelasse o ponto de vista popular, visto o interesse que despertava desde o rei até as senhoras da corte.*<sup>14</sup>

Sua denominação, *literatura de cordel* é originada em Portugal e deve-se ao fato de os impressos estarem presos a um barbante ou cordel exposto nas casas onde eram vendidos. Existe um consenso entre diversos estudiosos da poesia popular impressa quanto à procedência ibérica, merecendo destaque os estudos de: José de Ribamar Lopes<sup>15</sup>, Câmara Cascudo<sup>16</sup>, F. A. Pereira da Costa<sup>17</sup>, Idelette Muzart F. dos Santos<sup>18</sup>, Franklin Maxado<sup>19</sup>, Orígenes Lessa<sup>20</sup>, Joseph M. Luyten<sup>21</sup>, Silvio Romero<sup>22</sup>, Amadeu Amaral<sup>23</sup>, entre outros.

Não podemos deixar de ressaltar a contribuição da Márcia Abreu no tocante à sua preocupação de, por meio de um estudo comparado da literatura de cordel portuguesa e nordestina, localizar aproximações e diferenças quanto à procedência lusitana. Para a autora, a relação não se dá de forma “plasmada”, ou seja, de forma totalmente direta, como propunham alguns estudiosos. É necessário perceber a “recepção” que este tipo de impresso obteve em terras americanas e sua difusão entre os grupos sociais, bem como entender a obtenção de uma veiculação tão peculiar no Nordeste brasileiro, assumindo formas poéticas e estilos diferentes dos impressos portugueses.

Neste caso, concordamos com Márcia Abreu quanto às especificidades deste tipo de literatura impressa, que assumiu em terras tropicais seu caráter peculiar. Não podemos analisar o fato focando apenas o elemento da “procedência ibérica”, mas perceber que este se trata de um conjunto de fatores, inclusive o ambiente social e cultural que representa um ponto de partida para que tais estórias fossem produzidas.

---

<sup>14</sup> ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB, 1999. Originalmente apresentada como Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, 1993, p.42-45.

<sup>15</sup> LOPES, José de Ribamar. (Org.). *Literatura de Cordel*. Antologia. Fortaleza, BNB, 1982.

<sup>16</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco Livros do povo*. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1994.

<sup>17</sup> COSTA, F. A. Pereira da. *Folk-lore Pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*. 2. ed. Recife: CEPE, 2004.

<sup>18</sup> SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

<sup>19</sup> MAXADO, Franklin. *O que é Literatura de Cordel ?* Op. Cit.

<sup>20</sup> LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro. Documentário, 1973.

<sup>21</sup> LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense. 1983.

<sup>22</sup> SILVIO, Romero. *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*. Op.Cit.

<sup>23</sup> AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 2. ed., São Paulo, Hucitec, 1976.

Nesse contexto, Marinalva Lima<sup>24</sup> mantém um diálogo com Márcia Abreu na sua tese “A morte na Literatura de Cordel” no que se refere à problemática ligada à sua procedência. Vilar também concorda com Márcia quando diz que não se pode olhar esta fonte documental como sendo um elemento totalmente “popular”, muito menos ligado às histórias ibéricas, tendo em vista contextos históricos totalmente diferentes.

No folheto *A história da Literatura de cordel*<sup>25</sup>, de Abdias Campos, podemos constatar uma explicação para sua origem:

Sua primeira feitura  
Na Europa aconteceu  
Tipógrafos do anonimato  
Botaram o folheto seu  
Pra ser vendido na feira  
E assim se sucedeu

Foi Portugal que lhe deu  
Este nome de cordel  
Por ser vendido na feira  
Em cordões a pleno céu  
Histórias comuns, romances  
Produzidos a granel.<sup>26</sup>

Em outro folheto, *Nordeste Cordel Repente Canção*<sup>27</sup>, de Delarme Monteiro, o autor menciona o porquê do nome cordel:

Cordel, pra mim é isto  
Não é mais do que se não  
Esse fio para embrulhos  
De nilon ou de algodão  
Que todo mundo conhece  
Vulgarmente por cordão.  
[...]

Dáí chama-se cordel  
Coisa que ninguém contesta  
Pois são livros populares  
Numa linguagem modesta  
Pendurados no cordão  
Como bandeiras de festa.

<sup>24</sup> Ver LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que Carpem: a morte na literatura de cordel*. 2003, 208p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. No capítulo “O lugar da morte: poética popular e representação do morrer” autora nos remetem a uma discussão acerca da caracterização dos folhetos enquanto elemento da cultura popular.

<sup>25</sup> CAMPOS, Abdias. *A história da literatura de cordel*. 5. ed., Folhetaria Campos de Versos. Recife, [s/d.]

<sup>26</sup> Idem, p. 2, estrofes 1 e 2.

<sup>27</sup> MONTEIRO, Delarme. *Nordeste Cordel Repente Canção*. [s/n., s/d], Bezerros – PE, p. 1-2, estrofe 1 e 2.

Também houve um período em Portugal que essa produção era conhecida como *literatura de cego*, em decorrência de uma lei, promulgada por D.João V, em 1789, que concedia à Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos de Lisboa o direito de comercializar tais folhetos.<sup>28</sup> Sobre esse episódio, Abdias escreveu:

Portugal ainda lança  
Um monopólio cedido  
Por ordem de D.João V  
Podendo ser só vendido  
Pelos cegos de Lisboa  
Por direito adquirido.<sup>29</sup>

Mas esse tipo de literatura popular não era exclusivamente lusitano; outras regiões da Europa e da América Latina também produziram sua literatura popular; na Espanha, chamado de *pliegos sueltos*; na Argentina, México, Nicarágua, Peru, chamados de *hojas*, *contrapunto* ou *corridos*; na França, de *littérature de corpotage*; na Inglaterra, *cocks* ou *catchpennies* e *broadsides*; na Holanda de *pamflet* e nos Estados Unidos de *boardside ballads*.<sup>30</sup> Cada qual assumindo características diversas quanto às histórias recitadas, levando-se em conta os aspectos socioculturais.

Diante deste fato e concordando com Manuel Diégues, Veríssimo de Melo nos relata que na Alemanha, durante o século XVI, já circulavam panfletos, principalmente destacando temas portugueses, frutos das experiências e aventuras das grandes navegações, como, por exemplo: A viagem de Américo Vespúcio, em 1501, ao Brasil, Cópia da Nova Gazeta da Terra do Brasil; Carta latina de D. Manuel I, de Portugal, ao Papa Júlio II, sobre a tomada de Malaca pelos portugueses; Carta de Damião de Góis ao Cardeal Bembo, sobre as campanhas lusitanas na Índia; bem como as histórias da batalha de Alcacér Quibir e a morte

<sup>28</sup> GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: Histórias na Literatura de cordel (1900-1940)*. 2005, 257p. Tese (Doutorado em História), Instituto de Ciências e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, p. 31. Sobre esta concessão ver ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Op. Cit. p. 28-29.

<sup>29</sup> CAMPOS, Abdias. *A história da literatura de cordel*. Op. Cit. p.03, estrofe 2.

<sup>30</sup> DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel. In: et.al. *Literatura popular em versos: estudos*. Op. Cit. p. 32-35. Acerca dos impressos nos Estados Unidos ver, MAXADO, Franklin. *O que é Literatura de Cordel?* Op. Cit. p. 28. Quanto aos impressos holandeses ver LOPES, José de Ribamar. (Org.). *Literatura de Cordel*. Antologia. Op. Cit. p. 11 e EHRHARDT, Marion. *Histórias alemães do século XVI sobre Portugal* Apud MELO, Veríssimo de. *Origens da literatura de Cordel*. In: *Humboldt*, nº 34, 1977, p.81-82. Cf. MAXADO, Franklin. *O que é Literatura de Cordel?* Op. Cit. p.24. Merece ainda destacar a contribuição de LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1983. Este autor refaz uma trajetória da presença deste tipo de literatura popular no mundo. Sobre as produções de folhetos na França ver CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo, Portugal, Difel, 2002. Podemos ainda destacar o capítulo O cordel, uma visão histórica In: \_\_\_\_\_, CAVALCANTI, Carlos Alberto de Assis. *A Atualidade na literatura de cordel*. Recife, 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

de D. Sebastião. Todas essas histórias circularam como folhetos em alemão, tendo grande aceitação por onde passavam.<sup>31</sup>

Quanto aos estudos relacionados aos panfletos holandeses, esses nos chegaram por meio do Prof. José Gonçalves de Melo, que os identificou quando examinava documentos relativos à dominação holandesa no Brasil. Sobre este conteúdo, o autor nos afirma que: *Os temas tratados, pelo menos com relação ao Brasil, que são os que unicamente conhecem, são políticos, econômicos, militares, quando não são terrivelmente pessoais.*<sup>32</sup> Verifica-se, portanto, que não se trata de uma literatura popular exclusivamente ibérica e sim de histórias que, vinculadas em prosa ou versos, percorriam diferentes lugares e contextos sociais.

E o poeta assim verseja:

Com esse mesmo papel  
Era na Espanha vendido  
Como “pliegos sueltos”  
Assim era oferecido  
Em tabuleiro ambulante  
Ao pescoço prendido.<sup>33</sup>

Tinha lugar garantido  
Nas feiras livres da França  
Na Alemanha também  
Muito sucesso ele alcança  
Essas pequenas brochuras  
Que tanta história romança.<sup>34</sup>

Quanto ao Brasil, o debate em torno da gênese desse tipo de literatura tomou outros rumos com a tese de Doutorado de Márcia Abreu, *Histórias de Cordéis e folhetos*. Como mencionamos anteriormente, neste estudo a autora afirma ser, a nossa literatura, uma produção totalmente diferente daquela produzida na Península Ibérica, havendo entre elas distinções quanto à produção, temática e circulação de textos. Para a autora, não é, simplesmente, pelo fato de termos versões nordestinas de histórias ibéricas, como – *História da Donzela Teodora, a História de Pierre e Magalona e a História da Imperatriz Porcina* - que nos daria o direito de afirmar categoricamente sua origem.<sup>35</sup> Portanto, Márcia Abreu nos menciona:

<sup>31</sup> MELO, José Antônio Gonçalves de. Apud MELO, Veríssimo. Op. Cit. p. 82.

<sup>32</sup> Idem, ibidem.

<sup>33</sup> CAMPOS, Abdias. *A história da literatura de cordel*. Op. Cit. p.02, estrofe 3.

<sup>34</sup> Idem, p. 03, estrofe 1.

<sup>35</sup> ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Op. Cit.,p.129.

Nada nesse processo parece lembrar a literatura de cordel portuguesa. Aqui, havia autores que viviam de compor e vender versos; lá, existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessavam mais as vidas de nobres e cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público. Mesmo havendo significativas diferenças entre o cordel português e os folhetos nordestinos no que tange ao modo de produção, circulação e público, o ponto central de divergência entre as duas produções diz respeito aos textos. Os folhetos nordestinos possuem características próprias que permitem a definição clara do que seja esta forma literária.<sup>36</sup>

Em seu trabalho, Márcia Abreu cita um folheto intitulado *Origem da literatura de folheto e sua expressão de cultura nas letras de nosso país*<sup>37</sup>, pertencente a Rodolfo Coelho Cavalcante, que expressa muito bem as diferenças acima referidas:

Cordel quer dizer Barbante  
 Ou senão mesmo Cordão,  
 Mas Cordel-literatura  
 É real expressão  
 Como fonte de cultura  
 Ou melhor: poesia pura  
 Dos poetas do sertão.

Na França, também Espanha  
 Era nas Bancas vendida,  
 Que fosse em prosa ou em verso  
 Por ser a mais preferida,  
 Com o seu preço popular  
 Poderia se encontrar  
 Nas esquinas da Avenida.

Era em pequeno volume  
 A edição publicada,  
 Tamanho 15 por 12  
 Pra melhor ser consultada,  
 Isso no Século XVIII  
 Depois de noventa e oito  
 Foi aos poucos desprezada.

<sup>36</sup> Idem, p. 104-105.

<sup>37</sup> CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Origem da literatura de folhetos e sua expressão de cultura nas letras de nosso país*. [ s/l., s/n, s/d.], 1984. Apud ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Op. Cit., p.105-106. Ver também PAVAN, Alexandre. Em versos. *Revista de Educação*, nº 246, Out. 2001, p. 60-66.

Mas, diante do debate, os pesquisadores mencionados, concordam em um ponto: que as histórias vindas do além-mar sofreram modificações ao tocarem em solo brasileiro. É inegável que a nossa produção de folhetos tem suas raízes nas histórias trazidas pelos colonizadores europeus, que, junto com os negros vindos da África como escravos e os povos nativos que aqui habitavam o território, forneceram elementos para criar uma poesia particularmente brasileira, poderíamos até dizer autônoma, se levarmos em conta a diversidade temática de suas histórias. Corrobora, pois, Cascudo, quando afirma que os assuntos são infinitos, levando-se em conta a complexidade de temas abordados, como os motivos políticos, locais e regionais.<sup>38</sup>

O contexto histórico fez com que tais produções transitassem do oral, a princípio, tendo em vista o analfabetismo de grande parte da população, até a forma escrita, obtendo grande êxito com a difusão das tipografias, o que deu suporte material para a impressão e transmissão, facilitando a sua veiculação.<sup>39</sup> É interessante mencionar Edilene Matos quando diz que a influência da escrita dá-se de modo parcial, pois nela as marcas da oralidade permanecem fortes, se afirmam, chegando a ser o elemento norteador de toda produção poética.<sup>40</sup>

Realmente, o Brasil obteve certo isolamento e atraso com relação às publicações dos impressos, uma vez que o governo colonial não permitia a instalação de escolas, muito menos a circulação de livros e impressos que viessem trazer algum esclarecimento que pudesse pôr em cheque a dominação metropolitana, preferindo, dessa maneira, deixar certa parcela da população na ignorância, a fim de ter um controle mais sistemático da sociedade. Tal isolamento só era quebrado pela passagem de tropeiros, boiadeiros, missionários, beatos, mascates e ciganos.<sup>41</sup> Esse quadro só veio sofrer alterações quando chega ao Brasil a Família Real Portuguesa, em 1808, motivada pela invasão francesa de Napoleão, obrigando a corte a se mudar para sua colônia na América, na qual funda a Tipografia Régia, facilitando, desta forma, a circulação de impressos.<sup>42</sup>

<sup>38</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco Livros do povo*. Op. Cit. p.11.

<sup>39</sup> Para este assunto ver GRILLO, Maria Ângela de Faria. O Folheto: entre a escrita e a oralidade. In: \_\_\_\_\_ *A arte do povo: Histórias na Literatura de cordel (1900-1940)*. Op.Cit. p.75-82.

<sup>40</sup> MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004, p.48.

<sup>41</sup> MAXADO, Flanklin. *O que é Literatura de Cordel ?* Op. Cit. p. 29.

<sup>42</sup> LUYTEN, Joseph M. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo. Estação Liberdade, 1992. p.15. Para maiores informações sobre as mudanças oriundas da permanência portuguesa no Brasil ver CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. A crise do colonialismo Luso na América Portuguesa 1750/1822. In: LINHARES, Maria Yedda. (Org.). *História do Brasil*. 6. ed., Rio de Janeiro: Campus, 1996. p. 119. Cf. CABRAL, Geovanni Gomes. *A literatura de cordel como fonte histórica*. 2003. 61p. Monografia (apresentada ao final curso de pós-

Mas é no Nordeste brasileiro que este tipo de literatura tomou singularidade. O próprio ambiente sócio-cultural permitiu um campo fértil para o desenvolvimento de várias histórias que marcaram a produção deste tipo de impressão popular. Assim, segundo Manuel Diégues:

Por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia da região cultural. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.<sup>43</sup>

Versejando sobre as condições sócio-ambientais, Abdias Campos nos informa que:

O cordel introduzido  
No Brasil foi gradual  
Maior parte dos folhetos  
Como patrimônio oral  
Ingressou principalmente  
Como histórias de sarau<sup>44</sup>

Foi o Nordeste o local  
Que lhe brasileirizou  
Nos serões familiares  
Dos sertões onde chegou  
Levando alegria ao povo  
Pela voz do cantador

Conduzia o rumor  
De histórias da redondeza  
Noticiadas em versos  
Dadas com toda clareza  
A uma população  
Que se tornava freguesa

Desde as casas de riqueza  
Nas varandas das fazendas  
Até os dias de feira

---

graduação *stricto sensu* em Ensino de História) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, p.15.

<sup>43</sup> DIÉGUES JÚNIOR, Manoel. Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel. In: et. al. *Literatura popular em versos: estudos*. Op. Cit. p. 40. Cf. GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da Selva: história da migração nordestina para a Amazônia*. Apresentada originalmente como Tese de doutoramento em História pela UNICAMP. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006, p. 126.

<sup>44</sup> CAMPOS, Abdias. *A história da literatura de cordel*. Op. Cit. p.3, estrofe 3.

Entre os escombros de vendas  
 Histórias eram cantadas  
 De verdadeiras a lendas.<sup>45</sup>

Partindo desta singularidade, assumida em solo nordestino, são produzidos folhetos que tinham um formato de 10cm X 16cm, 11cm X 16cm, compostos por uma capa e miolo, impressos em papel tipo jornal, bastante frágil e de pouca durabilidade. Suas capas apresentavam algumas imagens que, na maioria dos casos, serviam para atrair o leitor para a compra do mesmo. Sobre as capas destes folhetos trataremos mais adiante. Quanto ao número de páginas, variavam entre 8, padrão denominado de *folheto*, aos de 16 páginas, conhecidos como *romances*, e de 32, 48 ou 64, chamados de *histórias*.<sup>46</sup> Segundo Liêdo, estes dois últimos deixaram de ser produzidos por causa do alto custo da impressão tipográfica. Ele cita também que a denominação variava de região para região e por meio de suas andanças pelo nordeste brasileiro, pôde constatar as seguintes denominações: “obra”, “livros”, “livros de versos”, “poesias populares”, “livro de Ataíde”, “estória do meu padrinho Cícero”, “Arrecifes” e “ABC’s.”<sup>47</sup>

Quanto ao nome do autor, este deve aparecer na primeira página, assim como o do editor (este é aquele que compra os direitos do poeta), mas como diz Mark Curran, isto varia conforme o caso, já que em muitos folhetos, embora não apareça o nome do autor na capa, ele vem em forma de acróstico na última estrofe.<sup>48</sup> Vejamos alguns exemplos destes acrósticos:

**P**eço a Dona Alzira Vargas  
**E**ntre Suspiro e ai,  
**R**ecomendar-me a família  
**E**sfinge que nunca cai,  
**I**spiradora diletta  
**R**ainha de um poeta  
**A**migo do nosso pai.<sup>49</sup>

**L**utemos povo, lutemos  
**U**nidos, que assim teremos  
**M**ais força qu'inda não temos  
**E**ncorporada união

<sup>45</sup> Idem, p. 4, estrofes 2, 3 e 4.

<sup>46</sup> LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. Op. Cit. p.40-41.

<sup>47</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Classificação popular da Literatura de Cordel*. Petrópolis: Vozes, 1976. p.13. Sobre a denominação de “arrecife” por ser proveniente de Recife no momento do seu auge, ver MAXADO, Franklin. *O que é Literatura de Cordel ?* Op. Cit. p. 42.

<sup>48</sup> CURRAN, Mark J. *A literatura de cordel*. Recife, Imprensa Universitária de Pernambuco, 1973, p.15.

<sup>49</sup> SOBRINHO, Manoel Pereira. *O Suicídio do Presidente Getúlio Vargas*. [s/l, s/n, s/d.] p.8, estrofe 31. O destaque em negrito é como se encontra no original.

Resistindo a reação  
 Que inda virá um dia  
 Uma só democracia  
 Em prol de nossa nação!Fim.<sup>50</sup>

Esta foi uma forma de preservar a autoria, já que muitos folhetos eram reeditados com nomes de outros poetas. Na contracapa, está reservado o espaço para a propaganda do editor, que coloca seus anúncios, e as do poeta, que além de anunciar novidades diante de novas impressões, também indica o seu endereço ou da tipografia em que edita seus folhetos. É um espaço em que o poeta denuncia ao leitor as ameaças de editores, acusados de roubarem suas histórias. Sobre o tema, Mark Curran, no artigo intitulado “A ‘página editorial’ do poeta popular”<sup>51</sup>, realizou uma pesquisa com cerca de cem folhetos, na qual é possível constatar a seguinte classificação, quanto ao propósito editorial do poeta que imprimia folhetos:

1. Propaganda poética do poeta-editor.
2. Propaganda comercial paga ao poeta-editor.
3. Propaganda política-paga ou voluntária.
4. Orações atribuídas ao Padre Cícero de Juazeiro.
5. Homenagens feitas pelo poeta-editor.
6. Propaganda de horóscopos e astrologia popular.
7. Dados biográficos dos poetas, condecorações e aniversários deles.
8. Notícias e propaganda das organizações poéticas.
9. Declarações sobre as qualidades estéticas da poesia.
10. Declarações dos direitos autorais.

Em termos de classificação, muitos são os autores que tentaram encontrar uma forma de enquadrar os folhetos e sua diversidade temática, esta que inclusive tomava proporções cada vez mais complexas no intuito de enquadrá-la neste ou noutro modelo classificatório. A diversidade justifica-se por se tratar de uma produção que abarcava histórias da vivência popular, que contemplava contos maravilhosos, tradição religiosa, casos de enchentes, festas, secas, sátira, misticismo, personalidades políticas, cangaceiros, heroísmo, etc.

<sup>50</sup> LUMERQUE, Luiz Gomes. *A vitória do Presidente Getúlio Vargas*. [s/l, s/n], 1950, p.8, estrofe 32.

<sup>51</sup> CURRAN, Mark J. A “página editorial” do poeta popular. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Ano XII, nº 32, p. 5-6 Jan /Abr 1972. Acerca deste tema MATOS, Edilene. Cuíca de Santo Amaro: *o boquirroto de megafone e cartola*. Op. Cit. p.109-116. A autora faz um estudo das contracapas dos folhetos de Cuíca de Santo Amaro onde destaca paródias, anúncios, propaganda eleitoral e propaganda comercial.

Entre os estudiosos da poesia popular que contribuíram com um modelo classificador, podemos mencionar: Ariano Suassuna, Orígenes Lessa, Manuel Cavalcanti Proença, Ivan Cavalcanti Proença, Manoel Diégues Júnior, Roberto Câmara Benjamim, Alceu Maynard Araújo, Liêdo Maranhão de Souza, Sebastião Nunes Batista, Carlos Alberto Azevedo, Marlyse Meyer, José de Ribamar Lopes, Franklin Maxado, Maria José Londres, Eduardo Diatahy, José Alves Sobrinho, além, claro, de pesquisadores estrangeiros, como é o caso de Paul Zumthor e Raymond Cantel.<sup>52</sup>

Percebe-se, portanto, que diante de tantas classificações e enquadramento desta literatura popular em versos, fica quase impossível dizer se este ou aquele enquadrou melhor os folhetos, até porque tudo se passa com um tipo de produção que está ligado diretamente a diferentes camadas sociais e suas práticas culturais<sup>53</sup>. A sociedade utiliza a poesia impressa para se informar, se divertir, fazer críticas à política nacional, para aprender a ler, tendo em vista a facilidade com que os versos deixam fluir a comunicação.

O certo é que estando ou não obedecendo algumas destas classificações, os folhetos assumem sua própria identidade quando entram em contato com o leitor/ouvinte. Seus versos são memória, documento e registro de uma sociedade em dado momento histórico.

Estas histórias, na verdade, podem se encaixar em várias temáticas diferentes. Portanto, é um procedimento utilizado quando se menciona o folheto, porém superado, pois os títulos podem migrar de uma temática para outra. Vejamos, como exemplo, este folheto sobre Getúlio Vargas de João Martins de Athayde, intitulado “*A Chegada do Presidente Getúlio Vargas a Pernambuco. As grandes homenagens do Leão do Norte ao seu grande Chefe Nacional*”<sup>54</sup> que diz:

PERNAMBUCO é berço heróico  
De uma raça varonil;  
Seu povo é forte e guerreiro  
E tem no peito viril  
A rigidez dos tacapes  
Que out’ rora nos guararapes,  
Lutaram pelo Brasil

<sup>52</sup> GRILLO, Maria Ângela de Faria. O Folheto: entre a escrita e a oralidade. In: \_\_\_\_\_. *A arte do povo: Histórias na Literatura de cordel (1900-1940)*. Op.Cit. p. 131-139. Na sua tese Ângela Grillo faz um mapeamento destes autores e suas classificações permitindo assim ao leitor uma maior abrangência quanto essa miscelânea de folhetos. Agora frisar ressaltar que a autora não vê serventia alguma nesses exercícios classificatórios.

<sup>53</sup> Cf. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Op. Cit.

<sup>54</sup> ATHAYDE, João Martins. *A chegada do Presidente Getulio Vargas a Pernambuco. As grandes homenagens do Leão do Norte ao seu Chefe Nacional*. Recife, 1943, p.01, estrofes 1, 2 e 3.

Resurge na tua gloria  
 Com o esplendor do passado,  
 Com o seu verbo inflamado  
 Agita a juba, Leão  
 Aplauda com devoção,  
 Um grande chefe de estado

Getulio Vargas é um nome  
 Que tem luz e tem calor,  
 É o sol da pátria brilhando  
 Astro de grande esplendor  
 Tem tão grande coração  
 Que toda população  
 Tem-lhe respeito e amor.

Um folheto como este, na classificação de Ariano Suassuna, aparece como ciclo histórico, em Manuel Cavalcanti como Getúlio Vargas, em Manuel Diégues Júnior como elemento humano, já em Roberto Câmara Benjamim como informativo, Sebastião Nunes Batista como político, José de Ribamar Lopes como cordel urbano e Liêdo como folheto de Getúlio. Percebemos que este folheto se enquadra em diferentes classificações, deixando claro que sua categorização se dá mediante o que se quer extrair dele. Desta forma, se as classificações não dão conta da totalidade de significados que os folhetos podem vir a expressar, ainda assim fornecem ao pesquisador um certo ordenamento quanto às suas temáticas.

## 1.2 As primeiras Histórias Impressas

Segundo Câmara Cascudo, não podemos saber ao certo o que liam os brasileiros nos séculos XVI e XVII na sua totalidade. De acordo com Cascudo, circulavam volumes de orações, sermões e alguns livros de exemplos, os quais eram lidos nos serões noturnos ou contados em rodas de amigos. Com isso, ele destaca a circulação de histórias eruditas que foram reimpressas a partir de 1840, entre elas: *Donzela Teodora*, *Imperatriz Porcina*, *Roberto do Diabo*, *Princesa Magalona*, *João de Calais*, *História do Imperador Carlos Magno* e *os Doze Pares de França*.<sup>55</sup> Todas essas histórias viraram folhetos brasileiros, que circulavam pelo

---

<sup>55</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco Livros do povo*. Op. Cit. p. 13.

país, reeditados, versejados, declamados ou cantados; a estes, o autor denominou de “Cinco Livros do Povo”, pelo fato de terem obtido uma grande aceitação entre a população.<sup>56</sup>

Outras pesquisas nos revelam a dificuldade que existia para circulação de livros que vinham diretamente da Corte para o Brasil, que por sua vez não escapavam dos tribunais inquisitoriais, como afirma Luiz Carlos Villalta, talvez pelo fato de alguns deles serem vistos como ameaça à ordem constituída.<sup>57</sup> Tendo assim:

(...) a propriedade de livros se concentrando nas mãos de um reduzido número de pessoas e se limitado a uns poucos títulos, preponderantemente de cunho devocional. Os donos de bibliotecas, em sua maioria, eram membros das elites, que combinavam a propriedade (de terras, gado e minas) ou o envolvimento no comércio a ofícios que exigiam uma educação mais esmerada. Assim, clérigos, advogados, médicos e funcionários públicos dos altos escalões destacaram-se como os principais proprietários de livrarias.<sup>58</sup>

Quanto aos primeiros folhetos que circularam no Brasil, sabe-se que estavam associados às histórias de três grandes nomes da poesia popular: Leandro Gomes de Barros, Chagas Batista e João Martins de Athayde. Estes propagaram, por meio de seus versos, histórias que eram lidas e relidas, que percorriam o sertão, se faziam presentes nas feiras livres, nos saraus, na reunião familiar após o almoço, nas rodas de amigos ou, como afirma Renato Campos, eram um elemento de distração no momento de folga do trabalhador, mesmo que estes tivessem que ouvir a leitura de algum indivíduo alfabetizado.<sup>59</sup>

Assim expõe o poeta Abdias Campos:

Conduzia o rumor  
De histórias da redondeza  
Noticiadas em versos  
Dadas com toda clareza  
A uma população  
Que se tornava freguesa.

Desde as casa de riqueza  
Nas varandas das fazendas  
Até os dias de feira  
Entre os escombros de vendas  
Histórias eram cantadas

<sup>56</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed., São Paulo: Global, 2006, p. 209.

<sup>57</sup> VILLALTA, Luiz Carlos. A censura, a circulação e a posse de romances na América Portuguesa (1722-1822). In: *Cultura letrada no Brasil: Objetos e práticas*. ABREU, Marta, SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs). Op. Cit., p. 161-181.

<sup>58</sup> \_\_\_\_\_. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: *História da vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 385.

<sup>59</sup> CAMPOS, Renato Carneiro. Folhetos populares na zona dos engenhos de Pernambuco. In: *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas*, nº 4, Recife, 1955, p.48.

De verdadeiras a lendas<sup>60</sup>

De inúmeras contendias  
Entre grandes fazendeiros  
Sobre as pegas de bois  
Vitoriosos vaqueiros  
Que se tornavam famosos  
Em coma dos tabuleiros

Dos peregrinos romeiros  
Da mocinha apaixonada  
Dos ciganos que viviam  
A procura de estrada  
Dos sinais vindos do céu  
Anunciando a invernada

Sempre em versão cantada  
Assim o cordel viveu  
Antes de 1900  
Primeira edição se deu  
De lá pra cá permanece  
Mantendo o legado seu.<sup>61</sup>

Existem algumas divergências quanto à datação do primeiro folheto impresso. Ariano Suassuna aponta um folheto datado de 1836, intitulado *Romance da Pedra do Reino*; já Orígenes Lessa tem um folheto de 1865, *Testamento que faz um macaco*; Cascudo cita como sendo o primeiro folheto *Zezinho e Mariquinha*, de autoria de Silvino Pirauá.<sup>62</sup> Por sua vez, José Alves Sobrinho confirma os estudos de Cascudo: para ele, dois cantadores se destacaram como pioneiro Silvino Pirauá Lima e Germano Alves de Araújo Leitão, que do sertão paraibano escreviam e cantavam ao som de violas, romances e pelejas, caindo na graça popular<sup>63</sup>.

Mas foi com Leandro Gomes de Barros que a poesia popular nordestina deu um pontapé inicial em termos de veiculação, seu poema mais antigo data de 1893. Leandro tornou-se proprietário de uma tipografia no Recife, a Tipografia Esperança, imprimindo tanto seus livros como também de outros poetas, por volta de 1910. Ruth Terra nos relata que, entre os anos de 1904 e 1930, existiam um total de 20 tipografias; Recife contava com 9, assumindo a liderança da produção.<sup>64</sup>

<sup>60</sup> CAMPOS, Abdias. *A história da literatura de cordel*. Op. Cit, p.04, estrofes 2 e 3.

<sup>61</sup> Idem, p.5, estrofes, 1, 2 e 3.

<sup>62</sup> MAXADO, Franklin. *O que é Literatura de Cordel ?* Op. Cit. p.30-31.

<sup>63</sup> ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Op. Cit., p.22. Ver MEYER, Marlyse. *Autores de Cordel*. São Paulo: Abril Educação, 1980, p. 8-9.

<sup>64</sup> TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memória de Luta: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983, p.24. Cf. ver LOPES, José de Ribamar. (Org.). *Literatura de Cordel*. Antologia. Op.

É interessante ver que muitos poetas rejeitavam a publicação de seus folhetos, preferiam deixá-los em um caderno anotado para serem lidos nas apresentações orais. Outros, por sua vez, não tinham a intenção de editá-los, mas seguindo os passos de Leandro Gomes de Barros, outros poetas se destacaram na produção de folhetos impressos, pelo menos até a década de 1930, como José Adão Filho, Firmino Teixeira do Amaral, João Martins Athayde, Francisco das Chagas Batista, Antonio Ferreira da Cruz, José Galdino da Silva Duda, Belarmino de França, Antônio Batista de Guedes, Libânio Mendes de Lima, Silvino Pirauá de Lima, João Melchíades Ferreira da Silva, Antonio Mulatinho, Cícero Sidrônio do Nascimento, Francisco Marabá, Heitor Martins de Athayde, José C. Correia, Luis da Costa Pinheiro e Mariano Riachinho.<sup>65</sup>

O folheto de Antonio Américo de Medeiros<sup>66</sup> *Os mestres da Literatura de Cordel* descreve tal passagem:

Nosso cordel começou  
Com Silvino Pirauá  
E Leandro Gomes de Barros  
Como na História por Recife  
Começou tudo por lá.

Pirauá filho de Patos  
E Leandro de Pombal  
Todos dois paraibanos  
Deixaram a terra natal  
Foram para o Pernambuco  
Pararam na capital

Porque Recife já tinha  
Algumas tipografias  
Lá Pirauá enfrentou,  
Com vontade e energias  
Publicou quatro folhetos  
E vendeu em poucos dias.<sup>67</sup>

Em outro folheto, o poeta deixa evidente a importância que Leandro teve para a literatura em versos, quando diz:

---

Cit. p. 19-20. Ver também a contribuição de GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: Histórias na Literatura de cordel (1900-1940)*. Op.Cit. p.90-104.

<sup>65</sup> ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Op. Cit., p. 92.

<sup>66</sup> MERDEIROS, Antonio Américo de. *Os mestres da literatura de cordel*. Patos, Ed. Coqueiro, 1999.

<sup>67</sup> Idem, p. 01, estrofes 1, 2 e 3.

Dos poetas de cordel  
 Foi Leandro; o pioneiro  
 Aqui dentro do Recife  
 Assim foi ele o primeiro  
 A distribuir folhetos  
 Por este nordeste inteiro

Leandro Gomes de Barros  
 Homem que tinha punjança  
 Na feitura dos seus versos  
 Com beleza e segurança  
 Morreu só deixando rimas  
 Pra viúva como herança.<sup>68</sup>

Recife tornou-se uma cidade pioneira na impressão de folhetos, como afirma Franklin Maxado<sup>69</sup>, passando a ser conhecida como a “Meca” do cordel, o centro da poesia popular nordestina. Neste cenário, destaca-se a importância que exerceu a Praça Dom Vital ou Praça do Mercado, no bairro de São José, nos idos do apogeu desta literatura, por entre as décadas de 1930 e 1950. Descreve Liêdo acerca deste momento;

À sombra de suas árvores, matutos vindos do interior por alguns dias ou pela vida toda, enquanto tomavam contato com as pessoas da cidade grande, ouviam, deslumbrados, as mirabolantes estórias dos cordéis. A própria praça era como se fosse uma daquelas estórias ao vivo: colorida, excitante, poética, incrível. As mulheres fáceis, a cantoria, as ervas, garrafadas milagrosas, uma maravilha de cinema, o mercado onde “tudo o que há no mundo” estava ali. (...) A história dos cantadores e folhetistas da Praça do Mercado se São José é a própria história da literatura de cordel nordestina.<sup>70</sup>

Sobre o que Liêdo de Souza argumenta na citação anterior, Delarme Monteiro assim versejou:

A minha definição  
 Pode está errada  
 Mas eu vi lá no mercado  
 De São José, na calçada  
 Uma grade pra folhetos  
 Como era fabricada

Numa grade de sarrafos  
 Forrada de compensado

<sup>68</sup> MONTEIRO, Delarme. *Nordeste Cordel Repente Canção*. Op. Cit. p.2 estrofes 2 e 3.

<sup>69</sup> MAXADO, Franklin. *O que é Literatura de Cordel ?* Op. Cit. p.32.

<sup>70</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O mercado, sua praça e a cultura popular do Nordeste: homenagem ao centenário do Mercado de São José – 1875-1975*. Recife: Prefeitura Municipal do Recife / Secretaria de Educação e Cultura, 1977, p. 15-16. Cf. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Folhetos de cordel: experiências de leitores/ouvintes (1930-1950). In: *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro*. (Orgs) PAIVA, Aparecida. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.89.

Com 5, 6, 8 pregos  
 Isto é, de cada lado  
 Era passado um cordão  
 Pronto para ser usado<sup>71</sup>

Ali era pendurados  
 Livros de muitos poetas  
 Com capas de varias cores  
 E com estórias completas  
 Para o freguês escolher  
 As suas mais prediletas<sup>72</sup>

O Mercado São José  
 Tem a praça ladeada  
 De “Figo de benjamim  
 Cujó fruto não vale nada  
 Mas a sombra dos seus galhos  
 Deixa a praça ventilada

Protegidos pela sombra  
 Os folheteiros botavam  
 Suas grades de folhetos  
 Batiam papo, brincavam  
 Dali a poucos momentos  
 Os seus fregueses chegavam.<sup>73</sup>

### 1.3 Os folhetos e suas ilustrações

A capa do folheto, assim como seu conteúdo, também passou a ser alvo de pesquisas por diversos autores como Liêdo de Souza, Franklin Machado, Jurandy Temóteo, Robert Grélier e José Lopes.<sup>74</sup> Essas imagens não eram apenas uma simples ilustração, mas uma representação artística popular do imaginário do povo sertanejo. Eram imagens de seres fantásticos e misteriosos, de bois, pavões, monstros, cangaceiros, fome, seca, Deus, o diabo, enfim, desenhos que relacionavam-se com os versos da poesia do cordel.

Estas ilustrações, produzidas segundo a técnica das xilogravuras, tinham o objetivo, *a priori*, de chamar a atenção dos leitores e ouvintes, tornando os panfletos mais

<sup>71</sup> MONTEIRO, Delarme. *Nordeste Cordel Repente Canção*. Op. Cit. p.1, estrofes 1 e 2.

<sup>72</sup> Idem, p. 2 estrofe 1.

<sup>73</sup> MONTEIRO, Delarme. *Nordeste Cordel Repente Canção*. Op. Cit. p.6, estrofes 28 e 29.

<sup>74</sup> Acerca dos estudos sobre a capa dos folhetos merecem destaque SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife. Massangana, 1981. Ver os trabalhos de MAXADO, Franklin. *Cordel: xilogravura e ilustrações*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982. , TEMÓTEO, Jurandy. *A xilogravura de Walderêdo Gonçalves no contexto da cultura popular do Cariri*. João Pessoa, UFPB, 2002. , GRÉLIER, Robert. Com os dedos manchados de tinta. In: *As crostas do Sol*. Trad.ução de Martine Kunz e Teresa Maria Frota Bezerra. Indez / Massangana, 1995., e LOPES, José de Ribamar. (Org.). *Literatura de Cordel*. Antologia. Fortaleza, BNB, 1982.

atrativos, levando o público consumidor a comprá-los, facilitando a memorização. Lembrando que não era apenas a capa que despertava a compra do impresso, mas o próprio autor, principalmente quando este era popularmente conhecido, e as histórias, que dependendo da ocasião ou do fato ocorrido caíam na graça popular.

Xilogravura vem do grego *xylon* (madeira) e *graphein* (escrever), sendo comumente chamada nos meios artísticos de arte na madeira. Provavelmente, este tipo de desenho é originário da China, onde foi encontrado um livro contendo imagem xilográfica de Buda falando a um discípulo, datado de 869 d.C. Pouco tempo depois, sendo levado por monges budistas, encontramos este mesmo processo no Japão, como nos mostra Franklin Maxado, no seu minucioso estudo sobre as xilogravuras, intitulado “Cordel, xilogravura e ilustrações.”<sup>75</sup>

Percorrendo fronteiras, essa técnica de impressão chegou à Europa Medieval, onde, por volta de 1150, é instalada uma fábrica de papel na Espanha, para onde são levados os folhetos, pelos árabes, durante a sua permanência na Península Ibérica, tornando conhecido seu uso e fabricação.<sup>76</sup> Deste período em diante, a arte de gravar em madeira se fez presente na Idade Média, principalmente nas iluminuras e confecções de baralhos, sendo apenas uma técnica de reprodução de cópias. Só mais tarde é que ela começa a ser valorizada como manifestação artística em si, contribuindo, para isso, a invenção da imprensa por Johann Gutemberg.

Assim, sobre esta invenção, discorre Franklin Maxado:

A Imprensa surgiu das necessidades de se popularizar textos solenes e da comunicação de notícias, com um mercantilismo nascente. Em fim de se tornar as informações mais acessíveis a um público interessado por mudanças sociais. E quebrando, o monopólio da cultura, por parte dos mosteiros católicos, a Imprensa popularizou a Bíblia, podendo ser interpretada livremente por outros estudiosos, gerando novas religiões cristãs. Também, publicando os textos do povo que os cantadores divulgavam com as cordas vocais e as do alaúde. Além de almanaques e de enciclopédias.<sup>77</sup>

Aqui no Brasil, a xilogravura tomou realmente expressividade por volta do século XX, principalmente associada aos trabalhos de Inocência da Costa Nick, conhecido como

<sup>75</sup> MAXADO, Franklin. *Cordel: xilogravura e ilustrações*. O. Cit. p. 13-14. Sobre a origem chinesa ver também LOPES, José de Ribamar. (Org.). *Literatura de Cordel*. Op. Cit., p. 43 e SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Op. Cit.

<sup>76</sup> MAXADO, Franklin. *Cordel: xilogravura e ilustrações*. Op. Cit. p.14.

<sup>77</sup> Idem, p.20.

Mestre Noza,<sup>78</sup> Antonio Relojoeiro e Walderêdo Gonçalves. Destes, Walderêdo, até os anos setenta, era considerado o mais clássico dos xilógrafos populares, o primeiro a assinar sobre as capas dos folhetos.<sup>79</sup> Mas outros nomes se destacaram, como Expedito Sebastião da Silva, Augusto Laurindo Alves, Dila, José Martins dos Santos, Minelvino Francisco da Silva, José Costa Leite, José Francisco Borges e, mais recentemente, Abraão Bezerra Batista, Damásio Paulo da Silva, Stênio Diniz, Ciro.<sup>80</sup>

Quanto às primeiras capas, argumenta Liêdo, que os folhetos mais antigos da poesia popular eram conhecidos como “sem capa”, contendo apenas arranjos com vinhetas, filetes, e com letras ou figuras ornamentais. Estas vinhetas determinavam um espaço onde vinha o título da obra, o nome do autor e outros dados. Isso se deve a ausência do clichê de zinco ou de madeira, estampado sobre o papel manilha.<sup>81</sup>

Outra forma de ilustrar era por meio das fotografias feitas em clichê de zinco, principalmente nos folhetos políticos, nos quais era estampada a fotografia do candidato, narrando para os leitores “a simpatia” dos candidatos, “sua campanha”, “a grande vitória”, “a prateada morte” e os “seus encontros no céu”.<sup>82</sup> Podemos perceber estes detalhes claramente nos folhetos de Getúlio Vargas.

Também passam a ser utilizados os cartões-postais, vindos da Itália, Alemanha, França e Japão, com estampas de fino colorido, pintados à mão. Eram trazidas, pelo vapor da Mala Real, para o nosso porto e, aqui chegados, abarrotavam as livrarias Francesa, Pernambucana e Universal, famosas na época, pelas reuniões de intelectuais, que iam em busca de revistas estrangeiras e novidades literárias. Os folhetos invadiam toda a cidade e eram vendidos arrumados em caixas de sapatos vazias ou pendurados em cordões, afirma Liêdo.<sup>83</sup>

Diante do exposto, percebemos que a união da poesia com a capa do folheto passou por fases em que estava associada à própria dinâmica da sociedade, bem como a evolução que este tipo de produção assumiu ao longo do tempo. Em nenhum momento, em

<sup>78</sup> LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. Op. Cit. p. 50. O autor apresenta o Mestre Noza como precursor da xilogravura no Nordeste.

<sup>79</sup> Sobre a importância de Walderêdo Gonçalves ver TEMÓTEO, Jurandy. *A xilogravura de Walderêdo Gonçalves no contexto da cultura popular do Cariri*. Op. Cit. Apresentada como dissertação de mestrado na Universidade Regional do Cariri, em 2001.

<sup>80</sup> GRÉLIER, Robert. Com os dedos manchados de tinta. In: *As crostas do Sol*. Op. Cit., p.60. Ver também, CABRAL, Geovanni Gomes. *A literatura de cordel como fonte histórica*. Op. Cit. p. 16-17, LOPES, José de Ribamar. (Org.). *Literatura de Cordel*. Op. Cit. p.42-44 e CARVALHO, Gilmar de. Vozes e letras do cordel. In: *CULT Revista de Literatura*. nº 54, Ano V, Ago./2002. p. 44-49.

<sup>81</sup> SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Op. Cit. p.27.

<sup>82</sup> Idem, p. 66.

<sup>83</sup> Idem. p. 49-50.

que novas ilustrações foram sendo utilizadas, o cordel perdeu a sua importância como veículo de informação, diversão e ensinamento. E muito menos a xilogravura, que hoje é tida como referência de uma arte popular.

#### 1.4 Poetas, leitores e Ouvintes

Vários estudos foram realizados sobre a vida e a obra de poetas populares que, segundo Ângela Grillo, *quando inserida em um contexto histórico e compreendida a partir de referenciais analíticos, contribui para preservar a memória social*.<sup>84</sup> A autora se propõe a fazer um levantamento de importantes poetas que representaram a história nos folhetos de cordel, tomando, como exemplo, as biografias de Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Melchíades Ferreira da Silva, João Bernardo da Silva, João Camelo de Melo Rezende, José Gomes, José Pacheco da Rocha, Manuel Cabloco e Silva e Silvino Pirauá de Lima.<sup>85</sup> Mas nenhum estudo chegou a ser tão completo como o de Átila Almeida e José Alves Sobrinho, que durante anos de pesquisas e em contato com poetas e seus leitores em andanças pelo país, conseguiram montar um dicionário Bio-bibliográfico reunindo poetas de A a Z e suas respectivas obras.<sup>86</sup>

Em estudo recente, José Alves Sobrinho apresenta, em sua obra intitulada *Cantadores, Repentistas e Poetas populares*, um estudo, uma síntese dos principais poetas populares que foram cantadores, poetas populares que não foram cantadores, poetas eruditos que escreveram cordéis, poetas populares editores, que possuíam impressoras, bem como apresenta uma lista de mulheres que se destacaram como poetisas e cantadoras repentistas.<sup>87</sup> Outros autores, já mencionados ao longo do texto, em suas pesquisas apresentaram listas de poetas que nos presentearam com seus versos, a saber: Joseph Luyten, Márcia Abreu, Ruht Terra e Marinalva Lima.

A maioria desses poetas nasceu na zona rural, pertencentes a famílias de pequenos proprietários ou de trabalhadores assalariados. São geralmente semi-analfabetos, podendo ler e escrever. Alguns não tiveram instrução formal, outros aprenderam a ler com parentes, amigos e desconhecidos. Lessa, conforme citado por Márcia Abreu, nos relata que

<sup>84</sup> GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: Histórias na Literatura de cordel (1900-1940)*. Op. Cit. p.41.

<sup>85</sup> Idem, p. 41-74.

<sup>86</sup> Cf. ALMEIDA, Átila de e ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário Bio-bibliográfico de poetas populares*. 2. ed., ampl., e reform. Campina Grande PB:UFPB-Campus II, 1990.

<sup>87</sup> Cf. ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Op. Cit.

Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde produziram versos sem saber ler. Muitos tentaram a vida profissional, mas assim que produziam e vendiam seus folhetos acabavam abandonando o emprego para dedicar-se à poesia. E, dessa forma, deixavam o campo e passavam a morar na cidade, onde, segundo Márcia Abreu, compunham, editavam e vendiam suas obras.<sup>88</sup>

É muito comum encontrarmos estudos que apresentam o poeta como a “voz do povo”<sup>89</sup> ou como cita Cascudo:

Essa Literatura Popular é reflexo poderoso da mentalidade coletiva em cujo meio nasce e vive, retrato do seu temperamento, predileções, antipatias, fixando o processo de compreensão, do raciocínio e do julgamento que se tornará uma atitude mental inabalável.<sup>90</sup>

Acerca deste tema, Marinalva Lima nos traz uma contribuição ímpar na sua tese *Loas que carpem: A morte na Literatura de Cordel* quando nos chama à atenção para o fato de que se propagou uma visão simplista do poeta e sua produção, na qual se transmite, por meio de seus versos, as idéias das camadas populares. A autora nos alerta que é preciso levar em conta a comunidade na qual o poeta está inserido, a visão deste em relação à sociedade e sua produção.<sup>91</sup> Não é simplesmente pelo fato de estar ligado ao povo que se deve ter uma visão genuína do fato; muitos poetas consideram-se diferentes dos demais membros sociais, por terem um “dom” especial, afirma Lima. Esta também nos apresenta uma discussão em torno da idéia de “popular”, visando entender a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais.

Candance Slater<sup>92</sup> faz sua análise para este caso mencionado anteriormente, mostrando que o poeta produz versos visando também ao dinheiro, até porque é um meio de ganhar a própria vida e sustentar a família. Outros afirmam que os versos, muitas vezes, são ajustados de acordo com o que o cliente quer, atendendo às necessidades e aos desejos de seu público. Contudo, afirma Slater, o fato de fazer verso agradando o povo não o torna uma pessoa mentirosa ou falsa, muito pelo contrário: é preciso saber ter clareza no que se está fazendo.

Estas análises são importantes, pois desmistificam a idéia de que tudo é produzido para o povo, como se os versos cordelianos expusessem a cosmovisão popular,

<sup>88</sup> ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Op. Cit. 93-94.

<sup>89</sup> MACHADO, Franklin. *O que é Literatura de Cordel ?* Op. Cit. p. 124.

<sup>90</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco Livros do povo*. Op. Cit, p.12-13.

<sup>91</sup> LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que carpem: a morte na literatura de cordel*. Op. Cit. p.39.

<sup>92</sup> SLATER, Candance. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Op. Cit. p. 181-206.

quando, na verdade, o que se percebe é que precisamos ter uma compreensão mais aprofundada do tema, levando-se em conta uma relação mais detalhada entre autor, obra e público. As próprias histórias são válidas dentro de uma esfera especial, limitada e identificável, conclui Slater.

Em relação aos leitores/ouvintes, Luyten, em sua obra *A notícia na literatura de cordel*<sup>93</sup> nos traz uma contribuição no tocante à percepção da importância que os folhetos noticiosos, ou folhetos de época, assumem diante de seu público. Ressalta o folheto e seu papel jornalístico na medida em que as notícias que são veiculadas em jornais, rádio ou na televisão, são versificadas, tornando-as melhor compreendidas por aqueles que utilizam o cordel como meio de informação.

Curran, por sua vez, nos chama a atenção para o público que compra este folheto, pois geralmente é formado por pessoas que gostam de ler as histórias versificadas ou solicitam que alguém realize a leitura, geralmente nas horas vagas. Na feira, nas casas, nos engenhos, nos saraus, nos grupos de amigos, ler o cordel é algo prazeroso, principalmente se for em voz alta, pois ajuda a memorizar as histórias.<sup>94</sup>

Ainda neste aspecto, Ana Maria Galvão<sup>95</sup> desenvolveu uma pesquisa analisando a relação leitor/ouvinte enfocando a importância que estes folhetos desempenham em sua relação com o processo de aprendizagem e suas práticas culturais. Segundo Galvão, *a leitura e a audição de folhetos também cumpria, assim, um “pape” educativo, em relação a uma sociedade caracterizada pelas altas taxas de analfabetismo*, levando muitos a aprender e desenvolver suas habilidades de leituras.

Em síntese, é preciso considerar que os folhetos estão relacionados com o seu tempo e seu ambiente sócio-cultural, onde, por sua vez, os consumidores indicam as temáticas que mais lhe interessam, mantendo, assim, sua produção no mercado consumidor. Afirma Marinalva Lima que *o poeta fala ou escreve para um público determinado, buscando recursos de linguagens a ele adequado*, bem como versejando sobre temas que mais lhe convém.<sup>96</sup>

---

<sup>93</sup> LUYTEN, Joseph M. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo. Estação Liberdade, 1992.

<sup>94</sup> CURRAN, Mark J. *A literatura de cordel*. Op. Cit. p. 19-20.

<sup>95</sup> GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.109.

<sup>96</sup> LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que carpem: a morte na literatura de cordel*. O. Cit. p. 61.

## Capítulo 2

### **Getúlio Vargas: um panorama da política nacional de 1945 a 1954**

**Tem sua gestão na história  
Feitos extraordinários  
Protegeu todas as classes  
Deu a mão aos operários  
Deu valor ao Brasil  
Foi o pai dos operários.  
(Jose Aires Mendonça)**

**Assim foi o nosso povo  
Votou conscientemente,  
No Dr. Getúlio Vargas  
Pra ser nosso presidente  
O sol da libertação  
Que brilha em nossa frente  
(Manoel d'Almeida Filho)**

## 2. GETÚLIO VARGAS: UM PANORAMA DA POLÍTICA NACIONAL DE 1945 A 1954

*O invisível pode tornar-se visível por meio do discurso.*

*(Bechelard)*

### 2.1 1945: A redemocratização<sup>1</sup>

Somente em 45  
Foi o tratado de paz  
A Alemanha derrotada  
Não queria brigar mais  
Voltaram nossos patrícios  
Para os seus campos natais...

No fim desse mesmo ano  
No governo houve desgosto  
Voltava a velha política  
Todo Brasil bem disposto  
E nosso Dr. Getúlio  
Pelas forças foi deposto  
[...]

Mas ele havia saído  
Com muito boa conduta  
O povo queria ele  
Era capaz de haver luta  
Ele apresentou ao povo  
O general Gaspar Dutra

De fato o Dutra ganhou  
Presidiu os 5 anos  
Muitos dizem que Getúlio  
Orientava alguns planos  
Até que em 51  
Foi eleito sem enganar.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Procuramos, neste capítulo, dar ênfase ao governo Vargas a partir do final do Estado Novo, em 1945, até 1954, ano de seu suicídio. Tal recorte temporal se faz mister por conta da própria limitação da pesquisa. Para maiores detalhes da história de Vargas e seus 15 anos de governo, 1930-1945, sugerimos ver: FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. , SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Tradução de Ismênia Tunes Dantas. 7. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. e LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Também pode acessar o site do CPDOC onde dispõe de todo um acervo documental sobre a Era Vargas. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html/>>.

<sup>2</sup> SANTOS, Antonio Teodoro dos. *Vida e Tragédia do Presidente Getúlio Vargas*. Ed. Prelúdio.,[ s/l, s/n, s/d.], p.26. Sobre o Estado Novo mais especificamente o ano de 1945 ver: o trabalho da ARAUJO, Maria Celina D'.

As estrofes do folheto *Vida e Tragédia do Presidente Getúlio Vargas*, mencionadas acima, estão relacionadas aos novos rumos que tomou a política brasileira no ano de 1945. Trata-se do registro de um poeta que nos leva a discorrer sobre a historiografia, que analisa os vários momentos em que Getúlio Vargas esteve na presidência do país, tomando para isso os desdobramentos políticos de 1945 a 1954. Todavia, ao longo deste capítulo, serão utilizados vários outros folhetos, mostrando, desta forma, o valor que tal literatura popular assumiu nesta década, ao procurar registrar determinadas passagens da nossa História; nas palavras de Mark Curran, este tipo de literatura é realmente memória, documento e registro.<sup>3</sup>

O país participou da Segunda Guerra Mundial, em 1944, apoiando os Aliados: Estados Unidos, Inglaterra e a União Soviética contra o Eixo nazi-fascista representado pela Alemanha, Itália e Japão. Para isto, enviou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para combater em território italiano e deu permissão para que os Estados Unidos construíssem bases aéreas no Nordeste brasileiro. É sabido o quando da entrada do Brasil na Guerra trouxe de dificuldades políticas para a permanência do Estado Novo.<sup>4</sup> Conforme afirma Maria Celina D'Araújo, diante do envolvimento do país nesta guerra, Getúlio Vargas entrava em contradição, já que era um ditador e se via agora combatendo outras ditaduras.<sup>5</sup>

Tal fato serviu para reforçar grupos de oposição que lutaram pela redemocratização do país, como setores da classe média, setores empresariais, operários, intelectuais e inclusive os militares que haviam sustentado o Estado Novo. Para Maria Celina (e toda uma ampla gama de historiadores), existia certo temor entre os militares pelo continuísmo de Getúlio Vargas ou pela possibilidade de que o mesmo tentasse alguma jogada para permanecer na presidência.<sup>6</sup> Esse medo decorre do fato de Getúlio ter uma aceitação entre a classe trabalhadora sintetizada na Consolidação das Leis Trabalhistas. Tais medidas (salário mínimo, a jornada de trabalho de 48 horas semanais, licença-saúde e a licença-gestante, o direito a férias anuais e o direito à aposentadoria, entre outras), associadas a uma propaganda eficaz, não foram apagadas da mente do trabalhador. Muito pelo contrário,

---

*O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Com relação à presença de Getúlio Vargas na literatura de cordel ver: LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro, Documentário, 1973.

<sup>3</sup> CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. 2. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p.19.

<sup>4</sup> Acerca do Estado Novo ver: CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano*. O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. v. 2, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003, p.107-144.

<sup>5</sup> Cf. ARAÚJO, Maria Celina D'. *A Era Vargas*. 2. ed., São Paulo: Moderna, 2004, p.30.

<sup>6</sup> Idem. *Ibidem*.

ficaram presentes, até porque traziam melhoria de vida para esta classe, sendo Vargas concebido como um “líder”, um “mito”, aclamado como “pai dos pobres”.<sup>7</sup>

Manoel d’Almeida Filho<sup>8</sup>, em um folheto versado para a campanha presidencial de 1950, deixa bastante claras estas representações para os (e)leitores sobre a importância de Getúlio Vargas como dirigente do país, comparando o candidato a uma estrela (“o sol da libertação”) capaz de trazer luz para a nação. Neste mesmo folheto, o poeta ressalta a singularidade de sua importância ao elencar que Vargas foi o único que protegeu a pobreza. Observem nos versos abaixo:

Assim foi que nosso povo  
Votou conscientemente,  
No Dr. Getúlio Vargas  
P’ra ser nosso presidente,  
O sol da libertação  
Que brilha em nossa frente

Foi eleito presidente  
O chefe dos trabalhistas,  
Protetor das classes pobres  
Força dos capitalistas,  
Que oprimem os operários  
Para aumentar as conquistas.  
[...]

Foi o único presidente  
Que protegeu a pobreza,  
Decretou leis protetoras  
Dando os meios de defesa,  
Para melhorar os pobres  
Deu um tombo na riqueza.

Mas não podemos associar o fim do Estado Novo apenas aos fatores externos. Vários acontecimentos foram fundamentais para acelerar a queda da ditadura varguista, como, por exemplo: o Manifesto dos Mineiros, em 1943, documento redigido por intelectuais pedindo a redemocratização do país; a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, em janeiro de 1945, exigindo liberdade de expressão, rompendo, desta forma, com a censura; bem como a mobilização da União Nacional dos Estudantes, adotando um

<sup>7</sup> Sobre a relação Getúlio e o trabalho, ver as análises de GOMES, Ângela de Castro e ARAÚJO, Maria Celina D’. *Getulismo e Trabalhismo*. São Paulo, Ática, 1989. Também o artigo de NOGUEIRA, Arnaldo José França Mazzei. O trabalho sob tutela do Estado. In: *Revista História Viva Grandes Temas: O Brasil que Getúlio Sonhou*. Duetto, Edição Especial, nº 4, 2007, p. 31- 37. Ver SOUZA, Marquilandis Borges. 50 anos sem Getúlio Vargas. In: *Revista Desvendando a História*, nº 1, ano 1, p. 32-41.

<sup>8</sup> FILHO, Manoel d’Almeida. *A vitória getulista nas eleições de 50*. [ s/l, s/n s/d],. p. 02, estrofe 9 e p.3 estrofes 10 e 13.

posicionamento anti-fascista. Neste contexto, surpresa maior foi a entrevista do general Góis Monteiro, articulador do Estado Novo, publicada no jornal Folha Carioca, na qual defendia a realização de eleições para a presidência da República, segundo Boris Fausto:

Convencido de que o regime não sobreviveria aos novos tempos, o general Góis Monteiro abandonou na mesma época o cargo que ocupava em Montevideu como embaixador do Brasil, junto ao Comitê de Emergência e Defesa Política da América, regressando ao Brasil. Góis iria para o Ministério da Guerra, em agosto de 1945, muito mais para encaminhar a saída de Getúlio do que para tentar garantir sua permanência no poder.<sup>9</sup>

Outra entrevista que também obteve grandes repercussões, agravando ainda mais a situação do governo, rompendo a censura, foi a de José Américo de Almeida ao Correio da Manhã, em 22 de fevereiro de 1945, na qual alegava rumores da permanência de Vargas no poder. Ele afirmava que três brasileiros não podiam ser, naquele momento, candidatos à Presidência da República: ele próprio, Armando de Salles Oliveira seu principal adversário em 1937, e Getúlio Vargas, por se mostrar incompatível com as forças políticas do país.<sup>10</sup> Somado a isso, lançava a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência. Segundo Jorge Ferreira, essa entrevista sinalizou para a sociedade brasileira que a censura mantida pelo DIP aos meios de comunicação havia se afastado das redações dos jornais e a ditadura apresentava sinais de cansaço.<sup>11</sup>

O governo, por sua vez, procurou enfrentar tais pressões, justificando que, quando a calma estivesse presente no país, marcaria novas eleições. Mas os rumos dos acontecimentos fizeram Getúlio tomar medidas que levariam à redemocratização da nação, o que era praticamente inevitável, pois o regime não tinha mais legitimidade. Vargas, desta forma, tomou a iniciativa da liberalização. Baixou, em 28 de fevereiro, um Ato Adicional à Constituição de 1937, que estabelecia um prazo de noventa dias para marcar a data das novas eleições gerais, regulamentava a criação de partidos políticos, decretava anistia aos envolvidos em crimes políticos, beneficiando, inclusive, os comunistas, que tiveram ampla liberdade de organização partidária, acabava com a censura à imprensa, estabelecia a data 2

---

<sup>9</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 11. ed. São Paulo: Edusp, 2003, p.383.

<sup>10</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit., p.146.

<sup>11</sup> FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores “querem”: política e cidadania na transição democrática de 1945. In: *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p.9-10.

de dezembro de 1945 para a eleição presidencial e de uma Assembléia Constituinte, e a 6 de maio de 1946 para a realização dos pleitos estaduais.<sup>12</sup>

As medidas adotadas por Getúlio com este Ato Adicional foram fundamentais para o processo da redemocratização, inclusive para o próprio presidente, que se via agora defensor de uma abertura democrática, tendo inclusive participado de movimentos contra as ditaduras na Europa. Em análise sobre este período, Octávio Ianni<sup>13</sup> ressalta que, além dos fatores apresentados neste momento de crise, destacam-se a Anistia política e a Constituinte como palavras de ordem para as possíveis mudanças. Segundo o autor, era impossível entrar em uma redemocratização sem estabelecer uma nova Constituição para o país. Ele menciona, ainda, a abertura partidária como item fundamental deste cenário, ao citar a criação da União Democrática Nacional (UDN), composta de opositoristas liberais-conservadores ligados aos grandes interesses econômicos, defendendo uma aproximação maior com os Estados Unidos, o anti-comunismo em oposição à centralização política de Vargas. Compunha também este quadro o Partido Social Democrático (PSD), formado predominantemente por setores dominantes da sociedade, setores empresariais e agrários e alguns elementos da classe média; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sob inspiração de Getúlio Vargas, do Ministério do Trabalho e da burocracia sindical. Por meio deste partido, Vargas tentava institucionalizar sua popularidade entre os trabalhadores e, ao mesmo tempo, impedir o avanço comunista no meio sindical.

Também outros partidos menores se organizaram, como o Partido Comunista do Brasil (PCB), que teve apenas poucos meses de legalidade, atuando de 1945 a 1947, quando deste último teve seu registro cassado, mas que apoiava Vargas na política de redemocratização.<sup>14</sup> O Partido Social Progressista (PSP) e o Partido de Representação Popular (PRP) chefiado por Plínio Salgado, simpatizante do fascismo e que contava com um pequeno apoio da classe média.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> Idem. Op. Cit. p.384. Ver também MARANHÃO, Ricardo. O fim da ditadura. In: *Revista História Viva Grandes Temas: O Brasil que Getúlio Sonhou*. Duetto, Edição Especial, nº 4, 2007, p. 72-77.

<sup>13</sup> IANNI, Octávio. A “Redemocratização” de 1946 e as tentativas de reorientação da política econômica. In: SZMRECÁNYI, Tamás e GRANZIERA, Rui G. *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*. (Orgs). 2. ed. rev. e ampl., Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora Hucitec, 2004., p. 97-111. Neste artigo o autor realiza um estudo sobre a importância desta formação partidária e da força que estes vão adquirindo ao longo do processo histórico.

<sup>14</sup> Quanto a atuação do Partido Comunista neste período de redemocratização ver PANDOLFI, Duce. A cassação do Partido Comunista no cenário da Guerra Fria. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html>>. Acesso em: 05 de Maio de 2008.

<sup>15</sup> Para um estudo mais detalhado sobre os partidos políticos ver DELGADO, Lucila de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge e GELGADO, Lucia de Almeida Neves. (Orgs) *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática; da

Quanto ao apoio dos comunistas que sofreram perseguições políticas durante a ditadura do Estado Novo, Maria Celina ressalta que:

Apesar de os comunistas terem sido as principais vítimas da ditadura, seguindo orientação internacional do Kormitern, os comunistas brasileiros abraçaram a tese de que todos os governos que combatessem o nazifascismo teriam o apoio dos partidos comunistas nacionais. Por isso mesmo Luís Carlos Prestes, que tivera sua mulher morta em um campo de concentração em decorrência da decisão de Getúlio de entregá-la às autoridades nazistas, declarou seu apoio a Vargas ao sair da prisão. Mais do que isso, os comunistas defenderão a tese que Vargas só deveria deixar o poder depois que o país tivesse uma nova Constituição.<sup>16</sup>

Esse pluripartidarismo em termos de atuação política durante os anos de 1946 a 1964 girou em torno de três grandes partidos, a saber, UDN, PTB e PSD. Não importando, para isso, se estavam apoiando Getúlio ou contra ele. Sabe-se que foram muito significativos seus embates políticos, principalmente porque saíamos de uma ditadura e entrávamos em um processo democrático.

Em seu folheto “Vida, Tragédia e morte do Presidente Getúlio Vargas”, escrito em 1954, Antonio Teodoro dos Santos apresenta em seus versos essa disputa partidária, através dos quais nos chama a atenção a forma como o poeta discorre sobre o surgimento dos partidos e seus candidatos. E deixa transparecer que, de todos estes partidos, o PTB criado por Getúlio era o que defendia os operários, inclusive dirigindo-se a ele com um termo intimista de “Gegê”, vejam;

Por isso logo os canais  
Ficaram desimpedidos,  
Diversos grupos políticos  
Foram formando os partidos  
Para que se organizassem  
E os leitores votassem  
Nos seus nomes preferidos.

A UNIÃO DEMOCRÁTICA  
NACIONAL foi fundada  
Fazendo a oposição,  
Por UDN chamada,  
Que tinha entre muitos nomes  
O grande Eduardo Gomes,  
Por quem era liderada.

---

democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. v. 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003., p 127-154., Ver REVISTA NOSSO SÉCULO: a memória fotográfica do Brasil no século XX. A Era dos Partidos. nº 3, São Paulo: Abril Cultural, 1980., p 2-9.

<sup>16</sup> ARAÚJO, Maria Celina D'. *O Estado Novo*. Op. Cit. p. 59.

O brigadeiro Eduardo  
Gomes, o seu candidato,  
Despontou como herói  
E bem no momento exato –  
Pela disputa do pleito  
Esperava ser eleito  
Numa campanha de fato.

Getúlio logo fundou  
O Partido Social  
Democrático, o primeiro  
Plano governamental  
Por PSD chamado  
E totalmente apoiado  
Pelo poder federal.

Crendo que o PSD  
Não seguia o seu roteiro,  
Fundou ainda o Partido  
Trabalhista Brasileiro  
Com outras idéias nobres  
Para defender os pobres  
Da escravidão do dinheiro.

Era que o PSD  
Seguindo os seus partidários  
Na campanha defendia  
Os ricos milionários,  
Enquanto que o PTB  
Comandado por GEGÊ  
Defendia os operários.<sup>17</sup>

O fim do Estado Novo estava com seus dias contados. Na Praça da Sé, na cidade de São Paulo, grupos de estudantes organizaram um comício para protestar contra a ditadura. Unidos de faixas e cartazes, aos gritos de “Liberdade de Palavra”, “Anistia aos presos políticos”, “Nunca se poderá enganar toda a multidão todo o tempo”, os universitários atacavam o governo. Nas palavras de Jorge Ferreira, os oradores clamavam pela democracia e pediam a morte do Estado Novo.<sup>18</sup> Nesta passagem, Ricardo Maranhão<sup>19</sup> relata que grupos de operários e centenas de pessoas, batendo em panelas, chegaram até o comício e começaram a

<sup>17</sup> SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Vida, Tragédia e Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Editora Luzeiro, São Paulo, 1987. p. 24. Este texto segundo nota na contracapa foi reelaborado por Manuel d’Almeida Filho. Escrito por Antônio Teodoro dos Santos em São Paulo, na data de 22/09/1954. Foi bastante elogiado pelo professor Raymond Cantel, diretor do Instituto de estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne, Paris, por seu valor histórico-literário. As transposições dos versos seguem o original.

<sup>18</sup> FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores “querem”: política e cidadania na transição democrática de 1945. In: *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Op. Cit. p. 24.

<sup>19</sup> MARANHÃO, Ricardo. O fim da ditadura. In: *Revista História Viva Grandes Temas: O Brasil que Getúlio Sonhou*. Duetto, Edição Especial, nº 4, 2007, p. 77

vaiar os estudantes, impedindo-os de continuar seu manifesto de repúdio e, aos gritos, exclamavam “Viva aos trabalhadores” e “Viva a Getúlio”.

Era o início da articulação denominada de “Queremismo”, contando com o apoio do Ministério do Trabalho e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a ordem era “Queremos Getúlio”. A adesão ao queremismo foi bastante grande, tomando ruas e praças em várias capitais do país. Desta vez, o clima instaurado indicava que realmente Vargas pretendia se manter no poder, mesmo negando que sairia candidato, pois em muitas destas mobilizações nada fez para impedir o avanço de tais especulações.

Percebemos, com isso, que a inclinação de Vargas neste momento se dava em torno da massa de trabalhadores e não no apoio militar, como este fizera em 1930 e 1937, talvez na pretensão de amenizar sua imagem de ditador. E era justamente essa aproximação popular, registrada neste momento, que levava à desconfiança dos opositores sobre as verdadeiras intenções de Vargas para o Brasil. O quadro político, de acordo com Ângela de Castro Gomes, era “complexo e tenso e o movimento era assimétrico: caía o Estado Novo, mas crescia o prestígio de Vargas”. Para a autora, o Queremismo era identificado como o movimento mais forte do país sob o ponto de vista de opinião e de capacidade eleitoral.<sup>20</sup> Discorrendo sobre este movimento, Jorge Ferreira nos afirma:

O Queremismo, inicialmente um conjunto de manifestações populares de reação aos insultos a Vargas, tornou-se, a partir daí, um movimento com feições mais definidas em termos organizacionais e políticos. As adesões, núcleos e comitês de bairros, abaixo-assinados e declarações de solidariedade aumentavam diariamente.<sup>21</sup>

O movimento tomava proporções assustadoras para os grupos de oposição. Rumores do continuísmo de Vargas não paravam de circular, atingindo diversos setores sociais. Até mesmo o embaixador norte-americano no Rio de Janeiro, Adolfo Berle, chegou a condenar os planos de permanência do presidente, ressaltando em seu discurso que confiava nas eleições para 2 de dezembro. Tal pronunciamento foi questionado por Vargas, que o considerou uma intromissão na política nacional, bem como pelos queremistas e comunistas, os quais alegavam que as próximas eleições seriam “maquinações de reacionários”.<sup>22</sup>

A imprensa, contudo, tratava de divulgar manchetes que demonstravam querer “Getúlio com ou sem Constituinte”; muitas destas eram pagas, usadas para reforçar o

<sup>20</sup> GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.284.

<sup>21</sup> FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores “querem”: política e cidadania na transição democrática de 1945. In: *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Op. Cit. p.39.

<sup>22</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Op. Cit. p. 75.

movimento, como o trecho do O Jornal, do Rio de Janeiro, de 17 de Agosto de 1945,<sup>23</sup> que expressava:

porque, antes de Getúlio, o trabalhador tinha deveres e [ele] lhe deu direitos; tinha família e lhe deu assistência; tinha fome e lhe deu pão; estava doente e lhe deu hospital; ficava velho e lhe deu aposentadoria; morria e lhe garantiu a família; o trabalhador tinha filhos e lhe deu escola; o operário era homem e lhe deu a mão; enfim, Getúlio viu que o trabalhador era gente e lhe deu uma situação na sociedade.  
É por isso que NÓS QUEREMOS GETÚLIO.

Podemos perceber que tal mensagem enfatizava as conquistas dos trabalhadores diante da política trabalhista impetrada por Vargas em pleno Estado Novo. Na análise de Ângela de Castro Gomes, é praticamente impossível dissociar o movimento queremista da política trabalhista, já que esta vem sendo trabalhada dentro do Ministério do Trabalho desde 1942.<sup>24</sup>

No desenrolar dos fatos, novos acontecimentos levaram ao “xeque-mate” do Estado Novo. Em primeiro lugar, o discurso proferido por Vargas no comício de 3 de Outubro, data do 15º aniversário da Revolução de 1930, no qual afirmou que não estava candidato às eleições e que o povo tem o “direito de escolher seu próprio candidato” e exigir uma Assembléia Constituinte. Também alegou que existiam “forças reacionárias poderosas e ocultas” querendo impedir a vontade popular, deixando claro para os ouvintes do comício que “o povo poderia contar com ele”.<sup>25</sup> Em segundo, baixou um decreto antecipando as eleições estaduais e municipais para o mesmo dia das nacionais, sendo esta decisão vista como manobra de controle eleitoral e, por último, seu irmão Benjamim Vargas foi nomeado para o cargo de chefe de Polícia do Distrito Federal no lugar de João Alberto, que iria para a prefeitura do Rio de Janeiro: tais medidas despertaram forte oposição.

Segundo Celina de Araújo, com essas duas nomeações, Getúlio Vargas passaria a ter o controle da capital e da repressão; as massas poderiam ser convocadas a seu favor e protegidas pelo poder público. Estavam claras, na visão dos militares, as possíveis intenções de Vargas. Portanto, Góis Monteiro tratou logo de agir. Mandou Dutra até o palácio levar um ultimato a Getúlio, pedindo para retirar a nomeação do seu irmão ou seria derrubado pelo

<sup>23</sup> FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores “querem”: política e cidadania na transição democrática de 1945. In: *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Op. Cit. p. 43

<sup>24</sup> GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Op. Cit. p. 284. A autora também se propõe a fazer uma análise do movimento queremista e sua importância em GOMES, Ângela de Castro e ARAÚJO, Maria Celina D'. *Getulismo e Trabalhismo*. Op. Cit. p.17-26.

<sup>25</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Op. Cit. p.76.

Exército. Por sua vez, Vargas não aceitou a proposta, até porque não acreditava que pudesse ser deposto. Sitiado no Palácio Guanabara por tropas enviadas a mando de Dutra, Getúlio renunciou ao cargo em 29 de Outubro de 1945<sup>26</sup>, partindo para seu “exílio” voluntário no Rio Grande do Sul, mas voltando à cena política em dezembro deste mesmo ano para disputar o pleito de Senador e o de Deputado Federal. Encerrava-se o Estado Novo e novas eleições marcariam uma nova fase na história política do país.<sup>27</sup> Antes de partir, dirigiu uma mensagem ao povo brasileiro, em 30 de Outubro de 1945, em que diz:

Em todos os momentos decisivos de minha vida pública sempre procurei pairar acima das paixões e choques personalistas, pensando somente na pátria.

Não me afastarei, ainda agora, dessa atitude de serena isenção.

Abstenho-me de analisar os graves acontecimentos que me levaram a renunciar ao governo, a fim de evitar ao País maiores males e abalos irreparáveis.

A História e o tempo falarão por mim, discriminando responsabilidades.

Ao afastar-me da vida pública quero, apenas, dizer aos brasileiros palavras de compreensão e de confiança nos seus juízos definitivos.

Não tenho razões de malquerença para com as gloriosas Forças Armadas da minha pátria, que procurei sempre prestigiar. Nenhum governo se esforçou mais do que o meu pelo seu fortalecimento. Nenhum outro cuidou tanto da sua preparação profissional, do selecionamento dos seus quadros, do seu aparelhamento material, da melhoria de suas condições de trabalho e conforto.

Ao povo brasileiro procurei servir, sempre, defendendo com intransigência as suas aspirações e legítimos interesses.

Faço votos para que a serenidade volte aos espíritos e todos se compenetrem das tremendas responsabilidades do momento.

Não guardarei ódios nem prevenções pessoais.

Os trabalhadores, os humildes, aos quais nunca faltarei com o meu carinho e assistência – o povo, enfim, há de me compreender.<sup>28</sup>

Em sua análise do movimento queremista, Jorge Ferreira mostra que este não alcançou seus objetivos, dos quais o principal era o de manter Vargas no poder, muito menos com uma Constituinte. Mas ressalta sua importância no cenário político como um movimento que serviu de aprendizado para os trabalhadores, que fez com que eles percebessem a importância das lutas para garantir os direitos sociais e manter a cidadania política.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> Idem. Op. Cit. p. 77.

<sup>27</sup> Para uma análise da deposição de Vargas em 1945 ver LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. Op. Cit. p 112-113.

<sup>28</sup> SILVA, Hélio. e CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Vargas uma biografia política*. Porto Alegre: L&PM, 2004, p. 151-152.

<sup>29</sup> FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores “querem”: política e cidadania na transição democrática de 1945. . In: *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Op. Cit. p. 87.

Após sua deposição, não havia vice-presidente da República nem da Câmara Federal. O governo foi assumido pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, que procurou tomar medidas, junto com Góis Monteiro, para garantir as eleições de 2 de dezembro. Linhares procurou revogar o decreto que antecipava as eleições para governador do Estado. Ficaria, portanto, estabelecido que fosse convocada uma Assembléia Constituinte, com o objetivo de elaborar uma nova Carta que viesse substituir a Constituição de 1937.

Vejamos o desenrolar da história nos versos abaixo, em que Antônio Teodoro mostra-nos que Getúlio sofreu um grande desgosto ao apresentar tão bem o candidato pessedista e de repente ser deposto pelas forças armadas, assumindo o poder provisoriamente o José Linhares, como atestam os versos abaixo:

Então para fazer frente  
Ao brigadeiro Udenista,  
O general Gaspar Dutra  
Foi colocado na pista  
Muito bem prestigiado  
Por Getúlio apresentado  
Candidato pessedista.

Porém enquanto Getúlio  
Fazia tudo com gosto  
Por uma nomeação,  
Sofreu um grande desgosto;  
Tentou mudar o processo,  
Porém por um retrocesso  
Pela força foi deposto

A deposição foi feita  
Pelas tropas militares –  
Foram então de imediato  
Preenchidos os lugares  
Chaves; como providência  
Foi passada a presidência  
Ao doutor José Linhares.

Porque pelos militares  
Ele foi designado  
Ministro do tribunal  
Federal foi convocado  
Para assumir o poder  
E os problemas resolver  
Depois de ser empossado.<sup>30</sup>

Três foram os candidatos que disputaram estas eleições: o brigadeiro Eduardo Gomes, recebendo apoio de uma frente de oposição a Vargas reunidas na União Democrática

---

<sup>30</sup> SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Vida, Tragédia e Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Op. Cit. p 24-25.

Nacional (UDN); o General Eurico Gaspar Dutra, pela coligação PSD (Partido Social Democrático) que no decorrer dos momentos finais da campanha recebeu apoio do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro); e Iedo Fiúza pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). A campanha estava nas ruas. Nesta disputa, o candidato da UDN obtinha grandes vantagens, tendo seu nome alcançado grande notoriedade por meio do rádio e dos jornais. Segundo Jorge Ferreira, estava quase certa a vitória do brigadeiro<sup>31</sup>, até porque Vargas se recusava a apoiar Dutra, preferindo a lei do silêncio em sua terra natal.

Mas uma frase dita por Eduardo Gomes em cadeia de rádio nacional, e ouvida por Hugo Borghi, líder queremista, trouxe mudanças na conjuntura política. Dizia que: “Não necessito dos votos desta malta de desocupados que apóia o ditador para me eleger presidente da República”.<sup>32</sup> Este pronunciamento foi tomado como o ponto-chave que faltava para impedir o crescimento da campanha de Eduardo Gomes. Por sua vez, Hugo Borghi, atento aos discursos de Eduardo, através de pesquisa, verificou que a palavra “malta” significava “grupo de operários que percorriam as linhas férreas levando suas marmitas, bando, agrupamentos de lobos”. Distante, não perdeu tempo e tratou de acionar uma cadeia de rádios, explicando à sociedade o sentido da palavra proferida pelo Brigadeiro. Seu pronunciamento surtiu efeito ao mostrar o candidato udenista como elitista e contrário aos trabalhadores.

Tal episódio representou um divisor de águas na política nacional. Os trabalhadores passaram a freqüentar os comícios de Dutra; contudo, como ressalta Jorge Ferreira, “milhares de trabalhadores participavam com marmitas, panelas e outros utensílios domésticos de metal, batendo com talheres, a marmita representava agora a dignidade, o respeito e a decência do trabalhador.”<sup>33</sup>

Outro embate que selou de vez o destino da campanha presidencial da UDN foi o manifesto de Vargas recomendando a candidatura de Dutra, em 28 de novembro, pedindo ao povo que votasse no candidato alegando que se este não cumprisse suas promessas, ficaria ao lado do povo, contra o presidente:

As ocorrências de 29 de outubro foram o resultado de erros e confusões das quais nos devemos dar quitação recíproca. As Forças do Brasil devem estar acima de suspeitas facciosas e não podem ser consideradas em causa nas lutas partidárias.

---

<sup>31</sup> FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento Queremista. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucia de Almeida Neves. (Orgs) *O Brasil Republicano. O tempo da experiência democrática; da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Op. Cit., p 40-41.

<sup>32</sup> Idem, ibidem.

<sup>33</sup> FERREIRA, Jorge. *A democratização de 1945 e o movimento Queremista*. Op. Cit. p.41.

O momento não é de nomes, mas de programas e de princípios. Recentemente, em mensagem, aconselhei aos trabalhadores que cerrassem fileiras em torno do programa do Partido Trabalhista Brasileiro, representante e defensor dos seus interesses.

O general Eurico Gaspar Dutra, candidato PSD, em repartidos discursos e, ainda agora, em suas últimas declarações, colocou-se dentro das idéias do programa trabalhista e assegurou a esse partido garantias de apoio, de acordo com suas forças eleitorais. Ele merece, portanto, nossos sufrágios.<sup>34</sup>

E o resultado não foi diferente. Em 31 de Janeiro de 1946, José Linhares passava a faixa presidencial para o general Dutra. Nas estrofes abaixo, o poeta descreve o momento em que Getúlio passou a dar apoio ao candidato Dutra, nas eleições de 1945. E cita ainda que até porque seu nome estava em baixa, bastou um toque do ex-presidente Vargas para os rumos dos acontecimentos mudarem. É ressaltado que, “sem mostrar mágoa” pelos fatos ocorridos, ele o apoiou. Percebemos, com isso, o quanto era forte o nome de Vargas na política nacional.

Porém o general Dutra,  
Vendo a luta muito dura,  
Foi a Getúlio depressa  
Em São Borja àquela altura  
Para separa o joio,  
Pedir que lhe desse apoio  
À sua candidatura.

Getúlio sem mostrar mágoa  
Com a plena consciência  
Apoiou o general,  
Que, com essa preferência  
Aceita em toda a nação,  
No dia da votação  
Foi eleito á presidência.<sup>35</sup>

Eurico Gaspar Dutra obteve 55,39% dos votos, tendo uma expressiva votação em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Eduardo Gomes alcançou 35,74% e Iedo Fiúza, 9,7%. Segundo Skidmore, nas eleições para o Congresso, o PSD ganhou 42% dos votos, perfazendo um total de 151 cadeiras; a UDN 26%, com 77 cadeiras; o PTB 10%, com 22 cadeiras e o PCB 9%, sendo 14 deputados e um senador. Os votos restantes ficaram para os partidos menores.<sup>36</sup>

<sup>34</sup> SILVA, Hélio. e CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Vargas uma biografia política*. Porto Alegre: L&PM, 2004, p. 152.

<sup>35</sup> SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Vida, Tragédia e Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Op. Cit. p.25.

<sup>36</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p.90. Do mesmo autor ver: SKIDMORE, Thomas E. *Uma História do Brasil*. Tradução de Raul Filker. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p.182-183. Ainda

Mesmo fora do poder, a popularidade do presidente, bem como seu prestígio, se fez sentir na expressiva votação obtida nas eleições parlamentares. De acordo com a legislação da época, era permitido um candidato se eleger para vários cargos, em seu estado e em outros estados. Desta maneira, Getúlio foi eleito Senador em São Paulo, pelo PTB, e no Rio Grande do Sul, pelo PDS. Também conseguiu ser eleito para o cargo de deputado federal por sete estados, entre eles, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Minas Gerais, Bahia e Paraná.<sup>37</sup> Destes, optou pelo cargo de Senador pelo Rio Grande do Sul, permanecendo até 1950, quando afastou-se para disputar novas eleições.

Getúlio, neste período em que foi Senador, não teve uma grande atuação no Congresso Nacional, preferiu ficar em sua estância Santos Reis, na cidade de São Borja. Quanto a sua participação na Assembléia Nacional Constituinte de 1946, Vargas só tomou posse bem depois que o ante-projeto tinha sido encaminhado para discussão e aprovação. De volta para São Borja, não chegou assinar a nova Carta Magna, promulgada em 18 de setembro do corrente ano.<sup>38</sup> Somente em Dezembro assumiu a cadeira de Senador, uma vez que, segundo Regina Moreira, estava motivado pela necessidade de anunciar seu rompimento com o presidente Eurico Gaspar Dutra.<sup>39</sup>

Nas vezes em que esteve no Senado, proferiu alguns discursos em favor de seu governo e outros criticando a política econômica de Dutra. Assistiu à união do governo Dutra e da UDN, partidos de forças antagônicas, mas que se viam agora, segundo Bolívar Lamounier<sup>40</sup>, unidos com o propósito de mantê-lo à distância da política. Até porque Vargas se manteve durante todo o período de 1946 a 1950 como uma referência da política nacional e, entre um momento e outro, insinuava um possível retorno em 1950, deixando a oposição um pouco preocupada, pois sabia que se isso realmente ocorresse, seu nome tinha um grande peso nas urnas.

Neste interstício de tempo, o PTB rompeu com o governo Dutra em 1948, aumentando, assim, as expectativas em torno de uma possível volta de Vargas ao poder. Para sua sorte, a UDN se separou do PSD, deixando o governo enfraquecido. Vargas, por sua vez,

---

sobre os resultados das eleições presidenciais de 1945 ver FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento Queremista. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucia de Almeida Neves. (Orgs) *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática; da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Op. Cit. p. 42., FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p.159 e LAMOUNIER, Bolívar. Os Grandes Líderes: *Getúlio*. Nova Cultural, São Paulo, 1988, p.93.

<sup>37</sup> Cf. ARAÚJO, Maria Celina D'. *A Era Vargas*. Op. Cit. p. 33

<sup>38</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p. 160.

<sup>39</sup> Cf. MOREIRA, Regina da Luz. *Vargas: o parlamentar ausente e as articulações do exílio*. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html>> Acesso em: 05 de Maio de 2008.

<sup>40</sup> LAMOUNIER, Bolívar. Os Grandes Líderes: *Getúlio*. Op. Cit. p.94

não poupou esforços em lançar severas críticas à máquina governamental, alegando que ela não conseguia beneficiar a classe trabalhadora.<sup>41</sup> É importante lembrar que Dutra abriu as portas para o capital estrangeiro, favoreceu as importações, levando a uma drástica redução das reservas cambiais e freou a intervenção do Estado na economia. Em sua política trabalhista, restringiu o direito de greve, congelou o salário-mínimo e travou sérios duelos com os sindicatos. Além de mergulhar o país em uma grande inflação, diminuindo o poder aquisitivo da maior parte da população.<sup>42</sup> Foi neste clima que, aos poucos, Vargas e seus correligionários foram preparando terreno e se articulando para as eleições de 1950.

## 2.2 Ele Voltará!!! Da campanha às eleições de 1950

O ex-presidente Vargas, deposto em 1945 pelas forças armadas, era um nome presente nos debates políticos que seguiram os anos do governo Dutra. Buscou, em seus poucos discursos, manter um linha conciliatória com os seus inimigos, principalmente com os políticos udenistas, mostrando, assim, que não guardava rancores pelas intrigas políticas travadas durante a fase final do Estado Novo.<sup>43</sup> Procurou, gradativamente, converter a imagem de ditador em um Vargas democrata.

Nas palavras de Boris Fausto, a corrida para a sucessão do presidente Eurico Gaspar Dutra foi um verdadeiro “Balé” de idas e voltas.<sup>44</sup> As bancadas partidárias governistas não se entendiam quanto a indicação de um nome que pudesse ser sugerido à sucessão. Tentou-se, inclusive, manter a “política de união nacional” por meio do Acordo Interpartidário, que reunia os partidos PSD, UDN e PR com o objetivo de dar sustentação à política de Dutra no Congresso e escolher o sucessor.<sup>45</sup>

Seguia o ano de 1949. Enquanto isso, Vargas ia se articulando, buscando apoio no Partido Trabalhista Brasileiro, nos amigos que fizera no Partido Social Democrata e no Partido Social Progressista, representado por Ademar de Barros. Este último liderava uma grande força política dentro de São Paulo, junto ao PSP, que chegara a ter mais força do que mesmo os partidos majoritários nacionalmente, PTB e PSD. Desta forma, a aproximação de

---

<sup>41</sup> ARAÚJO, Maria Celina D'. *A Era Vargas*. Op. Cit. p. 33-34

<sup>42</sup> Para maiores informações sobre o governo do general Eurico Gaspar Dutra ver: SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Op. Cit. p. 91-101.

<sup>43</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Op. Cit. p. 102.

<sup>44</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p. 161.

<sup>45</sup> Cf. LAMA, Sérgio. O fracasso das “fórmulas” e a candidatura Vargas em 1950. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html>> Acesso em: 05 de Maio de 2008.

Vargas com Ademar era ponto-chave para as futuras eleições.<sup>46</sup> Em fevereiro de 1949, Vargas concedeu uma entrevista ao repórter Samuel Wainer, que trabalhava para O Jornal, em sua fazenda em São Borja, admitindo a possibilidade de ser candidato, dizendo: “Sim, eu voltarei, não como líder político, porém como líder de massas”. Para Boris Fausto, essa frase deu origem ao mais popular dos slogans da futura campanha do candidato: “Ele Voltará”. Tal expressão serviu de inspiração para a montagem de toda a propaganda partidária, convertida em panfletos, broches, porta-fósforos e de temática nos folhetos de cordel, que apostavam no retorno do “grande pai da nação”.<sup>47</sup>

Mas Getúlio não era homem de ficar parado, apenas esperando pelos apoios partidários que o cercavam. Com sua experiência e tática política, recorreu também aos militares. Essa conduta visava sondar o que pensavam os militares sobre a sua candidatura e se teria algum impedimento no ato da posse, caso fosse eleito. Góis Monteiro tratou de assegurar para Vargas o seu apoio e que os militares não o vetariam, caso fosse escolhido.<sup>48</sup> É importante lembrar, que nesse período, o mundo estava vivendo a chamada Guerra Fria, uma bipolarização entre os Estados Unidos capitalista e a União Soviética socialista, pairando uma atmosfera de medo da expansão do comunismo. Getúlio, dentro deste quadro, era visto como um político capaz de atenuar o crescimento desta “ameaça” no país.

Segundo Skidmore,<sup>49</sup> em 1950, Ademar de Barros e o PTB ofereceram a Getúlio a indicação de sua candidatura eleitoral, levando-o a aceitar em 7 de junho do mesmo ano. Vargas, então, ressurgia no cenário nacional com uma campanha que não ultrapassou dois meses. Do lado governista, Dutra se recusou a dar apoio a Vargas, alegando que não representaria uma continuidade de sua linha de governo. Através de manobras, levou o PDS a indicar o nome de um político mineiro, Cristiano Machado; este, apesar de sua importância política, não possuía uma liderança forte, capaz de derrotar Vargas. A UDN voltava a apresentar o brigadeiro Eduardo Gomes, um nome não muito apreciado entre os meios políticos. Sua campanha teve péssimos resultados, associados a sua aliança com Plínio Salgado e ao seu discurso defendendo a extinção do salário mínimo, em nome da liberdade contratual. É fácil imaginar o que isso significou para o contexto da época, em que a maioria

---

<sup>46</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Op. Cit. p. 104-105.

<sup>47</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p. 163. Ver também em LAMOUNIER, Bolívar. *Os Grandes Líderes: Getúlio*. Op. Cit., p.94.

<sup>48</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Op. Cit., p. 105.

<sup>49</sup> Idem, *ibidem*.

da sociedade defendia a política trabalhista de Vargas.<sup>50</sup> E por último, o PSB indica João Mangabeira.

Em se tratando de sua campanha, Getúlio Vargas entrou com todas as forças. Esta teve início em 6 de agosto de 1950, em Porto Alegre, e foi encerada em 30 de setembro, na cidade de São Borja. Dois temas foram centrais em seus discursos: o nacionalismo e a reforma social. Segundo Boris Fausto:

No primeiro, ele destacava os grandes empreendimentos de seu governo – a Companhia Vale do Rio Doce, a Fábrica Nacional de Motores e a usina siderúrgica de Volta Redonda – e prometia ampliar a ação do estado, sem renunciar aos investimentos estrangeiros. No segundo, acenava com extensão da legislação trabalhista aos trabalhadores do campo, para “manter e ampliar as conquistas alcançadas pacificamente, sem o apelo á luta de classes, em favor dos que trabalham e produzem.”<sup>51</sup>

Percorreu vários estados brasileiros, sempre com uma campanha empolgante e um discurso enaltecedor. Segundo Sérgio Lama<sup>52</sup>, em cada cidade por onde passava, utilizava um discurso que se adequava à realidade daquele povo: por exemplo, se estivesse na Amazônia, enfatizava a borracha; se no Paraná, falava da lavoura cafeeira: se no Nordeste, o aproveitamento do Rio São Francisco e os problemas da seca. Ao total, foram 80 discursos.

Esta campanha de Vargas também foi relatada pelos poetas populares que se debruçavam em seus livrinhos expressando apoio à candidatura daquele tido como o “líder nacional” que tanto fez pelos pobres trabalhadores. O poeta popular além de ter uma forte admiração pelo ex-presidente era importante para a campanha porque seus folhetos tinham uma boa aceitação no mercado, principalmente aos modestos compradores das calçadas do Recife, Salvador, Aracaju, Itabuna e Campina Grande, ou seja, atingindo um leitor que ia do litoral ao sertão, afirma Orígenes Lessa.<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p. 165. Ainda sobre este debate partidário ver ARAÚJO, Maria Celina Soares D'. A volta de Vargas ao poder e a polarização das forças políticas e sociais. In: SZMRECÁNYI, Tamás e GRANZIERA, Rui G. *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*. Op. Cit. p. 112-116.

<sup>51</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p.163-164. Sobre a questão da candidatura de Vargas ver GOMES, Ângela de Castro e ARAÚJO, Maria Celina D'. *Getulismo e Trabalhismo*. Op. Cit.

<sup>52</sup> Cf. LAMA, Sérgio. O fracasso das “fórmulas” e a candidatura Vargas em 1950. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html/>> Acesso em: 05 de Maio de 2008.

<sup>53</sup> LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Op. Cit. p.105. Também sobre este retorno de Vargas em 1950 nos folhetos de cordel ver: CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel* Op. Cit. p 120-132.

Vejamos o que versegou Delarme Monteiro Silva<sup>54</sup> ao descrever a entrada de Getúlio Vargas em sua campanha no Recife. O poeta descreve com muita eloquência a receptividade de Getúlio em solo pernambucano, quando diz “viva Pernambuco em peso / num delírio colossal” constatando, com isso, o que a imagem do ex-presidente significava para o povo. Mostra ainda que as pessoas fizeram de tudo para lhe homenagear e chamar mesmo atenção, quando cita “repicam sinos festivos / sirenes soam no ar”, leiamos:

Viva Pernambuco em peso  
 Num lírio colossal  
 Nesta hora inesquecível  
 Nossa linda capital  
 Hospeda Getulio Vargas  
 O líder nacional

Repicam sinos festivos  
 Sirenes soam no ar  
 Em ruas, becos vielas  
 O povo em massa a vibrar  
 Numa prova de civismo  
 D’uma beleza sem par.  
 [...]

Daquela data em diante  
 Foi o povo acreditando  
 Que ainda havia um homem  
 Que nele estava pensando  
 E o valor de Getúlio  
 Foi pouco a pouco aumentando

Já hoje não é preciso  
 Comícios ou propaganda  
 Pra dizer que no Brasil  
 Dr. Getulio é quem manda  
 Pois o povo está com ele  
 E com ele o povo anda  
 [...]

Verdadeira apoteose  
 Brindou nossa capital  
 Ao grande Getulio Vargas  
 O líder nacional  
 Que fez ontem no Recife  
 Sua entrada triunfal  
 [...]

Foi verdadeiro triunfo

---

<sup>54</sup> SILVA, Delarme Monteiro. *A entrada triunfante de Getúlio Vargas em Pernambuco*. Tip. São Francisco, 1950, p.1, estrofes 1 e 2, p. 5, estrofes 16, 17 e 19, p. 7, estrofes 26 e 27, respectivamente. Na capa deste folheto consta o nome de José Bernardo da Silva, mas este cordel pertence a Delarme Monteiro Silva, segundo consta na pesquisa realizado na Biblioteca Átila Almeida, em Campina Grande.

De Getulio em Pernambuco  
 E quem for contra Getulio  
 Desta vez fica maluco  
 E quem competir com ele  
 Termina louco ou caduco.

Durante sua passagem  
 Pelas ruas principais,  
 A multidão delirava  
 Como não se viu jamais  
 Relembrando outros festejos  
 De muitos anos atrás.

Em um outro folheto, datado de 1949, “Getulio Vargas O Orgulho do Brasil com ele triunfaremos”, o poeta apresenta o que acontecerá ao país com a sua volta, ao escrever: “ele voltando, operários / a classe triunfará / a vida torna-se amena / tudo se amenizará”. Com estes versos, podemos perceber que, na visão do poeta, Getúlio era a solução para os problemas pelos quais estavam passando, como por exemplo, baixos salários e alta da inflação. E que, por isso, ele diz que está cumprindo seu dever ao anunciar e mostrar que o país só vai adiante com Getúlio no poder. Vejamos:

Não desanime operário  
 Vosso dia chegará,  
 O nosso chefe está vivo  
 Não nos abandonará  
 Existe inimigo dele  
 Que carrega contra ele,  
 Mas Getúlio voltará.

Ele voltando, o Brasil  
 Sua marcha seguirá,  
 E um progresso brilhante  
 O nosso país terá  
 Sem perigo ou cambalacho  
 Podem fazer o “diacho”,  
 Mas Getulio voltará.

Ele voltando, operários  
 A classe triunfará,  
 A vida torna-se amena  
 Tudo se amenizará  
 Os inimigos da terra  
 Podem lhe fazer mil guerras,  
 Mas Getulio voltará.  
 [...]  
 Vejo o país em regresso  
 Caminhando sem destino  
 Mas com um homem de tino  
 O Brasil terá progresso

Por isso aqui me apresso  
 Cumprindo assim meu dever  
 Para bem alto dizer  
 Numa voz tonitruante:  
 Meu país só vai avante  
 Com Getúlio no poder.<sup>55</sup>

Por sua vez, o folheto escrito por Manoel Camilo dos Santos, datado de 1948, dava conselhos ao povo brasileiro sobre a importância de Getúlio Vargas, veresando sobre suas realizações, procurando, desta forma, fazer reviver na memória das pessoas seus feitos, bem como alertar para as futuras eleições. No início do folheto, o autor enaltece o surgimento de Getúlio na política, comparando-o ao “sol” em termos de grandeza, vejam:

Porem tudo tem seu fim  
 Como já vimos em outrora  
 O Dr. Getúlio Vargas  
 Surgir como nova aurora  
 Espargindo no Brasil  
 Luz, liberdade e melhora..

Surgira Dr. Getúlio  
 Como o sol nos horizontes  
 Seus reflexos matutinos  
 Depois de espargir nos montes  
 Suas palhetas benévolas  
 Brilhou das colinas as flores.<sup>56</sup>

E partindo deste ponto, passa a descrever sua atuação política, destacando que não importava o local, se no Rio de Janeiro ou no sertão, para suas realizações:

E lançou um olhar benéfico  
 em prol de toda a nação  
 fez muitos departamentos  
 próprios para educação,  
 da capital carioca  
 ao alto sertão.

Protegeu o industrial  
 Criador, proprietário  
 Com bancos e caixas rurais  
 E deu ao operário

<sup>55</sup> SILVA, Monteiro Delarme. *Getúlio Vargas O orgulho do Brasil com ele triunfaremos*. Tip. São Francisco. Juazeiro. 17/10/1949. p. 15, estrofes 56, 57 e 58. p.16, estrofe 61, respectivamente. Na capa deste folheto aparece o nome de José Bernardo da Silva, mas de acordo com a pesquisa de Átila Almeida, a autoria deste folheto é de Delarme Silva, o José Bernardo era apenas proprietário da tipografia.

<sup>56</sup> SANTOS, Camilo Manoel dos. *Conselho aos Brasileiros*. Guarabira, 1948, p. 1, estrofes 3 e 4, respectivamente.

A garantia que tem  
Um plenipotenciário.<sup>57</sup>  
[...]

Estradas, pontes e açudes  
escolas, abrigos infantil,  
maternidades orfanatos  
em todo nosso Brasil  
colégio, asilo hospital  
ele fez mais de cem mil

De Norte a Sul, Leste a Este  
no mais longe (continente)  
não ficou um lugarejo  
que não fosse felizmente  
olhado e beneficiado  
pelo grande presidente.

Todos os sertões do Brasil  
Dr. Gettúlio (acodiu)  
Abem de seus abitantes  
Como igual, nunca se viu  
Fez centenas de barragens  
E muitos açudes construiu.<sup>58</sup>  
[...]

Um homem deste merece  
nossa estima e atenção  
seus serviços relevantes  
prestados desde então  
nos fazem gritar: estamos  
à sua deposição.<sup>59</sup>

E finalizando, o poeta procura dar um desfecho sobre a sua volta, alegando que este tirará o Brasil do “cativeiro”, reconhecendo que mesmo como ex-ditador teve boa administração:

Brevemente ele virá  
em prol do Brasil inteiro  
vamos marchar tudo ao lado  
desse grande brasileiro  
que só assim livraremos  
o Brasil do cativeiro.

Viva o grande senador  
o Dr. Getúlio Vargas  
homem de idéas largas

---

<sup>57</sup> Idem, p. 4, estrofes 15 e 16, respectivamente.

<sup>58</sup> Idem, p. 5, estrofes 18, 19 e 20, respectivamente.

<sup>59</sup> Idem, p. 6, estrofe 23.

mesmo como ditador,  
 pois este nobre senhor  
 tem boa administração  
 já por isto com razão  
 grita o Brasil em apuro  
 vivanda o ex e futuro  
 presidente da nação.<sup>60</sup>

Quanto ao material da campanha presidencial, este buscava, em seu conteúdo, apresentar ao povo brasileiro motivos pelos quais ele deveria escolher Getúlio, visto que tinha um apelo nacionalista pelas realizações do ex-presidente, vejamos:

### Ele Voltará porque:

Foi o realizador de Volta Redonda;  
 Foi o realizador da Cia. Vale do Rio Doce;  
 Foi o realizador da Estrada Rio-Baia;  
 Foi o realizador da Estr. Barra Mansa a Caxambú  
 Foi o reformador do Exército Nacional;  
 Foi o semeador da Baixada Fluminense;  
 Foi o realizador da Marcha para o Oeste;  
 Foi GEULIO que acabou com o cangaço no Brasil!  
 GETULIO DISSE: Acima dos ódios e das rivalidades,  
 acima dos partidos e das competições,  
 paira a imagem da Pátria!<sup>61</sup>

Em outro, se verifica um apelo religioso com uma paráfrase para o “Credo” católico e o “Salve Rainha”, como podemos observar:

### ORAÇÃO GETULISTA

Creio e Getúlio Vargas, todo poderoso, criador das leis trabalhistas. Creio no Brasil e no seu filho, nosso patrono, o qual foi concebido pela revolução de 30. Nasceu de uma Santa Mãe, investiu sobre o poder de Washington Luiz, foi condecorado com o emblema da República, desceu ao Rio no terceiro dia, homenageou os mortos, subiu ao Catete e está sentado em São Borja, donde há de vir para nova vitória. Creio em seu retorno ao palácio do Catete, na comunhão dos pensamentos, na sucessão Presidencial Amem.

Nota – Para o bem da nação tire cópias desta oração e envie a seus amigos patriotas.

<sup>60</sup> Idem, p. 7, estrofe 27 e p. 8, estrofe 32, respectivamente.

<sup>61</sup> Os grifos e as letras maiúscula estão de acordo com a transcrição do documento datado de 15/04/1954. Material de campanha. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html>> Acesso em: 05 de Maio de 2008.

### SALVE GETULIO VARGAS

Salve! ó Pátria gloriosa  
Salve! ó Céu azul de anil  
Salve! Getulio Vargas  
Orgulho do nosso Brasil

Salve!este povo que sofre  
Deste país rico e forte  
Salve! Getulio Vargas!  
Do Brasil, deu sul a norte!

Salve! ó intrépido heroe  
Desta raça varonil  
Salve! Getulio Vargas!  
Salve! nosso Brasil!<sup>62</sup>

Sendo assim, em 3 de outubro de 1950, chegara o momento das eleições, quando compareceram às urnas um total de 8.254.989 eleitores. Destes, 48,7% dos votos ficaram com Getúlio Vargas, que mesmo fazendo uma boa campanha, teve menos votos que Dutra nas eleições passadas. Cristiano Machado ficou com 21,5% dos votos, o Brigadeiro Eduardo Gomes com 29,7% e João Mangabeira com 0,1%. Segundo Maria Celina, a candidatura de Vargas foi vitoriosa em 18 das 24 unidades da federação, perdendo apenas nos Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Minas Gerais e nos territórios de Acre e Amapá.<sup>63</sup>

Nas pesquisas de arquivo, encontramos a letra de uma música, que descreve a cosmovisão do poeta Manuel d’Almeida Filho em relação ao pleito eleitoral deste período e que ilustra tão bem esta passagem da história, em que o autor faz questão de enfatizar que apesar, das manobras de cada candidato, quem realmente sobe ao poder é Getúlio Vargas, aclamado como “protetor dos operários” e “pai dos pobres”. Observem:

#### Samba da vitória Getulista

(Na música de Juazeiro)

Letra do poeta popular Manoel d’Almeida Filho

Brigadeiro foi eleito  
P’ra perder a eleição,  
E voltar para a caserna

<sup>62</sup> Os grifos e as letras maiúscula, bem como a própria grafia das palavras estão de acordo com a transcrição do documento datado de 15/04/1954. Material da campanha partidária. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comun/html>> Acesso em: 05 de Maio de 2008.

<sup>63</sup> ARAÚJO, Maria Celina D’. *O segundo governo Vargas (1951-1954). Democracia, partidos e crise política*. 2 ed. São Paulo: Ática: 1992, p. 78. FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. 165. Ver também COHEN, Marleine. *Getúlio Vargas*. São Paulo: Globo, 2007.

Dirigir seu avião.  
 Vai brigadeiro  
 Parar na Aviação,  
 Sem marmiteiros  
 Não se ganha a eleição.  
 Cristiano foi eleito  
 Para perder a contenda,  
 Voltar p'ra Minas Gerais  
 Governar sua fazenda.  
 Vai Cristiano  
 Não caia n'outra de novo,  
 Que só governa  
 Quem beneficia o povo,  
 João Mangabeira perdeu  
 Por ser pouco experiente,  
 Com meia dúzia de votos  
 Queria ser presidente.  
 Vai Mangabeira  
 Deixa o socialismo,  
 Que no Brasil  
 Só queremos Getulismo.  
 Voltaram nas eleições  
 Milhares de marmiteiros,  
 Para elevar ao Catete  
 O maior dos brasileiros.  
 Sóbe Getúlio  
 Protetor dos operários,  
 E pai dos pobres  
 Amparo dos proletários.  
 Sóbe Getúlio.... Sóbe Getúlio....<sup>64</sup>

### 2.3 O II governo Vargas: da vitória ao suicídio

Em 31 de Janeiro de 1951, Getúlio Vargas assume a presidência do Brasil. Desta vez, por eleições diretas, escolhido em uma grande disputa nacional, em um clima de polarização de forças políticas e inserido em um regime democrático com estruturas de classes mais diferenciadas, cujas virtudes ele não conhecia, conforme analisa Boris Fausto.<sup>65</sup> O autor relata, ainda, que mesmo legitimado por eleições democráticas para assumir a presidência, grupos da UDN tentaram impedir a sua posse, alegando que este não tinha obtido uma quantidade de votos suficiente para assumir o cargo; para eles, era preciso ter mais de 50%, tendo por base uma interpretação peculiar da Constituição, que exigia a maioria absoluta

<sup>64</sup> FILHO, Manoel D'Almeida. *Samba da vitória Getulista*. [s.d., s.l]. Sobre a inclusão de Getúlio Vargas no cancionista popular ver JÚNIOR, Mugnaini Ayrton. Compositores do Brasil... o getulismo e a MPB. In: *Revista História Viva Grandes Temas: O Brasil que Getúlio Sonhou*. Duetto, Edição Especial , nº 4, 2007, p.89-100.

<sup>65</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. 166.

nas eleições presidenciais. Mas, por decisão do Tribunal Superior Eleitoral, em Janeiro de 1951, a vitória do gaúcho de São Borja fora reconhecida como legítima e a decisão acatada pelos militares.

Vargas procurou estabelecer sua política neste segundo mandato centrado em dois pontos fundamentais: o nacionalismo e a industrialização. Não foi à toa que, durante toda a campanha política, grande parte da sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito à massa trabalhadora, depositou nele suas esperanças, associando sua imagem a um “herói nacional”, o “defensor dos pobres”. Não se pode negar que o período em que este dirigente esteve no comando do país, de 1930 a 1945, trouxe profundas mudanças para a sociedade, ainda que nem todos tenham sido beneficiados por suas políticas governamentais. Suas ações se refletiram, principalmente, no campo das leis trabalhistas, buscando atrair o apoio popular e deste uma espécie de defesa para seu governo. É por isto que encontramos tantas mobilizações em dois momentos relacionados à sua trajetória política: um correspondendo ao movimento Queremista e o outro ao apoio recebido na campanha eleitoral de 1950 (sem esquecer, claro, da imensa comoção que sua morte provocou).

No início de seu governo, tratou logo de organizar a bancada governamental que refletia neste momento as diversas tendências e alianças políticas que o apoiaram nas eleições. Nestas disputas ministeriais, estavam envolvidos o PSD, o PSP, o PTB e a UDN.<sup>66</sup> Bolívar Lamounier afirma, sobre Getúlio:

Consciente dessas dificuldades “parece ter cogitado de um Ministério no qual a UDN tivesse uma participação expressiva, mas a idéia foi repelida de pronto nas sondagens iniciais. Mesmo assim, os ministros escolhidos refletiam de certo modo o desejo de conciliar as diversas tendências. O partido melhor aquinhado foi o PSD, que colocou João Neves da Fontoura no Ministério das Relações Exteriores; Horácio Lafer, empresário paulista, na Fazenda; Negrão de Lima na Justiça e Ernesto Simões Filho na Educação e Saúde. Ademar de Barros indicou o ministro da Viação de Obras Públicas (Álvaro Pereira de Souza Lima) e o presidente do Banco do Brasil, Ricardo Jafet. A pasta do Trabalho coube ao PTB, com Danton Coelho, e a da Agricultura ao udenista pernambucano João Cleofas. O Ministério da Guerra foi entregue ao general Estilac Leal, de corrente nacionalista.<sup>67</sup>

O autor relata ainda que João Neves e Horácio Lafer

<sup>66</sup> Com relação a essa base política ver Em busca de uma base política – o ministério da experiência. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html/>> Acesso em: 05 de Maio de 2008.

<sup>67</sup> LAMOUNIER, Bolívar. *Os Grandes Líderes: Getúlio*. Op. Cit. p 96. Sobre essa composição ministerial ver: SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Op. Cit. p. 110-111.

(...) procuraram desenvolver as relações econômicas externas com base na orientação industrialista de Getúlio Vargas, mas sem hostilizar de nenhum modo o capital estrangeiro; ao contrário, procurando atraí-lo para os projetos de desenvolvimento elaborados pela competente assessoria econômica da presidência da República.<sup>68</sup>

Esses projetos abrangiam a criação de novas fontes de energia elétrica, a expansão da indústria de base, a modernização de transportes, a ampliação dos serviços portuários e a introdução de novas técnicas na agricultura. Todo esse esforço tinha como meta livrar o país da crise econômica e levar adiante seu projeto nacionalista de governo. Vargas encontrou a nação mergulhada em uma grande crise financeira deixada por Dutra; era necessário lançar mão de estratégias para poder superá-la. Segundo Boris Fausto:

No início da década de 50, o governo promoveu várias medidas destinadas a incentivar o desenvolvimento econômico, com ênfase na industrialização. (...) Ao mesmo tempo que tratava de dinamizar a economia, o governo Vargas se via diante de um problema com fortes repercussões sociais – o avanço da inflação. Em 1947, a inflação que vinha dos últimos anos da guerra mundial perdeu intensidade, mas logo depois tomou ímpeto. Passou de 2,7% em 1947 a uma média anual de 13,8% entre 1948 e 1953, apresentando só neste último ano uma variação de 20,8%.<sup>69</sup>

Enquanto isso, a oposição tentava de toda forma atacar as ações nacionalistas do presidente, que procurava defender os anseios populares contra as ambições dos empresários e a economia nacional contra os interesses estrangeiros. Cabe lembrar que essa política nacionalista não propunha um rompimento direto com o capitalismo. Esse nacionalismo estava associado a dois ângulos principais: o primeiro era uma forma estratégica de Vargas manter relações com o capital internacional, o outro pretendia a união da classe trabalhadora em torno de ideais ligados ao Estado.

Este último ponto relaciona-se às políticas de massa, o “populismo” que foi explorado por Vargas. Para Francisco Weffort, o populismo *corresponde uma relação complexa entre lideranças que surgem de cima com massas que estão embaixo*. Diz o autor que o termo é teoricamente impreciso, mas em se tratando do Brasil, nos anos que seguem de 1945 a 1964, o populismo era uma espécie de manipulação política em que a classe dominante procurava estabelecer uma sustentação cercada de propagandas, comícios, programas de rádio e jornais, visando, sobretudo, manter uma ligação íntima com o líder.<sup>70</sup>

<sup>68</sup> Idem, p. 98

<sup>69</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Op. Cit, p.409.

<sup>70</sup> WEFFORT, Francisco. O nacional, O populismo e o que restou do legado político de Vargas. In: SZMRECÁNYI, Tamás e GRANZIERA, Rui G. *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*. Op. Cit p.166.

Paralelo a essas medidas estava o Estado, que construía um discurso legitimador, buscando integrar e unir os interesses sociais, políticos e econômicos para o bem-estar da nação.

O mundo, neste momento, enfrentava as hostilidades da Guerra Fria. Pairava no ar o temor por um novo conflito bélico. E isto se refletia nas divergências partidárias. De um lado, grupos de posições nacionalistas, como o PTB, parte do PSD, comunistas e parte do Exército; de outro, a UDN, totalmente anti-getulista, contrária a essa política desencadeada por Vargas. Vale frisar que estes grupos partidários vão aos poucos obtendo forças políticas e poder de mobilização, defendendo sempre seus próprios interesses, fruto até mesmo do processo político democrático.

Em se tratando da política externa, a relação do Brasil com os Estados Unidos ficou um pouco abalada devido à pressão norte-americana para que o país ingressasse na Guerra da Coreia. Em consulta ao presidente sobre a possibilidade de enviar tropas para o conflito em troca de promessas de empréstimos e projetos econômicos, este descarta a hipótese, aproximando-o ainda mais dos militares nacionalistas. Tal decisão não foi muito bem recebida pelos generais Cordeiro Farias e Juarez Távora, que eram a favor da participação do país no conflito. Considerando este embate e se aproveitando da situação, os militares conservadores ligados à UDN passaram a conspirar contra Getúlio.<sup>71</sup>

Tendo em conta esse cenário é que foi criada a Cruzada Democrática, uma associação composta de políticos e militares anti-esquerdistas e anti-nacionalistas, que com um pequeno apoio dos Estados Unidos pediram a demissão do general Estillac Leal, Ministro da Guerra. Tal fato só ocorreu anos mais tarde, com o aumento das divergências na área militar. Vargas afastara Estillac e Zenóbio, que ocupava o comando da Zona Militar Leste. Assim, nas palavras de Bolívar, Vargas perdia a colaboração de dois dos chefes que mais o apoiaram na sua posse.<sup>72</sup>

Ainda sobre esta política externa, Boris Fausto diz que ficou ainda pior quando o Eisenhower chega ao poder, em 1953. Além de ser anti-comunista, passou a adotar uma postura rígida com os países subdesenvolvidos, criando obstáculos à concessão de empréstimos. Do outro lado, o Brasil também baixou um decreto limitando a remessa de lucros das empresas estrangeiras para o exterior. Nas palavras do autor, *a linha dominante*

---

Para maiores detalhes do populismo ver: WEFFOR, Francisco Corrêa. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

<sup>71</sup> Cf. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Op. Cit, p.176.

<sup>72</sup> LAMOUNIER, Bolívar. *Os Grandes Líderes: Getúlio*. Op. Cit. p 100.

norte-americana consistia em abandonar a assistência estatal e dar preferência aos interesses privados. Este fato alterou o quadro de créditos do Brasil.<sup>73</sup>

Um outro ponto que obteve grande repercussão foi a criação da Petrobras. Vargas tinha enviado, em 6 de dezembro de 1951, um projeto que previa a criação de uma empresa de economia mista com controle majoritário da União, não prevendo um controle estatal. Mas essas idéias desagradaram diversos setores econômicos, inclusive os nacionalistas, que se mobilizaram através do slogan “O Petróleo é nosso” e que tomaram as ruas com comícios, passeatas e panfletos. Em 1953, de acordo com a Lei nº 2004, a Petrobras era criada, tornando-se o símbolo maior do nacionalismo varguista.<sup>74</sup> Uma empresa totalmente nacional, sem a participação de empresas estrangeiras e que passou a ter o monopólio de todas as etapas da produção, exceto da distribuição. No ano seguinte, Vargas enviou a proposta ao Congresso para a criação da Eletrobrás, com o objetivo de enfrentar o déficit de energia do país, tendo em vista que o crescimento industrial precisava de uma demanda maior do fornecimento de energia elétrica; mas o jogo das pressões das multinacionais foi intenso, alegavam ser desnecessária a interferência do governo neste setor, sendo assim, a proposta só veio a ser aprovada em 1961.<sup>75</sup>

A política econômica do governo Vargas deixava claro seu objetivo de promover uma substituição das importações pela valorização de um setor industrial em que o Estado tivesse papel importante na organização desta infra-estrutura. Tais iniciativas tiveram grandes destaques na imprensa, pois entravam em choque com os interesses de uma burguesia dependente do capital estrangeiro e dos grupos nacionalistas. Destacam-se, neste âmbito, os jornais *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, totalmente de oposição, que não poupava críticas ao presidente, e o *Última Hora*, de Samuel Wainer, porta-voz do governo.

Durante os anos de 1953 e 1954, Getúlio Vargas enfrentou os piores momentos do seu governo. Mesmo com todo esse impulso desenvolvimentista, a sociedade enfrentou uma grande inflação, chegando a atingir índice de 21% no ano de 1953. Isto, por sua vez, acarretava no aumento dos gêneros alimentícios de primeira necessidade, principalmente o feijão, o leite e a farinha de mandioca.<sup>76</sup> Corroborando com Boris, Skidmore também destaca a inflação do período como sendo um ponto crítico do governo; cita o exemplo do Rio de

---

<sup>73</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Op. Cit, p.177.

<sup>74</sup> Idem, p. 172.

<sup>75</sup> Para maiores detalhes das represálias dos Estados Unidos e das divergências das empresas estrangeiras diante da política industrial de Vargas ver: MARANHÃO, Ricardo. Nacionalismo, petróleo e eletricidade marcaram a volta de Vargas. In. *Revista História Viva Grandes Temas: O Brasil que Getúlio Sonhou*. Op. Cit. p. 79-83.

<sup>76</sup> Cf. FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. 173.

Janeiro, cujo índice aumentou em 11% em 1950 e 11%, outra vez, em 1951 e saltou para 21% em 1953.<sup>77</sup>

Um poeta popular chamado Manuel Dionísio Filho, mais conhecido pelo seu acróstico “Canelinha”<sup>78</sup>, procurou descrever em seus versos o desconforto da sociedade diante do aumento dos impostos e da carestia. Logo no início, o autor faz um apelo a Deus, pedindo inspiração para poder escrever, levando-nos a crer que a dificuldade era tanta que lhe faltava concentração para poder criar seus versos. Observemos o folheto:

Oh! Deus baixai sobre mim  
Vossa santa inspiração,  
Para descrever em versos  
A péssima situação,  
Em que estamos passando  
Dentro de nossa nação.

Não quero me referir  
Diretamente a alguém  
Mas geralmente ao povo,  
Que nosso Brasil contem  
Porque nestes últimos dias  
Ninguém vai passando bem.

O rico chora seu pranto  
Com desgosto absoluto  
Ainda sendo abastado  
Sem prazer é diminuto,  
Porque lhe falta a paz  
Não pode encontrar reduto.

Chora o pobre quitandeiro  
Chora o pobre mascate,  
Chora o pobre tintureiro  
Chora o pobre alfaiate  
Chora o pobre sapateiro  
Chora o pobre engraxate.

Chora o pobre arquiteto  
Chora o pobre carroceiro  
Chora o pobre servente  
Chora o pobre covoqueiro,  
Chora o pobre pião  
Chora o pobre carpinteiro.

Lamenta o fazendeiro  
Lamenta o agricultor  
Lamenta o motorista  
Lamenta o jogador.

<sup>77</sup> SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Op. Cit. p. 150.

<sup>78</sup> Cf. SOBRINHO, Jose Alves e ALMEIDA, Átila. *Dicionário Bibliográfico de poetas populares*. 2. ed. ampl. e refor., Campina Grande-PB: UFPB- Campus II, 1990 (v. 2: Biografias), p. 116.

Lamenta o jornalista  
Lamenta o professor.

Toda classe hoje em dia  
Sente desgosto profundo  
Vive em desassossego,  
Muitos vagabundo no mundo  
Atraz da felicidade  
Em nosso Brasil fecundo.<sup>79</sup>

E o poeta, ao lamentar esse desgosto, roga ao governo para tomar providências, quando se refere a ele dizendo que “é o esteio desta pobre humanidade” e passa a descrever os impactos causados pelo aumento dos impostos, como é possível perceber em:

Porém isto meu leitor  
É uma barbaridade  
O pobre também precisa  
Um degrau de prosperidade  
O governo é o esteio  
Desta pobre humanidade

Portanto vamos rogar-lhe  
Que nos melhore a sorte  
Dentro dos vinte estados,  
Desde o sul até o norte  
Porque estamos sofrendo  
Opressão bastante forte.  
[...]

Vejo cada brasileiro  
Vertendo lagrimas no rosto,  
Por causa do cambio negro  
E a alta do imposto,  
Pois são eles os fatores  
Deste implacável desgosto.

O imposto no Brasil  
Está alterado demais  
A carestia é enorme,  
Em tecidos e cereais  
Artefatos e molhados  
Produtos industriais

Geralmente está sofrendo  
Todo povo da nação  
Paga imposto sindical  
Industria e profissão  
Paga também instituto  
Paga consignação.<sup>80</sup>

<sup>79</sup> CANELINHA. *A Alta dos impostos e o choro da Humanidade*. Ituiutaba, maio de 1952. p. 1, estrofes, 1ª a 5ª e p. 2, estrofe 6 e 7, respectivamente.

<sup>80</sup> Idem, p.2, estrofes 8 e 9, p.3, estrofes 11, 12 e 13, respectivamente.

Depois de expor a situação em que se encontrava a sociedade diante da tão temível inflação, Canelinha faz questão de frisar que Getúlio está no Catete e convida o leitor a pedir proteção àquele que é “o pai da nação”. Em um tom apelativo, o poeta pediu para que o presidente olhasse primeiramente para as várias pessoas que migraram do norte e vieram tentar a sorte no sul do país e que precisam de atenção, afirmando que vive da poesia e não sabe quando regressará à sua terra:

O mundo está em balanço  
 O Brasil está vai não vai  
 Getúlio está no Catete,  
 Tão cedo de lá não sai  
 O mundo pode cair  
 Mas ele de lá não cai.

Por tanto caro leitor,  
 Ele é o pai da nação  
 Vamos pedir proteção  
 Não deixe os brasileiros  
 Sofrendo tanta opressão.

Que olhe primeiramente  
 Os pobres filhos do norte  
 Que estão vindo para o sul  
 Por causa da crise forte,  
 E não arranjam seque  
 O dinheiro do transporte.

Eu mesmo sou um dos tais  
 Que para o sul emigrei  
 Vivo da arte poética  
 Até hoje pouco ganhei  
 Me acho aqui desterrado  
 Não sei quando voltarei.<sup>81</sup>

Na descrição do poeta Canelinha, podemos perceber como se encontrava a sociedade em meio às turbulências econômicas enfrentadas neste segundo governo de Vargas. Tomado esse clima, as agitações populares adquirem rumos inesperados, várias greves irrompem no Rio de Janeiro e em São Paulo, trabalhadores foram às ruas em prol da defesa salarial e do aumento dos preços, como podemos atestar pelos versos de Canelinha. Um desses movimentos, que representou um significativo desgaste para o presidente, foi a “Greve

---

<sup>81</sup> Idem, p.7, estrofe 35, p. 8, estrofes 36, 37 e 38 respectivamente.

dos 300 mil”, culpando-o pelo sacrifício dos trabalhadores, que deixou a cidade de São Paulo paralisada em 26 de março de 1953.<sup>82</sup>

Mediante os acontecimentos, Getúlio se vê obrigado a manobrar essas correntes contraditórias, que ficavam cada vez mais instáveis e de difícil controle. Para isso, propôs uma reforma ministerial, visando, desta forma, atingir uma estabilização econômica. Nomeou para o Ministério do Trabalho João Goulart, ligado ao PTB; Tancredo Neves, do PSD, para a Justiça; Osvaldo Aranha, da UDN, para a Fazenda; o Ministério da Viação e Obras Públicas ficou com José Américo; Educação, Antônio Balbino e para o Exterior Vicente Rao, também de tendência udenista.<sup>83</sup>

Mesmo com essa concessão dada à UDN no Ministério da Fazenda, não foi suficiente para deixar o governo em paz. Novas acusações direcionadas ao governo são levantadas, como intuito de poder atingir o ministro do Trabalho, que foi acusado de querer implantar uma ditadura semelhante à de Perón na Argentina. Também corria o boato de que Jango iria aumentar o salário mínimo em 100%. Esses comentários levaram grupos de oficiais militares a contestar tais medidas, lançando o chamado “Manifesto dos Coronéis”, criticando as possíveis propostas de Jango. A necessidade de se organizar o exército, para que este pudesse lutar contra o comunismo, que, segundo eles, estaria ameaçando o Brasil e propor aumento salarial. Tal manifesto foi dirigido ao ministro da Guerra e outras autoridades do comando maior.<sup>84</sup>

Em resposta a tais situações políticas, segundo Boris Fausto, Getúlio demitiu o Ministro da Guerra, pelo fato de este não ter lhe informado sobre o manifesto, e faz o mesmo com João Goulart. Afirma, ainda, que a linha que o presidente procurou seguir em 1954 é a “da aproximação com os trabalhadores, seja pela escalada retórica, seja pela concessão de benefícios”. Como sempre fizera em comemorações anteriores, durante o Estado Novo, Vargas escolheu o 1º de maio, dia do trabalhador, para poder anunciar o aumento do salário mínimo em 100%, tecendo elogios a Goulart por ser “amigo dos trabalhadores”. Seu discurso à classe trabalhadora acerca deste aumento terminava com uma frase que gerou polêmicas e inquietações. Dizia ele: “Constituí a maioria. Hoje estais com o governo. Amanhã sereis o governo”. Para Boris, essa inclinação de Vargas de atrair os trabalhadores para o seu lado, como fizera em outros tempos de governo, é o que levaria militares, grupos da classe

---

<sup>82</sup> Cf. FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. 180.

<sup>83</sup> LAMOUNIER, Bolívar. *Os Grandes Líderes: Getúlio*. Op. Cit. p 101. Para entender melhor este quadro da reforma ministerial em 1953 por Vargas ver a análise de SKDIMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Op. Cit. p.150-157.

<sup>84</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Op. Cit. p.415.

dominante e classe média a vê-lo com outros olhos, não mais aqueles de apoio, mas os de perda de prestígio político.<sup>85</sup> Nas palavras de Skidmore:

A verdade era que Getúlio tinha decidido conquistar o apoio político da classe trabalhadora por meio de um atraente aumento nos salários reais, sem se incomodar com as conseqüências que seu ato pudesse ter sobre os outros setores da opinião pública. Era um sinal de que Getúlio havia perdido seu já comprovado senso de equilíbrio. Sua nova estratégia era imprudente, devido à situação política brasileira, uma vez que os grupos marginalizados – industriais, classe média, militares – estavam em melhor posição para mobilizar a oposição do que os trabalhadores para mobilizar o apoio ao governo.<sup>86</sup>

O aumento do salário mínimo gerou uma onda de protestos por parte dos industriais, que recorreram ao Supremo Tribunal Federal, alegando a impossibilidade de pagar aos trabalhadores. Mas, diante da ameaça de uma greve geral, em início de julho o decreto foi declarado legal. O líder da UDN, Afonso Arinos, e o jornalista Carlos Lacerda, o qual não cessava a campanha contra o governo em seu jornal Tribuna da Imprensa, levaram ao Congresso o pedido de *impeachment* do presidente Vargas. Em resposta, o Congresso negou o pedido, por 136 votos contra 35, em 16 de junho, como afirma Lamounier.<sup>87</sup> Esta negação fortaleceu os opositores quanto à derrubada do governo. Nas palavras de Lamounier, faltava apenas o “peteleco” para a deflagração final do seu governo.

A situação para Getúlio estava realmente delicada. Cada vez mais, os anti-getulistas buscavam adesão em vários setores da sociedade com o intuito de derrubá-lo. A imprensa local o atacava de todas as formas, acusava-o de “imoral” e “corrupto”. Vargas, que buscava sustentação nos trabalhadores, pouco fez para mobilizar o apoio dessa classe, apesar de ter chegado à presidência com seu apoio. Para alguns, Vargas já dava sinais de cansaço e envelhecimento. Mas devemos lembrar que o contexto em que este homem esteve no poder na década de 40 é totalmente diferente dos anos 50. Com a redemocratização, os grupos sociais e os partidos políticos ficaram mais atuantes, facilitando assim a propagação de suas idéias. A imprensa passou a ter total liberdade de expressão, o país enfrentava outros desafios econômicos e a oposição atuava com mais rigor, principalmente os militares, que se afastavam cada vez mais do governo. O poder de aglutinação de Vargas já não fazia mais tanto efeito, sua base governista convergia para outros rumos.

---

<sup>85</sup> Cf. FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p.185-187.

<sup>86</sup> SKDIMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Op. Cit. p. 171.

<sup>87</sup> LAMOUNIER, Bolívar. *Os Grandes Líderes: Getúlio*. Op. Cit. p 102.

Mas, na manhã de 5 de agosto, chegava no palácio do Catete a notícia de que o jornalista Carlos Lacerda, líder de oposição, havia sofrido um atentado criminoso por volta da meia-noite, quando estava indo para seu apartamento na rua Tonelero, em Copacabana. Um pistoleiro, sob as ordens indiretas de Gregório Fortunato, alvejou Lacerda, que ficou ferido; e seu amigo, o major Rubens Florentino Vaz, que fazia sua guarda pessoal, morrendo na hora. Gregório, chefe da guarda presidencial do palácio, achava que tirando Lacerda do caminho, a vida de Getúlio deixaria de ser alvo de críticas e acusações na imprensa.<sup>88</sup> Obtendo grandes repercussões em toda a sociedade, este atentado também foi representado pelos poetas que comparavam o mandante do crime a uma “perversa pantera”, como podemos perceber:

No dia 5 de Agosto  
 Pelo destino da sorte,  
 Um grupo de irresponsáveis  
 Fez uma desgraça forte,  
 Por ordens de um golpista  
 Alvejaram um jornalista  
 Destemido, honrado, e forte

Porem ele não morreu,  
 Foi apenas baleado,  
 Rubens Florentino Vaz,  
 Major destino e honrado,  
 Morreu por ser inocente  
 E o nosso presidente  
 Foi tido como culpado.

Devido a ter amigo  
 O Gregório Furtunato,  
 Perverso como a pantera  
 E macio como gato,  
 Foi quem mandou o Climério  
 Fazer este vutupério  
 De clamor e desacato.<sup>89</sup>

Este crime marcou o estopim do final do segundo governo Vargas. Os militares começaram a fazer suas investigações para tentar achar o culpado. A Aeronáutica, por sua vez, instalou na base aérea do Galeão, um inquérito policial militar, com o objetivo de investigar diretamente o caso; isso mostrava a desconfiança nas investigações por parte do Ministro da Justiça. Assim, o brigadeiro da Aeronáutica Eduardo Gomes, advertiu que para o bem da nação, este crime não deveria ficar impune. Enquanto isso, Getúlio interrogara

<sup>88</sup> Idem., p.176.

<sup>89</sup> SOBRINHO, Manoel Pereira. *O suicídio do Presidente Getúlio Vargas*. [s/l, s/n, s/d], p.3, estrofes, 8, 9 e 10, respectivamente.

Gregório sobre o acontecido, mas este negou qualquer tipo de envolvimento e da guarda presidencial. Porém, o depoimento de Néelson Raimundo, o taxista que acompanhara os envolvidos no atentado, denunciava os verdadeiros culpados; apontando o Climério Euribes de Almeida, membro da guarda pessoal do presidente, como um dos envolvidos e Alcino João do Nascimento como o responsável pelos disparos.<sup>90</sup>

As investigações não deixaram dúvidas: Gregório foi o mandante do crime. Getúlio, ao tomar conhecimento de tal ato, ordenou sua detenção, sendo condenado, esfaqueado e morto na prisão, em 1962. No rádio, nos jornais não se falava em outra coisa. À medida que as investigações tramitavam novas denúncias de corrupção abalavam ainda mais a já desgastada imagem do governo. Segundo Skdimore<sup>91</sup>, “Gregório, além de ter comandado o atentado a Carlos Lacerda, mantinha estritas ligações com vários criminosos profissionais, junto com o filho do presidente Manuel Vargas e que acumulara fortunas, explorando sua posição oficial”. Amigos comentam que Getúlio chegou a desabafar surpreso com tudo isso, a seguinte frase: “Tenho a impressão de me encontrar sobre um rio de lama”. Tal frase ultrapassou as paredes do palácio e chegou até Lacerda, que tratou logo de lançá-la no jornal *Tribuna da Imprensa* transformando “o rio” em “um mar de lama”. Diante das violentas acusações, dissolveu sua guarda pessoal e procurou permanecer no poder.<sup>92</sup>

Delarme Monteiro Silva, em folheto sobre a morte do presidente Vargas, também descreve, detalhadamente, a situação do atentado ao jornalista Lacerda. O mesmo afirma que transcreveu seus versos baseado nos informes de jornais e comenta que o clima ficou tenso quando foi encontrado o verdadeiro culpado e constatou-se que eram pessoas ligadas ao presidente, deixando a população incrédula. Vejamos:

Baseado nos informes  
Que transcrevi dos jornais,  
Toda a trama começou  
Quando alguns dias atrás  
Uns assassinos roubaram  
A vida do major Váz.

O crime fora tramado  
Contra um grande jornalista  
De nome Carlos Lacerda,  
Pois alguém tinha em vista  
Para ser assassinado  
Seu nome estava na lista.

<sup>90</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p. 187-188.

<sup>91</sup> SKDIMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Op. Cit. p. 177.

<sup>92</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p. 189.

O citado jornalista  
 Sempre andava acompanhado,  
 Com o Major Rubem Vaz,  
 Então ao ser atacado  
 Lacerda, saiu ferido  
 E o Major assassinado.

Então a aeronáutica  
 Tomou a resolução  
 Em defesa de um membro  
 Da sua corporação,  
 De caçar os assassinos  
 E botá-los na prisão

A coisa foi piorando  
 O caso ficou sério  
 Foram presos os pistoleiros  
 José Soares, Climério  
 E também outros suspeitos  
 Daquele drama funéreo.

Na prisão, Climério, disse  
 No longo interrogatório  
 Que no crime muita gente  
 Tinha <culpa no cartório>  
 E quem o ajudou na fuga  
 Fora o tenente Gregório.

Disse que, era o mandante  
 Desse crime repelente;  
 O Sr. Lutero Vargas,  
 O filho do presidente!  
 O caso então foi tomando  
 Um rumo diferente.

A nação foi se agitando  
 Muitos não queriam crer,  
 Nas palavras de Climério;  
 Se dizia por dizer,  
 Ou se dizia a verdade,  
 Ninguém podia entender.<sup>93</sup>

A partir deste momento, a pressão pela renúncia intensificava-se. Em 22 de agosto, Vargas recebe um comunicado do chefe do estado-maior das Forças Armadas, o general Mascarenhas de Moraes, explicando a necessidade de deixar o governo. Vargas, por sua vez, expressou sua recusa, dizendo que não era nenhum criminoso, que não aceitaria tal imposição e que do palácio só sairia morto. Em apoio à Aeronáutica e às Forças Armadas, a

---

<sup>93</sup> SILVA, Delarme Monteiro Silva. *A morte do presidente Getúlio Vargas*. [s/l, s/n], 1954, p. 1, estrofes 2, 3 e 4, p.2, estrofes de 5 a 8, e p. 3 estrofes 9 e 10, respectivamente.

Marinha também dá seu ultimato, exigindo Getúlio fora do poder. Em 23 de agosto de 1943, é organizado o “Manifesto dos Generais”, que atribui como missão a Zenóbio da Costa, Ministro da Guerra, levar o pedido de renúncia para o presidente. Este, mais uma vez, manteve seu posicionamento anterior de não renunciar.<sup>94</sup> Os versos de Antônio Teodoro dos Santos deixam transparecer os momentos de agonia que acompanhavam os tramites políticos do presidente, ao escrever:

As oposições em peso  
Acusaram firmemente  
Vargas como responsável  
O chamado conivente;  
Todas numa só pronúncia  
Pediam logo a renúncia  
Do sofrido presidente.

Tentaram vários acordos  
Em muitas reuniões  
Dos ministros de Getúlio  
E as fortes oposições  
Com uma ação decidida  
Procurando uma saída  
Entre duas relações...

Houve um acordo dizendo  
Que ele se licenciava  
Do Governo por uns meses  
Enquanto a crise passava,  
Porém Vargas não cedeu  
Que saindo não voltava

Por isso se decidiu  
Com a plena consciência  
De ter cumprido o dever  
Durante a sua existência  
E disse vendo outro porto  
Que só sairia morto  
Da casa da presidência...<sup>95</sup>

Mas as pressões não param, e Getúlio vai ficando sem saída. Segundo Boris Fausto, o presidente convocou uma reunião com seus familiares e ministros por volta das três horas da madrugada de 24 de agosto de 1954, a fim de apresentar uma possível solução para o embate político: concordaria em licenciar-se se os ministros militares mantivessem a ordem pública; caso contrário, a defenderia com o sacrifício da própria vida. De volta, Zenóbio apresenta a decisão de Getúlio aos generais, mas estes não aceitaram, forçando sua renúncia.

<sup>94</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit. p. 189.

<sup>95</sup> SANTOS, Antonio Teodoro dos. *Vida, Tragédia e Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Op. Cit. p. 27 e 28.

O próprio palácio do Catete, por essas horas, estava cercado com trincheiras de sacos de areia, o clima estava muito tenso. Por volta das 7 horas da manhã de 24 de Agosto, Zenóbio apresenta a decisão dos generais e o irmão de Getúlio, Benjamim Vargas é quem lhe traz a notícia.

Desse momento em diante, constrói-se o desfecho final. Getúlio retirou-se para seu quarto e, por volta das 8h e 30 minutos, suicidava-se com um tiro no coração. De acordo com Boris, dentre as peças que estavam no quarto, foram encontrados, além do revólver, uma cartela de comprimidos, uma receita de colírio, um par de óculos, um pente, uma caixa de charutos e uma cópia de uma carta que ficou conhecida como carta-testamento. Nesta, Getúlio se apresenta à nação explicando o seu sacrifício.<sup>96</sup>

A notícia da sua morte foi ecoada pelas ondas dos rádios, principalmente a Rádio Nacional, que fez questão de ler a carta. Nas ruas, uma sociedade atônita, parada; o povo, em lágrimas, buscava uma explicação para tal ato. Getúlio cumpria, desta forma, o que prometera: que só sairia morto. Os líderes oposicionistas, bem como os generais que esperavam a sua renúncia, se vêem agora diante de sua morte. Nas palavras de Boris Fausto, o momento não era de comemoração, mas de busca por uma saída política. A carta-testamento nutria na mente das pessoas, que forças contrárias impediram Vargas de continuar seu trabalho junto à sociedade. Em protesto, as sedes da Tribuna da Imprensa, do jornal O Globo e da embaixada dos Estados Unidos foram atacadas no Rio de Janeiro; em São Paulo, operários entraram em greve e em outras capitais do país, como Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife, os protestos não foram diferentes. Sua morte produziu um efeito inesperado pela oposição: Getúlio passara de acusado a vítima da situação.<sup>97</sup>

Segundo relatos da historiografia oficial e dos folhetos de cordel, nunca se viu uma comoção tão grande na cidade do Rio de Janeiro. O povo corria às ruas para dar seu último adeus àquele que, na visão da sociedade, foi “o pai da nação”, o “protetor dos humildes”. Em 26 de Agosto, no túmulo da família, em São Borja, Getúlio era sepultado. Podemos analisar tal momento nos versos de Teodoro, que não poupou palavras para mostrar o clima em que ficou a população com a perda do seu presidente:

Entrando no quarto  
O presidente deitado

---

<sup>96</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit, p. 190-191.

<sup>97</sup> Idem. p.191-192. Para entender melhor os acontecimentos de 24 de agosto ver: FERREIRA, Jorge. O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. In: *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Op. Cit. Também GOMES, Ângela de Castro (Org). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Delume-Dumará, 1994.

Com um buraco no peito  
 Onde havia disparado  
 A bala do desenlace  
 Para que se confirmasse  
 O que ele havia jurado

Uma verdadeira bomba  
 Explodiu penosamente  
 Com a notícia da morte  
 Do querido Presidente,  
 O maior até então  
 Que governou a nação  
 Atendendo a sua gente.

Naquela manhã sombria  
 De vinte e quatro de agosto  
 Em cinqüenta e quatro, não  
 Houve entre os pobres um rosto  
 Que não derramasse pranto  
 Enxugado com o manto  
 Do seu imenso desgosto

Os pobres saíram à ruas  
 Chorando a infelicidade  
 Com perda do seu chefe  
 Naquela fatalidade,  
 Gritando  
 Em sua tristeza  
 “Morreu o pai da pobreza,  
 Ficamos na orfandade”.<sup>98</sup>

E uma nova história se inicia na República brasileira, nas palavras de Bolívar Lamounier:

Começava aí um novo período na vida brasileira, mas não o que os adversários de Getúlio Vargas haviam imaginado. Com o suicídio, Getúlio forçou o recuo daquela oposição desabrida, e ao mesmo tempo reagrupou forças políticas que haviam estado com ele em diferentes etapas. Nas eleições legislativas de outubro, a UDN, acuada pela hostilidade popular, perdeu dez de suas 84 cadeiras na Câmara. As correntes nacionalistas passaram a empunhar a Carta-Testamento como bandeira. O próprio PCB revisou sua posição, apontando a pressão norte-americana como pano de fundo daquela crise. Os dois partidos criados por Getúlio para formarem uma aliança, PSD e PTB, conheceriam em seguida o seu ponto de maior aproximação preparando-se para eleger Juscelino Kubitschek e João Goulart, respectivamente, para a presidência e vice-presidência da República. Essa Aliança não coesa e nem tão duradoura como Getúlio talvez tenha imaginado, mas continuou a ser o principal fator de poder naquela década. O velho líder havia demonstrado, mais uma vez, sua capacidade de avançar a cada recuo, transformando a fraqueza de seus últimos dias numa enorme força carismática.<sup>99</sup>

<sup>98</sup> SANTOS, Antonio Teodoro dos. *Vida, Tragédia e Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Op. Cit. p. 28.

<sup>99</sup> LAMOUNIER, Bolívar. *Os Grandes Líderes: Getúlio*. Op. Cit. p 107.

## 2.4 Vargas e seu legado

Em se tratando da Era Vargas e seu legado, são indiscutíveis na historiografia política brasileira a sua importância quando se reporta aos anos em que este esteve no poder. Getúlio Vargas é tido como o político que, durante o século XX, mais profundamente marcou as mudanças no país, se mantendo presente na memória popular por muitos anos, mesmo após a sua morte.

Analisar este homem e sua trajetória política e pessoal levou vários estudiosos a acreditar que existiu não apenas um Getúlio, mas vários. Isto se deve ao fato de este político apresentar, em sua administração, diferentes perfis, ora sendo o “conciliador”, o “pai dos pobres”, o “ditador”, o “perseguidor político”, o “nacionalista”, enfim, são muitos os atributos, mas todos recaem em uma só pessoa. Se ele foi tudo isso ou não, vai depender do ponto de vista e da interpretação que se busca do momento estudado, porém um fato é indiscutível: Getúlio foi um Chefe de Estado que marcou fundo a história política brasileira, sendo até natural que desperte opiniões contraditórias, dado o tempo em que esteve na direção do país.<sup>100</sup>

Coube a ele a liderança do movimento que deu início a uma nova fase da história política republicana, ao redefinir as bases de poder das oligarquias rurais. A ele também deve ser creditado o primeiro grande esforço pela criação de um Estado Moderno no Brasil. Para Francisco Weffort<sup>101</sup>, antes de 1930, o que havia era uma fragmentação de poder, do qual participavam apenas núcleos políticos ligados a São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, um tipo de Estado patrimonialista e oligárquico. Coube a Getúlio dar novas feições a este Estado, que aos poucos foi se estruturando em termos econômicos e sociais. Para Weffort, foi com Vargas que passamos a ter a formação de partidos políticos de caráter nacional, durante o processo da redemocratização, a institucionalização dos trabalhadores no Estado brasileiro e a organização de um Exército mais expressivo no campo de sua atuação organizacional.

---

<sup>100</sup> Uma sucinta apresentação sobre “*O mito Vargas*” ver em GOMES, Ângela de Castro. O mito Vargas. Disponível em < <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html/> Acesso em: 02 Abr. 2008. Ver também Era Vargas, um legado que até hoje marca o país. Disponível em < <http://oglobo-globo.com/jornal/especiais/vargas/> >. Acesso 10/mar/2008.

<sup>101</sup> Cf. WEFFORT, Francisco. O Nacionalismo, o Populismo e o que restou do legado político e econômico. In: SZMRECÁNYI, Tamás e GRANZIERA, Rui G. *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*. Op. cit.

Considerando tudo isso, compreende-se o alarde que se formou em torno do seu nome, bem como a “mitificação popular” advinda de uma construção política atrelada ao surgimento do Estado Novo. Vargas foi projetado para a sociedade brasileira como um símbolo de renovação e de desenvolvimento. Segundo Baczko<sup>102</sup>, são as ações dotadas de valor simbólico que conduzem as pessoas à criação de “modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar”. A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda – um órgão responsável pela legitimação do Estado Novo a partir do cerceamento da imprensa, rádios, jornais, cinema e cultura popular – parece ter obedecido a esse imperativo. Enfim, nada escapava aos olhos desta máquina governamental. Seu objetivo era a “exaltação do ditador”, conferindo-lhe uma imagem de “protetor da nação”.<sup>103</sup> Partindo desta produção de efeitos é que, aos poucos, se foi criando um imaginário político e social associado aos direitos sociais. Imaginário esse que, nas palavras de Baczko, se torna *uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida social, em especial do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo ele torna-se o lugar e o objeto de conflitos sociais.*<sup>104</sup>

Foi o departamento de propaganda que efetivamente construiu a figura do “mito Vargas”, enaltecendo o nome do presidente nas várias regiões do país, atrelando-o aos feitos e realizações de seu governo. Foram estabelecidas datas especiais em que o presidente se dirigia à sociedade, fortalecendo a relação massa/líder, ganhando, assim, os contornos de uma liderança do tipo carismático. Muitos são exemplos: dia do índio, aniversário do presidente, dia do Trabalho, dia da Raça e da Pátria. E dessa forma, por meio de símbolos, ritos, crenças ia-se construindo um imaginário social em torno do político Vargas. Segundo Maria Celina<sup>105</sup>, este “mito Vargas” só foi construído porque a política passou a ser uma atividade central na qual o poder se fazia legitimar.

Conforme nos lembra Baczko, *todo poder tem de se impor não como poderoso, mas como legítimo*<sup>106</sup>. Mas, na verdade, o que está por trás deste enredo relaciona-se à

<sup>102</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, v. 5, 1985, p. 309. Ainda sobre o imaginário, ver TRINDAD, Liana e LAPLATINE, François. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997. Também podemos ter uma referência sobre o imaginário e as representações em PESAVENTO, Sadra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Contexto, v. 15, nº29, 1995, p. 9-25.

<sup>103</sup> Para maiores informações sobre a atuação do DIP, ver: FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit., p. 115-128. Assim como o trabalho da CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

<sup>104</sup> BACZKO, Bronislaw. Op. cit., p. 310.

<sup>105</sup> Cf. ARAÚJO, Maria Celina D'. *A Era Vargas*. Op. Cit. Para uma abordagem sobre esta construção mítica ver ABREU, Luciano Arone de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito: 1938-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. Neste o autor busca entender a construção do mito Vargas partindo do contexto regional para o nacional, onde privilegiou seus estudos a partir do Rio Grande do Sul.

<sup>106</sup> BACZKO, Bronislaw. Op. cit., p. 310.

apropriação do discurso através do qual Getúlio tomou da classe trabalhadora e sua luta por melhores condições de trabalho durante os anos vinte, transformando isso em decretos de leis impetrados pelo Estado logo após o golpe de trinta. Nesse sentido, a despeito da cooptação envolvida nessa estratégia de apropriação das bandeiras e de lutas dos trabalhadores, Vargas foi o primeiro político brasileiro a dar uma atenção especial à classe trabalhadora, ao instituir uma série de leis que os beneficiavam. Se não chegavam a todos os brasileiros é uma outra discussão, o fato é que tal ação produziu um efeito impressionante no imaginário social.

Na medida em que promovia as leis trabalhistas, que culminaram com a Consolidação das Leis do Trabalho, em 1943, Vargas era associado a um “pai”, aquele que estava sempre olhando para seus filhos: a classe operária. Adotou, deste modo, uma política paternalista, na qual o Estado se prontificou a doar as leis que resultavam, de uma maneira ou de outra, em uma maior valorização do trabalho. Dessa forma, gradativamente, a figura de Vargas passou a ficar associada a um conjunto de ações que podiam ser tomadas como voltadas para impor maior respeito aos direitos dos trabalhadores.

A criação de uma Justiça do Trabalho foi decisiva, na medida em que estabelecia uma instância jurídica na qual a classe trabalhadora podia identificar, como garantidora de seus direitos, uma justiça que a protegia. Para Celina, Vargas reconheceu o direito dos trabalhadores através dos sindicatos, em razão do que, passou a controlar a vida política destes e dos operários. Ele foi responsável pela formação de uma elite sindical, que atravessa anos a fio na nossa política.<sup>107</sup>

Muitos foram os debates que ocorreram em torno das comemorações dos cinquenta anos de sua morte: seminários, lançamentos de livros, artigos em revistas, todos buscavam, de certo modo, trazer à luz da sociedade moderna aspectos memoráveis e importantes que giraram em torno do personagem Getúlio Vargas. Eram destacados, a priori, nestas discussões, o nacionalismo, sua ação trabalhista e a presença de um Estado forte, capaz de elevar o desenvolvimento do país. Seu legado era representado por instituições como a Petrobrás, a Eletrobrás, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, bem como pelo Estatuto do Trabalhador Rural e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que congrega uma série de conquistas trabalhistas que permanecem até hoje quase inalteradas. Mas ficou também como herança deste homem o projeto desenvolvimentista, a administração autoritária, o controle estatal dos sindicatos, bem como o imposto pago para poder mantê-lo. Alguns pontos destas discussões deixam claro que, mesmo diante de controvérsias políticas

---

<sup>107</sup> ARAÚJO, Maria Celina D'. *A Era Vargas*. Op. cit.. p. 97.

assumidas por sua personalidade, seu legado é de extrema importância para a compreensão da conjuntura do Brasil pós-30. Getúlio estabeleceu novos parâmetros para se conceber a soberania, o nacionalismo, a legislação trabalhista e a posição dos trabalhadores na sociedade brasileira.

Segundo Boris Fausto, ao analisar este legado, a morte de Vargas teve um papel importante na construção desta mitificação, principalmente porque veio acompanhada por uma carta em que explicava à sociedade brasileira o motivo de sua partida frente aos acontecimentos que sucederam até então. É como se o próprio Vargas, mais uma e última vez, movesse as peças que permitiriam uma mitificação de sua imagem a partir da morte heróica. Com ela, a classe trabalhadora se via órfã do pai que, em seu imaginário, sempre esteve associado à garantia de seus direitos sociais. Entre a grande massa, restou a memória registrada por aquele homem que inclinou seu olhar para o pobre, o humilde.<sup>108</sup>

Confirmando o que se expôs acima, o poeta Antônio Teodoro dos Santos<sup>109</sup> relata uma passagem interessante no seu folheto “Vida, tragédia e morte do presidente Getúlio Vargas”. Conta o autor que, vendendo seu folheto sobre a morte de Vargas na feira, uma senhora o parou, pegou um folheto se ajoelhou e começou a beijá-lo. Depois, começou a falar quem era Getúlio Vargas e as mudanças que suas ações trouxeram para sua família. Versejou dessa forma o poeta:

Por entre muitas pessoas  
Uma senhora passou;  
Vendo o livro de Getúlio,  
Pedi um e segurou,  
Olhou na capa o retrato  
Como se fizesse um trato.  
Logo se ajoelhou e o beijou.

Com isso o povo ficou  
Em um silêncio profundo  
Só se ouvia nos relógios  
A pancada do segundo  
Porém a mulher rompeu  
E disse: - Agora sou eu  
Que vou falar para o mundo.

Este é o grande presidente  
Getúlio, o bendito nome  
Que com suas leis salvou  
Muitos que não há quem some,  
Vivendo em pleno abandono

<sup>108</sup> Cf. FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. Cit.

<sup>109</sup> SANTOS, Antonio Teodoro dos. *Vida, Tragédia e Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Op. cit., p.29-30.

Quando lhes deu um abono  
Para matar sua fome.

Com os meus catorze filhos  
Graças a Deus recebi  
Catorze mil réis por mês,  
Dinheiro que antes nunca vi,  
Um mil réis de cada filho:  
Não tive mais empecilho,  
Fome nunca mais senti.  
[...]

Graças a Getúlio  
Meus filhos são estudados  
Trabalhando em bons empregos  
Já quase todos casados.  
Por isso, bom Presidente,  
Pelo bem que fez a gente,  
Deus perdoe seus pecados.  
[...]

Ainda hoje é lembrado  
Como o pai dos sofrendores  
Pelo bem que se fez a todos  
Aplacando as suas dores  
Com boas leis trabalhistas,  
Suas primeiras conquistas  
Em prol dos trabalhadores.

Tudo quanto aqui narramos  
Está como aconteceu  
Ouvimos, lemos e vimos  
Dentro do que sucedeu;  
Os fatos foram milhares  
Rememorando os lugares  
Onde Getúlio viveu.

Diante do exposto, resta reconhecer que as ações que Getúlio empreendeu não foram suficientes para redefinir os padrões de vida social de todas as pessoas, principalmente as do campo, excluídas das leis trabalhistas. Só os trabalhadores urbanos, sindicalizados, vale ressaltar, tinham direitos reconhecidos, até porque possuíam um elemento que os identificava: a carteira de trabalho. Nas palavras de Robert Levine<sup>110</sup>, o desenvolvimento econômico surgia como algo factível aos olhos dos industriais, de Vargas e do capital internacional – este, inclusive, sempre presente nos investimentos do país.

Ao falar desta legislação trabalhista, não podemos deixar de mencionar que nem todos os patrões aceitaram isso. Tiveram reações contrárias e burlaram as leis sempre que

---

<sup>110</sup> LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. Op. cit., p. 173.

possível. Na verdade, a maior parte dos industriais não se importavam com as medidas criadas pelo governo, desde que não interferissem nos seus lucros.<sup>111</sup>

Finalizando, podemos perceber que, mesmo diante do que não foi alcançado, e de seus múltiplos olhares para uma política desenvolvimentista, urbana e capitalista, seu nome permanece sendo lembrado, principalmente quando se faz uso dos símbolos criados em seu governo, tais como a carteira de trabalho, as leis trabalhistas e seu carisma popular. Sem dúvida, continua sendo um personagem político decisivo para o entendimento do Brasil no século XXI.

---

<sup>111</sup> Idem, *ibidem*.

## Capítulo 3

### As representações de Getúlio no *corpus* de Folhetos

Porque o meu sacrifício  
Manterá vocês unidos  
Cada gota do meu sangue  
Vibrará nos seus ouvidos  
Como chama imortal  
Pra resistência global  
Contra balas dos bandidos...

Ao povo dei minha vida  
E hoje morro na glória  
Meu sacrifício que seja  
A semente da vitória  
Eu dou o primeiro passo  
Saio da vida o faço  
Para entrar na história....  
(Raimundo Santa Helena)

### 3. AS REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO NO *CORPUS* DE FOLHETOS

*Uma vez registrada, a palavra se destaca da fonte e ganha vida  
própria na mão do pesquisador. (A. Porcelli)*

#### 3.1 Getúlio Vargas nos folhetos

Creio em Getúlio Vargas, todo poderoso, criador das leis trabalhistas, creio no Rio Grande do Sul e no seu filho, como nosso patrono o qual foi concebido pela Revolução de 30, nasceu de uma Santa Mãe, investiu sobre o poder de Washington Luiz, foi condecorado com o emblema da República, desceu ao Rio de Janeiro ao terceiro dia, homenageou ao mortos, subiu ao Catete e está hoje assentado em São Borja, donde há de vir a julgar o General Dutra e seus ministros. Creio no seu retorno ao Palácio do Catete, na comunhão dos pensamentos, na sucessão do Presidente Dutra por toda a vida. Amém.<sup>1</sup>

A presença de Getúlio Vargas nos folhetos é tida por alguns poetas como um marco neste tipo de literatura popular. Na paráfrase do Credo católico citada acima, do poeta Cuíca de Santo Amaro, fica bastante claro para os leitores o quanto o presidente Getúlio Vargas significava para o povo, o lugar que ele ocupava na representação social, a começar pelo título do folheto: “Deus no céu e Getúlio Vargas na terra”. Para Liêdo Maranhão de Souza, Getúlio foi o presidente que mais inspirou os cordelistas, motivando os poetas a agirem como verdadeiros repórteres populares, trazendo as notícias “quentes” em forma de arte. Afirma ainda o pesquisador que nestes folhetos políticos, a precisão dos fatos é uma característica dos poetas-repórteres, mas vez por outra é possível encontrar algumas imprecisões nas histórias, que muitas vezes ocorrem devido à forma como a notícia foi transmitida ao interlocutor.<sup>2</sup> É importante ressaltar que estes poetas com pouca ou nenhuma

<sup>1</sup> AMARO, Cuíca de Santo. Deus no Céu e Getúlio na terra. In: CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p.128

<sup>2</sup> FILHO, Sérgio Montenegro. A política na cultura popular. *Jornal do Commercio*, Recife, 15 dez. 2002, nº 349, p.3. Ver também do mesmo autor *Jornal do Commercio*, 13 mar. 2003, nº 103, p.18 e *História Política. Jornal do Commercio*, 1 set. 2002, nº 244, p.2.

escolaridade acompanhavam tudo pelo rádio<sup>3</sup>, pelos jornais ou colhiam as informações através de conversas informais nas ruas.

Para Cecília Azevedo, a *necessidade de transformar em versos seus sentimentos, suas vivências e angústias, leva os autores a escrever sobre temas que se referem à realidade da nova vida, como os fatos do cotidiano e os problemas típicos das grandes cidades que eles têm que enfrentar*.<sup>4</sup> É por isso que a retratação de Getúlio encontra uma grande aceitação entre os poetas. Versejar sobre este político garantia aos autores uma grande tiragem de folhetos, pois tendo seu nome na capa facilitava a vendagem por onde circulava.<sup>5</sup>

Segundo Orígenes Lessa, era muito comum encontrar folhetos que falavam de políticos locais, mas muitos, na verdade, não passavam de obras feitas por encomenda no intuito de impressionar o povo nos comícios ou nas leituras dos textos nas praças da cidade.<sup>6</sup> No caso de Getúlio, era impressionante como o poeta se identificava com a sua política; tornava-se algo até natural versejar sobre suas realizações. O poeta tinha grande ligação junto ao público, o que permitia uma maior divulgação de seus trabalhos.

Cuíca de Santo Amaro, poeta baiano, por exemplo, era muito crítico nas suas poesias, uma “metralhadora giratória” que distribuía comentários ácidos em todas as direções, mas quando o assunto era Vargas, o poeta mudava de postura, versava com muita emoção e exaltação à figura de seu líder. Acerca desta admiração, Edilene Matos nos apresenta a seguinte situação:

A admiração de Cuíca extrapolou a pura louvação do folheto e enraizou-se na sua própria conduta. Quando o presidente Getúlio de quem o poeta afirmava ser compadre e receber correspondência esteve na Bahia, ganhou de Cuíca uma estatueta em gesso moldada com a figura, cuidadosamente encomendada. Para conseguir junto ao presidente e presenteá-lo, o poeta

<sup>3</sup> Sobre a importância do rádio no período Vargas, ver JAMBEIRO, Orthon. [et al.] *Tempo de Vargas: rádio e o controle da informação*. Salvador: EDUFBA, 2004. Também as considerações realizadas por OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais de modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano*. O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. v. 3, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

<sup>4</sup> AZEVEDO, Cecília da Silva. *Rompendo fronteiras: a poesia de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro (1950-1990)*. 1990. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de pós-graduação em História, Universidade Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro. p. 32.

<sup>5</sup> Um estudo sobre o ciclo de Vargas encontramos em Júnior, Manuel Diégues. (et al.). *Literatura popular em versos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Unesp; (Rio de Janeiro): Fundação Casa Rui Barbosa, 1986.

<sup>6</sup> FILHO, Sérgio Montenegro. A política na cultura popular. *Jornal do Commercio*, 15 dez. 2002, nº 349, p.3. Sobre os folhetos de encomenda feitos para políticos AZEVEDO, Cecília. *Rompendo fronteiras: a poesia de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro (1950-1990)*. Op. Cit. p.32 nos chamam a atenção pelo fato de que muitos estudiosos tem uma visão distorcida sobre estes poetas na medida em que apresenta-os como vítimas e ingênuos caindo na rede de políticos aproveitadores. Mas na verdade esquecem de ver as dificuldades materiais que passa tal poeta a ponto de mergulhar em tal produção. Para Cecília “eles têm tido sensibilidade o suficiente para captar as novas preferências do público e na medida em que não se sintam passíveis de repressão, têm sido implacáveis nas suas críticas ao sistema político e econômico”.

malandro e astucioso furou o cerco de segurança e conta que abraçou demoradamente seu ídolo, de quem recebeu elogios e agradecimentos pelo apoio constante e fiel, e a quem prometeu plena divulgação das propostas de governo.<sup>7</sup>

Lessa aponta, nas suas pesquisas, que o folheto mais antigo encontrado sobre Getúlio data de 1932, “O levante de São Paulo”, mas é justamente a partir do Estado Novo que passamos a ter produções deste gênero literário com mais frequência.<sup>8</sup> Inclusive, muitos folhetos foram alvo da censura do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), assim como muitos outros foram incentivados a versejar glorificando o presidente e seus feitos sobre esta fase na política nacional. O próprio João Martins de Athayde teve cinco de seus folhetos retidos na mesa do censor por conterem versos que iam de encontro ao governo.<sup>9</sup> Claro que Lessa não descartou a possibilidade de produções anteriores ao período de 1930 sobre Getúlio.

Outro fator que podemos mencionar como fundamental para entendermos o que levava os poetas a despertarem tanto interesse por Vargas está associado ao papel jornalístico que estes folhetos desempenhavam ao trazer as informações em uma linguagem simples, versificada e gostosa de ler, direcionada a um público de pouca escolaridade. Assumindo, assim, o folheto uma faceta muito singular, a de reportar, informar, documentar, instruir e divertir o público.<sup>10</sup> Sem esquecer que, como já foi mencionado, os poetas inseridos também neste contexto das ações do presidente escreviam suas poesias porque elas tinham uma boa receptividade entre o público consumidor. O nome de Getúlio estampado na capa dos folhetos representava certeza de lucro e quando estes poetas caíam no gosto popular viravam verdadeiros ídolos da massa.<sup>11</sup>

Três momentos da trajetória política de Getúlio são tidos como marcos na produção e veiculação de folhetos nas feiras do país: um relaciona-se ao movimento Queremista, outro à campanha eleitoral de 1950 e outro à sua morte em agosto de 1954. Realmente, estes momentos citados são singulares para a vida de cada poeta, pois cada um

<sup>7</sup> MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004, p. 92.

<sup>8</sup> LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na Literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Documentário, 1973, p.60

<sup>9</sup> Idem, p.64. No decorrer da pesquisa não conseguimos encontrar estes folhetos citados por Lessa, os quais foram censurados. Acreditamos que os mesmos traziam em seus versos conotações que não atendiam o desejo do DIP.

<sup>10</sup> Sobre a relação que o folheto mantém com seu público leitor ver GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Folhetos de Cordel: experiências de leitores/ouvintes (1930-1950). In: *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro*. (Org). Aparecida Paiva. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE /FARC / UFMG, 2003, p. 87-98.

<sup>11</sup> MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Op. Cit. p. 77.

buscou representar à sua maneira um pouco da trajetória desta personalidade política. Como exemplo de tal produção, Rodolfo Coelho Cavalcante, conhecido como o poeta-repórter escreveu folhetos em 1945, momento da deposição de Vargas, e só deu trégua quando este ganhou as eleições, em 1950.<sup>12</sup>

Entretanto, acima de tudo, foi com sua morte, em 24 de agosto de 1954, que passamos a ter o “boom” da produção cordeliana sobre este político. Aquele tido como o “governante-pai”, presente na memória popular, dava adeus a seu povo, com um gesto de “sacrifício”, de humildade, legando uma carta na qual explicava à nação os motivos da sua morte, a qual termina com a seguinte citação: *Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.*

Conta Orígenes Lessa que Delarme Monteiro da Silva, na cidade de Recife, ao saber da notícia veiculada pelo rádio na manhã de 24 de agosto, correu logo em pegar sua pena para poder registrar tal acontecimento, ainda abalado e tomado de profunda comoção. Em seguida, levou o manuscrito à tipografia, o qual, no final da tarde, foi posto nas ruas de Recife, chegando a vender 40.000 exemplares com o título “A morte do presidente Getúlio Vargas”. E não faltaram poetas que queriam deixar sua última impressão, o que os obrigou a correrem contra o tempo para escrever, enquanto a notícia da morte estava ainda sob impacto e as pessoas estavam procurando obter informações.<sup>13</sup> Outros, por sua vez, já davam um tom poético à carta-testamento, obtendo, assim, grandes tiragens, a exemplo de Amador Anselmo, com “Carta e Biografia do ex-presidente Getúlio Vargas” que vendeu 120.000 exemplares; José João dos Santos (Azulão), com “Vida e Morte de Getúlio Vargas”, 200.000 e Antônio Teodoro dos Santos, com “Vida e tragédia do Presidente Getúlio Vargas”, vendeu 280.000.<sup>14</sup>

Nos estudos de Raymond Cantel<sup>15</sup> acerca desta produção, o autor utiliza a denominação de “onda” para identificar a produção de folhetos após a morte de Getúlio. Ele caracteriza de “primeira onda” os folhetos produzidos no dia da morte, como foi o caso de Delarme Monteiro, citado anteriormente. Numa “segunda onda”, os folhetos já se apresentavam mais ricos de detalhes, acrescidos de fatos novos, que saíam na imprensa ou nas ondas do rádio; e de “terceira onda”, retratando a sua biografia e a chegada ao céu. O interessante é que muitos poetas, ao escreverem seus folhetos, em 25, 26 ou 27 de agosto,

<sup>12</sup> CURRAN, Mark J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa Rui Barbosa, 1987, p.112.

<sup>13</sup> LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na Literatura de cordel*. Op. Cit. p.120.

<sup>14</sup> Idem, p.121.

<sup>15</sup> CANTEL, Raymond. *Temas da Atualidade na literatura de cordel*. Tradução de Adélia Lúcia Borges. São Paulo, 1972, p. 9-10.

antecipavam as datas de suas obras para 24 de agosto, com o objetivo de alcançar o sucesso dos demais poetas. Quanto aos folhetos que retratam sua biografia, vamos encontrar uma exploração poética mais consciente; o poeta verseja desde o nascimento, trajetória de vida, até a morte de Vargas ficando os versos com mais qualidade e emoção.

Portanto, podemos perceber o quanto Getúlio Vargas representou para o universo dos folhetos, tornando-se mote de muitos versos que exprimiam suas ações e sua relação com a sociedade e a cultura popular. Todavia, as análises desses folhetos que seguem adiante neste texto nos permitem perceber que este tipo de poética popular está contido de diferentes significados e representações, nos possibilitando obter “leituras” diversas dessa relação leitor, poeta e ouvinte.

### 3.2 Corpus de folhetos antes do suicídio

Como já foi mencionado, a figura de Getúlio Vargas é tema recorrente nas poesias de folhetos. Seu nome aparece neste tipo de literatura associado, principalmente, à sua ação social-trabalhista impetrada nos anos em que esteve na presidência do país. Os poetas, ao versejarem sobre Getúlio nos anos de 1945 a 1950, apresentaram este como um grande “estadista”, o “poderoso da nação”, o “símbolo do país”, “a esperança”, etc. Não faltavam, na verdade, adjetivos entre os poetas para se dirigirem ao seu líder, àquela figura mitificada na representação social, presente nos debates populares, nas ruas, ou seja, no cotidiano do povo brasileiro. Nas palavras de Ângela de Castro Gomes a respeito dessa relação estabelecida entre o líder e a massa, percebe-se:

Vargas era um “gênio” capaz de, por sua inteligência superior, entender e resolver os complexos problemas da nacionalidade em clima de segurança e tranqüilidade. Aliás, bem conforme à “índole” e “a sabedoria” particulares do povo brasileiro, finalmente valorizado e conduzido ao centro do cenário político, do qual estivera afastado pelas “ficções liberais”. O presidente era, a um só tempo, “povo e patriciado”, sintetizando as qualidades intelectuais de nossos “maiores” – até então desviadas e intuição privilegiadas do “homem” brasileiro. Elites e massas integrados numa comunicação “direta e afetiva”, sem intermediários.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCWARTZ, Lilia Moritz (Org). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4 1998, p. 527.

É diante desta comunicação *direta e afetiva*, sem intermediários, citada por Ângela Grillo, que o presidente aparecia como *povo e patriciado*, é através desse canal que são construídas as representações que irão fazer parte deste contexto social acerca de Getúlio, possibilitando ao poeta fazer o registro em seus versos. Nesta perspectiva, segundo Baczko:

O controle do imaginário social, da sua reprodução, difusão e manejo, assegura em graus variáveis uma real influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e coletivas, permitindo obter os resultados práticos desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças. Sendo todas as escolhas sociais resultantes de experiências e expectativas, de saberes e normas, de informações e valores (...)<sup>17</sup>

Partindo deste ponto, podemos observar no folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante<sup>18</sup> uma predileção, ao versejar, pela temática Vargas com o intuito de apresentá-lo aos leitores, mostrar a sua importância enquanto um “símbolo de garantia” para a classe dos trabalhadores, uma vez que, na visão de Rodolfo, este “desempenhou com critério” ao longo dos anos em que esteve no poder, vejamos:

Agora, caros leitores  
Para mim chegou o momento  
Entre vários trovadores  
De vibrar meu pensamento  
Em torno do grande pensamento  
Este Presidente augusto  
Com pleno conhecimento.

Getúlio Dornelles Vargas  
É o Presidente, leitores  
O símbolo de garantia  
Pra todos trabalhadores  
No seu alto Magistério  
Desempenhou com critério  
Nos seus anos de labores.<sup>19</sup>

Seguem os versos nos quais o autor procura mencionar as ações desempenhadas por Vargas, as quais o levaram a ser representado como “símbolo de garantia para todos os trabalhadores”, conforme a estrofe anterior. Na defesa do presidente, apresentada nos versos abaixo, o poeta esclarece que vários grupos sociais foram protegidos, entre eles órfãos, viúvas

<sup>17</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, v.5, 1985, p. 312.

<sup>18</sup> CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. O Presidente. 2. ed. Salvador, 1945. In: CURRAN, Mark J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Op. Cit. p. 258-261.

<sup>19</sup> Idem, p.258.

e militares, mas chama atenção principalmente para a classe trabalhadora, que passou a receber uma aposentadoria. E enfatiza que, para a nossa sociedade, não teria outro presidente no contexto da Democracia sem ser o próprio Getúlio; como diz o poeta, “é só ele o presidente”. Leiamos com atenção:

Protegeu órfãos, viúvas,  
Famílias desamparadas  
Deu abono de família  
Melhorou as classes armadas  
Beneficiou o Nordeste  
Combateu a seca e a peste.  
Em todas as suas camadas.  
[...]

Neste campo no país  
Era uma grande confusão  
Viviam os “camisas verdes”  
Numa grande “animação”  
Compreendendo o perigo  
Este Presidente amigo  
Tomou toda precaução.<sup>20</sup>  
[...]

Qual foi o Chefe, leitores  
Que deu aposentadoria  
Ministro do Trabalho  
Para a nossa garantia?  
Por isto estamos ciente  
É só ele o Presidente  
Dentro da Democracia.<sup>21</sup>

E nas estrofes do final do folheto, Rodolfo apresenta sua visão no que diz respeito aos turbulentos meses que seguem à deposição do presidente pelos militares. Até porque este folheto foi escrito na crise desencadeada em 1945, quando o Estado Novo vivia seus momentos de declínio<sup>22</sup>. É interessante notar que ele chama a atenção para o fato de que o folheto não tem o objetivo de atacar nenhum partido político, mas de mostrar com sinceridade quem é o verdadeiro “chefe da nação”:

Não venho com este folheto  
Atacar nenhum partido  
Todos têm o seu direito  
Cada um é permitido

<sup>20</sup> Idem, p.259.

<sup>21</sup> Idem, p.260.

<sup>22</sup> Sobre o declínio do “Estado Novo” ver SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Tradução de Ismênia Tunes Dantas. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p 72-89

Mas não esconda a verdade  
 Fale com sinceridade.  
 Deste chefe da nação.  
 [...]

No tempo que agora passa  
 De confusão e chalaça  
 Mostremos brasilidade  
 Demonstremos firmemente  
 Junto ao nosso Presidente  
 Nossa solidariedade.<sup>23</sup>

Os folhetos que antecedem ou datam da campanha presidencial procuram trazer à memória da sociedade o que Getúlio fez pela nação e o porquê de se escolher tal presidente para assumir mais uma vez o palácio do Catete. Segundo Ângela Gomes<sup>24</sup>, *a construção de sua figura e de toda sua obra governamental advém desde 1930 dos resultados de sua intervenção pessoal na direção do Estado*. Todavia, vários foram os poetas que procuraram endossar, com seus folhetos, esta campanha de 1950, na qual se ouvia entre as pessoas o slogan “Ele voltará”. Em outro folheto, Rodolfo Coelho Cavalcante<sup>25</sup>, volta a enfatizar, em suas estrofes, a importância de se escolher tal presidente, afirmando com muita veemência “Nós Queremos GETÚLIO”:

Nós queremos é GETULIO  
 Vou explicar a razão  
 Quem não gostar realmente  
 Deste digno cidadão  
 Eu acho melhor não ler  
 Mas se gostar pode crê  
 Leia com todo coração

Nós queremos GETULIO  
 O maior dos brasileiros  
 Para que nossa Pátria  
 Pela a mão dos estrangeiros  
 Não seja ludibriada  
 Vendida negociada  
 Em troca de mil cruzeiros.

Nós queremos GETULIO  
 Para governar a Nação  
 Para ver se assim acaba  
 A raça de comilão  
 Que ganha sem trabalhar

<sup>23</sup> Idem, p.261.

<sup>24</sup> GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. Op. Cit. p. 526-527.

<sup>25</sup> CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Nós Queremos é Getúlio*. [s/l, s/n,s/d].

Deixando o povo ficar  
Sem casa, sem roupa e pão.

Nós queremos é GETULIO  
Para acabar com a Ganância  
Para que a LIBERDADE  
Venha com SEGURANÇA  
E a nossa Democracia  
Venha mais com garantia  
Sem a raiz da vingança.<sup>26</sup>

Nas páginas seguintes do folheto, o poeta apresenta o quadro caótico em que se encontrava a sociedade brasileira na década de 50, marcada principalmente pela fome e pelo aumento do custo de vida. Em relação a este momento da política econômica do país, Thomas Skidmore afirma que *a inflação agravava as tensões sociais, porque tornara mais dramática as alterações na distribuição de renda. O grupo que mais sofreu com o aumento do custo de vida era a classe operária urbana. O governo Dutra testemunhou uma perda da renda real no setor assalariado.*<sup>27</sup> Constatemos, pois, tal situação:

Nós Queremos é GETULIO  
Para acabar com a fome  
Com as necessidade  
A miséria nos consome  
Por isto queremos Ele  
Não tem este, nem aquele  
Que represente o seu nome.<sup>28</sup>  
[...]

Nós queremos é GETULIO  
Para ver mais produção  
Para que o nosso povo  
Tenha ao menos: CASA e PÃO  
Mais conforto pode crer  
Pois ninguém pode viver  
Só nos dias de eleição.

Nós queremos é GETULIO  
Para que a nossa vida  
Melhore de uma maneira  
Que seja mais parecida  
De um País como o nosso  
Que se coma menos ossos  
Como é a nossa comida.

Nós queremos é GETULIO  
Por uma necessidade

<sup>26</sup> Idem, p.01, estrofes, 1, 2, 3 e 4, respectivamente.

<sup>27</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Op. Cit., p.145-146.

<sup>28</sup> CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Nós Queremos é Getúlio*. Op. Cit. p.2 estrofe 2.

E nunca por fanatismo  
 Nem tão pouco vaidade  
 No seu tempo não havia  
 O que se ver hoje em dia

Miséria e calamidade.

Nós queremos é GETULIO  
 Para uma vida melhor  
 Para que os tubarões  
 Seu numero seja menor  
 Um cruzeiro pelo ovo  
 É roubar do nosso povo  
 O seu dinheiro e suor.<sup>29</sup>

Atentando para as estrofes acima, podemos perceber que realmente o poeta não deixou de fazer referência à crise econômica pela qual passara o brasileiro. Chama a atenção para o fato de que em dias de eleições “o povo passava bem”, em virtude das promessas e festas de nossos candidatos, pelo menos é o que fica nas entrelinhas. Outro fato que merece destaque é que o poeta menciona que a escolha de Getúlio não é “fanatismo” e sim uma solução para tirar o povo desta grande inflação, da “miséria” e da “calamidade”.

Foi nesta perspectiva de mudar o quadro nacional que Manoel Pereira Sobrinho<sup>30</sup> escreveu um folheto com um discurso político em primeira pessoa, tomando a voz de Getúlio. Nas primeiras estrofes, Manoel se apresenta à nação “com coragem, calma, justiça e ação”, mostrando que está disposto a qualquer sacrifício em favor do povo brasileiro, vejamos:

A Deus eu peço saúde  
 Sossego paz e razão  
 Para falar com coragem  
 Calma, justiça e ação  
 Ao povo brasileiro  
 Que, persistente e ordeiro  
 Pede minha opinião<sup>31</sup>

Ao se colocar em favor da nação, Getúlio se compara a Jesus Cristo pelo sacrifício que, por ventura, há de realizar pelo seu povo amado, oferecendo seu corpo, sua vida e seu coração, seguindo assim os passos de Cristo quando se propôs a salvar a humanidade. Esse tipo de comparação é recurso muito recorrente em todo o seu discurso e

<sup>29</sup> Idem, p. 3, estrofes, 1, 2, 3 e 4.

<sup>30</sup> SOBRINHO, Manoel Pereira. *GETULIO fala ao seu povo*. Campina Grande, novembro 1950.

<sup>31</sup> Idem, p.01, estrofe 01.

propaganda eleitoral, em que passa a utilizar palavras de convencimento e cooptação, atraindo o povo para sua atenção<sup>32</sup>. Leiamos essas passagens:

Povo amado do Brasil  
Aqui estou outra vez  
Para qualquer sacrifício  
Como Cristo rei dos reis  
E vou falar sem ofensa  
Medo é uma doença  
Que para mim não se fez.<sup>33</sup>

No folheto “Lançamento da Candidatura do Senador Getúlio Vargas e mensagem ao povo brasileiro”<sup>34</sup>, do mesmo autor, também escrito em primeira pessoa, Getúlio mais uma vez se apresenta aos brasileiros como sendo o Salvador:

A Deus ofereço a alma  
Corpo, vida e coração  
E ao povo brasileiro.  
Com toda satisfação  
Ofereço o meu serviço  
Na paz ou no reboiço  
Quero salvar a Nação.<sup>35</sup>

Enfatizando que não tem medo de falar à nação, o folheto informa que Getúlio não ia se candidatar, mas quando percebeu que seus admiradores, neste caso subentendem-se os trabalhadores, fariam qualquer coisa por ele, muda completamente de opinião e “se joga no sacrifício” como assim o denomina. O folheto discorre sobre as tramas políticas que se armaram em torno de sua candidatura, querendo afastá-lo da disputa. E cita, ainda, sobre sua candidatura, que grandes foram os pedidos de norte a sul do país, todos dizendo “só com Getúlio o Brasil seria feliz” e volta a repetir que se seu sacrifício era o que faltava para todas as mudanças, estava pronto para se entregar à nação. Mais uma vez, percebemos um discurso voltado para a religiosidade, na mística da salvação, doação de sacrifício, se prontificando, em outras palavras, como o “salvador do país”. Vejamos os versos que traduzem tal compreensão:

Tendo em vista o sacrifício

<sup>32</sup> Para obter uma abordagem mais precisa sobre a relação da política com o sagrado e do discurso messiânico ver: OLGA, Tavares. *Fernando Collor: o discurso: o clamor ao sagrado*. São Paulo: Anablume, 1998.

<sup>33</sup> SOBRINHO, Manoel Pereira. *Getúlio fala ao seu povo*. Op. Cit. p.1, estrofe 2.

<sup>34</sup> SOBRINHO, Manoel Pereira Sobrinho. *Lançamento da candidatura do Senador Getúlio Vargas e mensagem ao povo brasileiro*. [s/d, s/n, s/l].

<sup>35</sup> Idem, p. 01 estrofe 01.

Dos meus admiradores  
 Que poderiam por mim  
 Sofrerem mil dissabores  
 Não quis me candidatar  
 Procurei conciliar  
 A bem dos trabalhadores.

Porém o grande mandão  
 De posse do arvoredo  
 Da grande máquina política  
 Tomou-me por um brinquedo  
 Não deu a mínima importância  
 E em sua última ância  
 Pensou de me fazer medo.<sup>36</sup>

Uns diziam: O Exército  
 É contra Getúlio Vargas  
 Outros diziam: O Getúlio  
 Sofrerá horas amargas  
 E não será candidato  
 Portanto mais de um boato  
 Andava correndo as largas

Me fizeram vários “bichos”  
 Inclusive as ameaças  
 Que me foram dirigidas  
 Vindas de diversas praças  
 Além de criarem pânticos  
 Com vários planos satânicos  
 Desorganizarem as massas

Porém quando eu conheci  
 Deste grande malefício  
 Que tramavam contra mim  
 E que há muito teve início  
 Meu coração bateu palma  
 E mandou com muita calma  
 Eu jogar-me no sacrifício

O povo todo pedindo  
 De norte ao sul do país  
 Dizendo que só comigo  
 O Brasil será feliz  
 E se com meu sacrifício  
 Tira-lo do precipício  
 Pronto estou como juiz.<sup>37</sup>

A partir de tais considerações sobre sua candidatura, o poeta apresenta as possíveis transformações que Getúlio fará durante o seu segundo governo, centrada em promessas nacionalistas. Os versos atestam que ele irá governar com democracia, protegendo

<sup>36</sup> Idem, ibidem, p.01 estrofes 3 e 4.

<sup>37</sup> Idem, p 2, estrofes 1, 2, 3 e 4.

e amparando os oprimidos e apertando a burguesia, trazendo sempre a idéia de um governo no qual impera a justiça, a liberdade e a democracia. Seus versos remetem a um assunto que, até nos dias de hoje, é motivo de polêmica em todo o país, a reforma agrária. Para o poeta, essa seria sua obra de maior urgência, considerando que sua legislação trabalhista e previdenciária teve pouco impacto na zona rural do país. Segundo Levine, *as regiões distantes e a zona rural levavam a pior... as medidas de Vargas tinham muito menos influência, se alguma, sobre as vidas dos brasileiros do interior do que sobre as do que viviam nas cidades populosas do litoral*.<sup>38</sup> Assim versejou Manoel Pereira Sobrinho;

Vou governar com justiça  
Com lei e com harmonia  
Dando liberdade ao povo  
Com ordem e democracia  
Protegendo aos oprimidos  
Amparando aos desvalidos  
E apertando a burguesia

A minha primeira empresa  
Será a reforma agrária  
Porque acredito ser  
A obra mais necessária  
Por falta desta medida  
Vive a pobreza oprimida  
Numa onda funerária.<sup>39</sup>

Finalizando o folheto, o autor nos apresenta um Getúlio conhecedor do povo pobre brasileiro, com o qual teve contato por meio de suas viagens pelo país durante a campanha presidencial, quando chegou a visitar todos os Estados e o Distrito Federal. Interessante a observar nos versos de Manoel Sobrinho é o apelo religioso. Getúlio aparece como elemento aglutinador para seu governo, tomando Deus como testemunha e Nossa Senhora como sua auxiliadora. Na verdade, este tipo de apelo recai sobre uma representação e apropriação profundamente marcadas pela religiosidade, oferecendo, dessa forma, uma legitimidade e um sentido para o seu retorno ao poder<sup>40</sup>. Vejamos de que maneira o poeta descreveu tais situações:

Já andei todo Brasil

<sup>38</sup> LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 174.

<sup>39</sup> SOBRINHO, Manoel Pereira. *Getúlio fala ao seu povo*. Op. Cit. p. 4, estrofes 1 e 2.

<sup>40</sup> Sobre essa relação do governante e a mítica religiosa, ver LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas. 2. ed., São Paulo: Papirus, 1986. p. 155.

Onde a luz do sol nos cobre  
 Desde a classe media a rica  
 Desde o mais humilde ao nobre  
 E vi que em toda terra  
 Desde a capital serra  
 Quem mais sofre é gente pobre.<sup>41</sup>  
 [...]

Porém Deus é testemunha  
 Com meu fiel coração  
 Da nobreza da alma e do  
 Amor a religião  
 Que tenho sem ter maldade  
 Desde minha mocidade  
 Até a consumação.

A virgem mãe de Deus vivo  
 Para tal me auxiliará  
 Pois com sua ajuda santa  
 Minha voz triunfará  
 E castigarei aos nobres  
 Que vive sugando os pobres  
 Bons filhos de Jeová  
 [...]

Grande Deus Mestre dos Mestres  
 Eterno e onipotente  
 Tudo faz em prol dos bons  
 Único e justo pai Clemente  
 Levou-me ao poder de novo  
 Indicado pelo povo  
 O Tribunal consciente.<sup>42</sup>

Dos folhetos analisados, o que mais nos chamou atenção, de fato, foi a representação acerca do que Getúlio fez pelo país, ou seja, das reminiscências quando estava no poder durante o Estado Novo. Suas realizações no campo trabalhista ficaram registradas na memória popular, conforme cita Antônio Montenegro:

Essa capacidade de Getúlio em produzir uma memória foi característica de seu governo mas também um traço pessoal. Mesmo no momento da morte, não se furtará de deixar uma marca profunda.<sup>43</sup>

Manoel Pereira Sobrinho<sup>44</sup>, já retratado anteriormente, ao tomar a primeira pessoa nas descrições poéticas do seu folheto, dirige-se ao povo, mostrando o que já fez para a nação brasileira. Agora, para isto, assume um discurso paternalista, na condição realmente

<sup>41</sup> Idem, p. 6 estrofe 4.

<sup>42</sup> Idem, p 7, estrofes 2, 3 e 4.

<sup>43</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 107.

<sup>44</sup> SOBRINHO, Manoel Pereira Sobrinho. *Lançamento da candidatura do Senador Getúlio Vargas e mensagem ao povo brasileiro*. Op. Cit.

de “pai”, de “protetor da classe pobre”, que nunca deixou faltar nada para seu filho. Vejamos algumas destas estrofes:

Eu criei Sindicato  
 E fiz a Lei do Trabalho  
 Limitei em oito horas  
 Sem haver qualquer encalho  
 Sendo mais o operário  
 Recebe extraordinário  
 Ali não tem atrapalho.<sup>45</sup>  
 [...]

Criei o salário mínimo  
 Fiz a caixa de pensão  
 O abono de família  
 Para quem tem precisão  
 Protegi a classe pobre  
 Dei um acocho no nobre  
 Sem dar nem satisfação.

Fiz Lei de inquilinato  
 Protegendo ao morador  
 Que paga aluguel de casa  
 Sendo o maior sofredor  
 E hoje é mais do que dono  
 Canta, salta e dorme sono  
 E não tem nenhum temor.<sup>46</sup>  
 [...]

Quem deu esta lei ao pobre  
 Que antes não existia?  
 Porque só davam direitos  
 A quem tinha fidalguia?  
 Respondam meus compatriícios  
 A custa de sacrifícios  
 Vos dei esta garantia.<sup>47</sup>

Mas a mensagem ao povo brasileiro não termina nas questões de âmbito social. Getúlio também fez questão de lembrar as principais metas, dentre as quais pretendia transformar o Brasil atrasado em um país com grande visibilidade econômica, podendo ser equiparado às principais nações do mundo moderno.<sup>48</sup> Neste sentido, os versos que seguem representam tais considerações:

---

<sup>45</sup> Idem, p.2, estrofes 4.

<sup>46</sup> Idem, p. 3, estrofes 2 e 3.

<sup>47</sup> Idem, p 4, estrofe 1

<sup>48</sup> Cf. CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. ( Orgs). *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.* v. 2, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

Criei uma grande fábrica  
 De fabricar Aviões  
 Construí vários açudes  
 Pra melhora os sertões  
 Fiz navios em quantidade  
 As toneladas de verdade  
 Foram mais de 10 milhões  
 [...]

E fiz em Volta Redonda  
 A grande Siderurgia  
 Aproveitando o minério  
 Que jaz na louza fria  
 A maior do continente  
 A onde trabalha gente  
 Todas as horas do dia.

Construí fábrica de pólvora  
 Fabricas de munições  
 Revolver quarenta e cinco  
 Metralhadoras e canhões  
 Deu para ser exportada  
 Carros de assalto e blindado  
 Fabriquei para milhões.<sup>49</sup>

Diante do exposto no folheto, podemos perceber que Manoel Sobrinho recorreu ao Estado Novo para poder mostrar à sociedade quem era Getúlio e o motivo pelo qual de no dia três de outubro, data marcada para as eleições, os brasileiros deveriam fazer valer seu sufrágio. Ao término deste folheto, o discurso apresentado pelo poeta destaca um político pronto para assumir a presidência quando verseja “estou pronto brasileiros... quinze anos fui governo e posso ser outra vez”. Tal expressão só vem confirmar o que Ângela de Castro Gomes diz em relação à propaganda publicitária da campanha de 1950: que toda ela era assentada no material do Estado Novo, até porque o objetivo era justamente reforçar os laços entre o líder e os trabalhadores, como fizera outrora.<sup>50</sup> Em outros versos, percebemos o tom enfático que assume quando diz que “eu não prometi, dei” aludindo sempre às leis trabalhistas como um ato de doação do Estado e não de um conjunto de lutas e conquistas dos operários antes de ele chegar ao poder. Nas palavras de Montenegro, *setores dominantes não apenas se apropriam de muitas das reivindicações da classe trabalhadora, como as devolveram*

<sup>49</sup> SOBRINHO, Manoel Pereira Sobrinho. *Lançamento da candidatura do Senador Getúlio Vargas e mensagem ao povo brasileiro*. Op. Cit. p. 5, estrofe 4 e p.6, estrofe 1, respectivamente.

<sup>50</sup> GOMES, Ângela de Castro. *A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado*. Op. Cit. p. 531.

*revestindo-as de uma conotação “paternalista”*.<sup>51</sup> Passemos agora à percepção de tais contextos versejados:

Estou pronto brasileiros  
 Às vontades de vocês  
 Quinze anos fui governo  
 E posso ser outra vez  
 Digo sem medo nenhum  
 Entrando em cinqüenta e um  
 Vou até sessenta e seis.

É esta minha mensagem  
 Escrita por seu Sobrinho  
 Poeta que não vacila  
 Nem tira o pé do caminho  
 Com ele não tem carreira  
 Tudo é chã não há ladeira  
 Que for meu compre o livrinho.

Operário te recorda  
 Que eu não prometi, dei  
 Fui deposto do governo  
 Porque a ti abracei  
 Porem estou satisfeito  
 E tenho escrito em meu peito  
 Ó ao pobre abracei.

Grande só existe Deus  
 Este ser grande e divino  
 Tudo que faz é bem feito  
 Único dono do destino  
 Liberta preso e inocente  
 Imprensa o impertinente  
 Olha ao justo e ao ferido.<sup>52</sup>

Delarme Monteiro da Silva<sup>53</sup>, em folheto de 1949, refletindo em seus versos sobre a situação em que se encontrava o país, marcado pela fome e um grande abandono, conseqüências do governo Dutra, conclama, pois, a nação a acordar e olhar para os feitos do Senador Getúlio Vargas enquanto esteve à frente da direção do país. Pode-se perceber em seus versos um tom de desespero ao afirmar que até por Deus o povo foi abandonado. Assim relata:

<sup>51</sup> <sup>51</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. Op. Cit. p.100.

<sup>52</sup> SOBRINHO, Manoel Pereira Sobrinho. *Lançamento da candidatura do Senador Getúlio Vargas e mensagem ao povo brasileiro*. Op. Cit. p.8, estrofes 1, 2, 3 e 4.

<sup>53</sup> SILVA, Delarme Monteiro Silva da. *Getulio Vargas o Orgulho do Brasil com ele triunfaremos*. Juazeiro, 17 de novembro de 1949. Este folheto tem na capa como sendo de Jose Bernardo da Silva, só que este é o proprietário da tipografia São Francisco e não o autor. Na verdade, nas pesquisas de Átila Almeida o folheto é de Delarme Monteiro Silva.

Despertaí oh Brasileiros  
Homens de fibra e ação,  
A fome de pouco a pouco  
Invade nossa nação  
Breve estamos humilhados  
Famintos esfarrapados,  
Sem roupa, sem lar, sem pão.

Estamos abandonados  
Entregues ao “Deus dará”  
Mas um voto consciente  
Da fome nos livrará  
E o futuro medonho  
Se torna belo, risonho,  
E a fome passará...<sup>54</sup>

Nas demais estrofes que permeiam todo o folheto, perfazendo um total de 16 páginas, Getúlio é representado com “muito orgulho”, somando, desta forma, o que outros poetas já mencionaram a seu respeito. A singularidade deste folheto reside no fato de comparar Getúlio a um “lapidador” de diamantes e rubis, que procurou lapidar o país, tornando-o o orgulho da Nação:

Mas ainda existe um homem  
Que confiança nos traz,  
Seu governo é lembrado  
Pelas obras colossais  
Homem de virtudes largas  
Seu nome é Getúlio Vargas  
Que não promete mais faz.

Getúlio foi o governo  
Que brilhou nosso país,  
Foi como lapidador  
De diamantes, rubis,  
Burlou de nome e fama  
Tirando o Brasil da lama,  
Cortando o mal pela raiz.<sup>55</sup>

Nos versos seguintes, Delarme Monteiro frisa que não adiantava meditar sobre em que candidato votar nas eleições, Getúlio já era o candidato certo para a nação. E no Catete, ocuparia mais uma vez a cadeira que o destino lhe reservara, deixando o povo outra vez feliz. Mais uma vez, Getúlio aparece representando o ideário da “felicidade”, o “provedor da paz”, vejamos:

---

<sup>54</sup> Idem, p. 01, estrofes 1 e 2.

<sup>55</sup> Idem, p.02, estrofes 2 e 3.

Não devemos meditar  
 Se vote neste ou naquele  
 Pois do senador Getúlio  
 Sabemos o valor dele  
 Não é carta de baralho  
 Continua seu trabalho,  
 Temos confiança nele

E Getulio voltará  
 Para ocupar a cadeira,  
 Pra dirigir o destino  
 Dessa terra brasileira  
 E então de infelizes  
 Passaremos a felizes,  
 Nesta data alvissareira.<sup>56</sup>

Em outro folheto de Delarme Monteiro Silva<sup>57</sup>, logo na primeira estrofe ele parabeniza os proletários, com bastante ênfase, por Getúlio ter entrando para disputar as eleições. Para o poeta, os pobres teriam agora em quem votar, levando-nos à conclusão de que os demais candidatos não correspondiam aos seus interesses. Percebe-se que tais versos só enaltecem a figura do presidente e suas ações sociais. Apresenta ao leitor a importância de Getúlio no poder, pois só desta forma o Brasil seria uma verdadeira nação passando, a ter uma boa administração, vejamos:

PARABÉNS oh proletários  
 E a classe pobre em geral  
 Devemos cantar hosanas  
 Pela entrada triunfal  
 De Getúlio, neste grande,  
 Pleito presidencial.

Getúlio candidatou-se  
 Não é ficção nem boato,  
 Quer dizer que a pobreza  
 Agora vota de fato  
 Porque para presidente,  
 Surgiu o seu candidato.<sup>58</sup>  
 [...]

Com Getúlio no poder  
 O Brasil será nação

<sup>56</sup> Idem, p. 14, estrofes 3 e 4.

<sup>57</sup> SILVA, Delarme Monteiro da. *A candidatura de Getúlio Vargas*. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 10 de junho de 1950. Este folheto tem na sua capa o nome de José Bernardo da Silva, mas seu autor é Delarme M. Silva, José Bernardo é o editor-proprietário e dono da Tipografia São Francisco.

<sup>58</sup> Idem, p.01, estrofes 1 e 2.

E não um simples brinquedo  
 Como está se vendo então  
 Tão novo e quase caduco,  
 Sem administração.

Getúlio Dornelles Vargas  
 É orgulho de uma raça,  
 Não é palhaço de circo  
 Que ganha pra fazer graça  
 Nem se guia pela popa,  
 Feito canoa ou barçaça.

O Brasil só vai avante  
 Sendo ele presidente  
 Pois sabe pegar as rédeas  
 Como um cocheiro valente  
 Que não deixa os animais  
 Tomarem o freio no dente.<sup>59</sup>

O poeta por sua vez ressalta sua condição de operário dizendo que não tem ligações com Getúlio, mas vem apresentar ao povo uma verdade dizendo que “se não fosse Getúlio o pobre não valia nada”. Delarme deixa claro para os leitores ao trazer à memória o quanto Vargas foi importante enquanto presidente no sentido de valorizar os humildes e cita como exemplo o direito às férias, perguntando quem antes de Getúlio tomou tal decisão. Menciona, ainda, o fato da valorização que as leis trabalhistas trouxeram para os operários, levando-os a serem tratados como homens e não como canalhas, inclusive o poeta faz até uma crítica ao tratamento recebido pelos patrões quando estes demitiam seus funcionários, observem:

Sou um simples operário  
 De Getúlio não sou nada  
 Porém não gosto de ver  
 Uma verdade incubada  
 Se não fosse “seu” Getúlio,  
 Pobre não valia nada.

Hoje o homem que trabalha  
 Para servir seu patrão  
 Sabe que tem suas férias  
 Boa remuneração  
 E chegando a invalidez  
 Recebe sua pensão.<sup>60</sup>

Só será posto pra fora  
 Da casa onde trabalha  
 Por um motivo de roubo

<sup>59</sup> Idem, p 2, estrofes 1, 2 e 3.

<sup>60</sup> Idem, ibidem, p.2 estrofes 4 e 5.

Ou outra coisa que valha  
É tratado como homem,  
E nunca como um canalha.

Mas antes de Getúlio  
Quero que responda então,  
Qual o pobre se metia  
A ser cavalo do cão  
Recebia como férias  
Ponta-pé e bofetão...<sup>61</sup>

Cabe mencionar aqui, ainda, a exaltação de Cuíca de Santo Amaro<sup>62</sup> acerca da volta de Getúlio ao Catete. O poeta, que já foi citado anteriormente sobre a sua admiração por Vargas, produziu um folheto de exortação, carregado de representações que foram construídas socialmente e permaneceram na memória da sociedade brasileira. Termos como “Competente, inteligente, bom velhinho, Salvador, Orgulho nacional, corajoso, protetor, libertador e onipotente”, entre outros, foram esgrimidos como forma de conferir legitimidade às aspirações políticas de Getúlio.

Nas palavras de Roger Chartier, *as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalização de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam*.<sup>63</sup> São termos que já foram versegados por outros poetas, comprovando o quanto este tipo de literatura marcou o cotidiano político-social da “Era Vargas”. Vejamos agora algumas estrofes do autor, Cuíca de Santo Amaro, aclarando tal contextualização:

Salve Getulio Vargas  
Protetor do Operário  
Salve Getúlio Vargas  
O Homem extraordinário  
Pois sempre nos ajudara  
A levar a Cruz ao Calvário.

Salve Getúlio Vargas  
O ex-chefe da Nação  
O homem que nos livrara  
Das garras da escravidão.  
Pois o Operário vivia  
Em completa escuridão.

Salve Getulio Vargas  
Pivot da Democracia

<sup>61</sup> Idem, p3, estrofes 1 e 2.

<sup>62</sup> AMARO, Cuíca de Santo. *Getúlio volta ao gramado*. [ s/l, s/n, s/d.]

<sup>63</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa, Difel, 2002., p.17.

Salve Getúlio Vargas  
 Diz o povo da Bahia  
 Liberdade e garantia.

Salve Getulio Vargas  
 Numero um do Brasil  
 O homem que se destaca  
 Embaixo do Céu cor de anil  
 Um Democrata de fibra  
 E de porte varonil.<sup>64</sup>  
 [...]

A sua inteligência  
 E grande capacidade  
 Convenceu ao Brasileiro  
 Que é homem de verdade  
 Que durante quinze anos  
 Ajudou a humanidade.<sup>65</sup>  
 [...]

Enfim... este Brasil  
 Que é o nosso orgulho  
 Digo eu desassombrado  
 Porque posso com barulho  
 Se tem hoje alguma coisa<sup>66</sup>  
 [...]

Eis, o que diz o Operário  
 Do nosso Ex-presidente  
 Melhor do que Getúlio  
 Só quando a galinha nascer dente  
 No Brasil Getúlio Vargas  
 É o Homem competente.<sup>67</sup>  
 [...]

Foi o único no Brasil  
 Que olhou para o Operário  
 Foi o único somente  
 Que foi até o Calvário  
 Foi ele Getulio Vargas  
 Porque é extraordinário.  
 [...]

A torcida satisfeita.  
 Gritou assim mais de mil  
 Salve Getúlio Vargas  
 Sempre forte e varonil  
 Salve Getúlio Vargas  
 Para salvar o Brasil.<sup>68</sup>

---

<sup>64</sup> AMARO, Cuíca de Santo. *Getúlio volta ao gramado*. Op, Cit. p. 01, estrofes 1, 2, 3 e 4.

<sup>65</sup> Idem, p. 03, estrofe 2.

<sup>66</sup> Idem, p. 6, estrofe 2.

<sup>67</sup> Idem, p. 7, estrofe 4.

<sup>68</sup> Idem, p. 8, estrofe 4.

Chegamos às eleições de 1950. Getúlio Vargas não alcançou a maioria absoluta dos votos, como Dutra em 1945, obtendo apenas 48,7%. Mas, mesmo assim, chegara ao poder um presidente escolhido pelo povo em eleições diretas. Estava de volta ao poder o “pai dos pobres” tão exaltado e reverenciado pelos poetas populares, como vimos nas representações dos folhetos descritas acima. A identificação do passado se fez presente nos versos destes poetas que deixaram transparecer o valor e o simbolismo que este presidente legou à nação. Conforme visto no capítulo anterior, A União Democrática Nacional tentou, inutilmente, impedir a posse de Getúlio, por uma interpretação descabida de que a Constituição de 1946, implicitamente, exigia a obtenção da maioria absoluta dos votos como requisito à eleição do presidente e do vice-presidente da República, mas graças ao surgimento da Justiça Eleitoral, que ele criara, tomou posse no Palácio do Catete em 31 de janeiro de 1951.<sup>69</sup>

Sobre esta tentativa inútil de querer impedir a posse de Getúlio, encontramos um folheto de um poeta popular paraibano, que vendia suas obras em feiras livres, carregando-os em um saco, diferente dos demais, que os transportavam em malas, conhecido por Manoel Tomaz de Assis.<sup>70</sup> Seu folheto nos chamou atenção por apresentar em seus versos poéticos uma indignação popular referente à tentativa de “alguns sujeitos”, os quais não mencionam que queriam impedir a posse de Vargas. Passemos, pois, à verificação de tal situação:

O Senador Getulio Vargas  
 Eleito pela nação  
 Ele sem fazer campanha  
 Ganhou por mais dum milhão  
 Se não for para o Catete  
 Vai haver tanto cacete  
 Que o diabo tem compaixão.

Tem descontente gritando  
 Que Getúlio não se apossa,  
 Se não houver justiça  
 O porco revira roça,  
 A nação fica empenada  
 E conte com a brigada  
 Que o país se destroça.

Se Getúlio Vargas  
 Foi eleito pelo povo,  
 Todo pobre tem vontade

<sup>69</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo Companhia das Letras, 2006, p.166.

<sup>70</sup> ASSIS, Tomaz Manoel. *Perigo de Revolução*. [s/d, s/n, s/l] Sobre os dados biográfico deste poeta ver ALMEIDA, Átila de & ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário Bio-bibliográfico de poetas populares*, 2. ed., ampl. e refor., Campina Grande- PB: UFPB-Campus II, 1990, v.2, p. 46.

Que ele volte de novo,  
 Vai ser um pau com formiga  
 Se não voltar o povo briga  
 Pelo valor de um ovo.<sup>71</sup>

Getúlio foi quem deu  
 O valor a classe pobre  
 Tanto que pra ser eleito  
 Não precisou nem do nobre,  
 A todos eu faço saber  
 Se ele não for para o poder  
 Já sei que o cacete cobre.

Eu só ouço é o boato  
 De sujeito descontente,  
 Porque perdeu a política  
 Está todo diferente,  
 Grita ganhou mais não vai  
 Desta vez o diabo sai  
 Amarrado na corrente.<sup>72</sup>  
 [...]

Getúlio já foi eleito  
 E porque ele não vai  
 Se o povo todo quer  
 Já o seu poder não cai  
 Acho bom que não assanhe  
 Que porco grita mãe  
 Cachorro grita papai.

Dos governos da República  
 Getúlio foi o maior  
 Se caso entrar outro  
 O país fica pior  
 Todo povo vai conhecer  
 Que com Getulio no poder  
 O Brasil fica melhor.<sup>73</sup>  
 [...]

O Doutor Getulio Vargas  
 Tem que ir para o Catete  
 Diga se vai ou não vai  
 Tem paciência cadete  
 Chegando a coisa vai  
 Briga filho contra pai  
 Vai haver muito cacete.<sup>74</sup>

Quanto aos folhetos que tratam da “vitória do presidente” Vargas, os poetas continuaram representando-os por suas ações ligadas ao passado. Só que agora com um tom

<sup>71</sup> Idem, p. 1, estrofes 1, 2 e 3.

<sup>72</sup> Idem, p. 2, estrofes 1 e 2.

<sup>73</sup> Idem, p.5, estrofes 2 e 3.

<sup>74</sup> Idem, p. 8 estrofe 3.

de alegria, de esperança, de crença de que seu voto não foi em vão e que Getúlio, por ser “o maior”, passará a governar de novo o Brasil. Minelvino Francisco Silva<sup>75</sup> procurou, em seu folheto “O Maior do Brasil”, representar Getúlio como aquele que veio para libertar o Brasil daqueles que querem escravizar a sociedade. Tal idéia de “libertação” nos remete a um discurso messiânico, muito presente na trajetória política do país. Todavia, não foi diferente da prática de Getúlio, que lançou para a sociedade a idéia do “pai da nação”, tido como elemento capaz de resolver os problemas sociais, satisfazer nossas necessidades, ou seja, nos proteger, cumprindo, assim, sua função paternalista.<sup>76</sup> Podemos observar em seus versos:

Getúlio Dornelles Vargas  
 Vem ao Catete de novo  
 Pra governar nosso povo  
 Que estão de baixo da carga  
 Vem ele Getúlio Vargas  
 Com seu porte varonil  
 Que vai vencer mais de mil  
 Que quer nos escravizar  
 Ele vem nos libertar  
 Porque é o maior do Brasil.

Luta com os outros partidos  
 Igualmente a Rui Barbosa  
 Com sua voz poderosa  
 Os outros serão vencidos  
 Nós vamos ser garantidos  
 Vamos dar louvores mil  
 Este senhor tão gentil  
 Que vem nos libertar  
 Por isso vamos gritar  
 Ele é o maior do Brasil.<sup>77</sup>

E a emoção do poeta é tão grande que chega a comparar, em termos de poder, Getúlio a Nosso Senhor, inclusive dizendo que querem até o seu retrato de volta na parede porque ele “é o maior do Brasil”, confirmando a relação religiosa entre os poetas e a sociedade.

Nosso Senhor lá no céu  
 Getúlio Vargas na terra  
 Que já nos livrou da guerra  
 Envolvido com um véu.  
 Livrou-nos deste escarcéu  
 De irmos para o alcantil  
 Todos cair no fuzil

<sup>75</sup> SILVA, Minelvino Francisco. *O Maior do Brasil*. s/l, s/d.

<sup>76</sup> OLGA, Tavares. *Fernando Collor: o discurso: o clamor ao sagrado*. Op. Cit., p. 52.

<sup>77</sup> SILVA, Minelvino Francisco. *O Maior do Brasil*. Op. Cit., p.01, estrofes 1 e 2.

Por isto queremos ele  
Até o retrato dele  
É o maior do Brasil.<sup>78</sup>

Minelvino Silva relata que teve um sonho no qual viu Jesus Cristo ordenando Getúlio a voltar para governar e triunfar no Brasil. Observem:

Esta noite eu tive um sonho  
Que fiquei imaginando  
No céu eu ia chegando  
Entrei com Santo Antônio  
Por isso que eu suponho  
Que era céu cor de anil  
Santo ali, vi mais de mil  
Vi Jesus Cristo ordenar  
Getúlio vai governar  
Por ser o maior do Brasil.

Vi o profeta Isaías  
Vi Moisés e vi Arão  
Vi São Pedro e São João  
Vi também o rei Messias  
Falando com Jeremias  
Santo ali, vi mais de mil  
Vi Getúlio tão gentil  
Vi Jesus Cristo falar  
Getúlio vai triunfar  
Porque é o maior do Brasil.<sup>79</sup>

Luiz Gomes Lumerque<sup>80</sup> também seguiu n mesma direção, procurando versejar um folheto expressando sua satisfação e ao mesmo tempo mostrando o que Getúlio fez e fará pelo Brasil. E começa pedindo inspiração a Deus para poder escrever sobre nosso presidente:

O Santo Deus inspirai-me  
(como pai Onipotente)  
Que eu possa escrever agora  
Com pensamento vidente,  
Com idéias muito largas  
Será nosso presidente.<sup>81</sup>  
[...]

De todos os presidentes  
Que governaram o Brasil,  
O doutor Getúlio foi

<sup>78</sup> Idem, p. 3, estrofe 01.

<sup>79</sup> Idem, p. 4, estrofes 2 e 3.

<sup>80</sup> LUMERQUE, Luiz Gomes. *A vitória do Presidente*. [ s/l, s/n, s/d.]

<sup>81</sup> Idem, p. 1, estrofe 1.

O mais nobre e varonil  
 Deu direito ao operário  
 Aumentou o seu salário  
 De cousas fez mais de mil.<sup>82</sup>

E diante da esperança em um governo que possa atender às reivindicações populares, o poeta pede para que Vargas honre o voto daqueles que depositaram sua confiança em um governo melhor:

Esperamos que Getúlio  
 Governe e faça aliança  
 Com os povos democratas  
 Honre a nossa confiança  
 De nosso voto secreto.<sup>83</sup>

E finaliza o folheto com uma espécie de desabafo, destacando o dever cumprido por ter escolhido Getúlio para governar novamente o país. E o mais interessante é que Luiz Lumerque afirma que os poetas estavam cansados por fazerem uma propaganda totalmente fundamentada na figura de Vargas para este chegar ao poder e menciona, ainda, que em qualquer campanha, os poetas sempre estão presentes, trabalhando ativamente. Tal fato justifica a utilização do folheto como elemento de propaganda eleitoral e que não exprime “a voz do povo” como costumam definir este tipo de impresso. Vejamos os versos abaixo:

Os poetas populares  
 Já trabalharam demais  
 Fazendo uma propaganda  
 Com bases fundamentais  
 Para verem o presidente,  
 Vir governar novamente,  
 Com democracia e paz.

Por que em qualquer campanha  
 Democrática e positiva  
 Os poetas sempre têm  
 Tomado uma parte ativa;  
 Diz que o provérbio sagrado  
 Todo filho abençoado  
 Quer ver sua pátria viva.<sup>84</sup>

No caso da campanha de 1950, segundo os folhetos analisados, podemos constatar que versejar sobre Getúlio era algo que os poetas faziam porque queriam ver “seu”

---

<sup>82</sup> Idem, p. 2, estrofe 3.

<sup>83</sup> Idem, p. 5, estrofe 4.

<sup>84</sup> Idem, p. 8, estrofe 1 e 2.

presidente de volta ao Catete, não se tratava de algo forçado. Muito pelo contrário, soava com certa naturalidade. Em meio a tudo isso, era inegável a existência de uma construção imagética em torno do “político Vargas” levando os poetas a pegarem seu lápis e retratá-lo, transpondo para o papel o que conheciam sobre seu “líder”. Nesse contexto é bom lembrar a relação entre produção e consumo, pois o folheto atendia a uma lógica de mercado, já que muitos sobreviviam das vendas desta literatura.

Corroborando, ainda, com este momento de euforia pela vitória getulista, Manoel D’Almeida Filho<sup>85</sup> fez um folheto no qual apresentou logo no início o jogo partidário que disputou o pleito eleitoral em 3 de outubro de 1950, com o objetivo, segundo o autor, de “erguer a nação que estava parálítica”:

Todo povo do Brasil  
Caiu dentro da política,  
Para erguer a nação  
Que estava parálítica,  
Cada partido mostrou  
A sua carta analítica.

PSD – UDN  
PR e PSP  
PTB e PTN  
PL e PSB  
PRP – PTS  
A Lec e o PDC.  
[...]

E assim cada partido  
Preparou seus eleitores,  
Apresentou candidatos  
A postos superiores,  
E esperou a vitória  
Entre os demais contendores.<sup>86</sup>

Na seqüência das estrofes que permeiam o folheto, cada partido “apresenta” seu candidato, mas quando o poeta apresentou o PTB com o nome de Vargas, tratou logo de destacá-lo como “homem justo e consciente”, conhecido como “O pai da pobreza descontente”. Percebe-se que o pensamento paternalista é mantido, como nos folhetos já analisados anteriormente. Vejamos:

<sup>85</sup> D’ALMEIDA FILHO, Manoel. *A Vitória Getulista nas eleições de 50*. [s/l, s/n, s/d]. Este folheto circulou com duas capas diferentes.

<sup>86</sup> Idem, p. 1, estrofes, 1, 2 e 3.

PTB apresentou  
 Ao lugar de presidente  
 O Dr. Getúlio Vargas  
 Homem justo e consciente,  
 Conhecido como “O pai  
 da pobreza descontente”.<sup>87</sup>

E seguindo a leitura das estrofes, vamos nos deparar com versos que constataam a “mitificação” deste “líder” nacional, representado aqui pelo “defensor dos marmiteiros”, “salvador da nação” e o “maior da nação”. Observem:

Vai subir para o Catete  
 O maior dos brasileiros  
 Getúlio Dornelles Vargas  
 Castigo dos bandoleiros,  
 Cadeia dos criminosos,  
 Defensor dos marmiteiros.

Todo povo brasileiro  
 Cumpriu com seu dever,  
 Elegendo o maior homem  
 Para o trono do poder,  
 Para completar a obra  
 Que criou sem prometer.<sup>88</sup>  
 [...]

Acredito que as leis  
 Sejam regularizadas,  
 Para salvar a nação  
 Muitas sejam ampliadas,  
 E cumpridas com rigor  
 Entre todas as camadas.

O Dr. Getúlio Vargas  
 Representa a maioria,  
 Dos brasileiros honestos  
 Que naquele grande dia  
 Votaram no seu partido  
 Para a nossa garantia.

Consagrado pelo povo  
 Eleito por muitos mil  
 Que levaram ao Catete  
 O seu vulto varonil,  
 Que brilha como uma estrela  
 Hoje nos céus do Brasil.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Idem, p. 2, estrofe 3.

<sup>88</sup> Idem, p. 3, estrofes 2 e 3.

<sup>89</sup> Idem, p. 7, estrofes 2, 3 e 4.

Os folhetos analisados nesta seção apresentam um Getúlio “mitificado”, inserido nos versos de cada poeta, elencando toda uma trajetória de realizações e ações destinadas a uma sociedade que via na figura do presidente a representação de um “protetor” nacional.

### 3.3 Corpus de folhetos após o suicídio

Na manhã de 24 de agosto de 1954, em meio à crise política por que passara o governo Vargas, os jornais matutinos traziam em suas páginas o pedido de licença como resultado da reunião ministerial que ocorreu pela madrugada no Palácio do Catete. Essas informações poderiam até passar sem grandes repercussões, se por volta das 8h30 uma notícia que ecoava das ondas do rádio não mudasse os rumos da história. Era divulgada para toda a nação, em edição extraordinária do Repórter Esso, transmitido pela Rádio Nacional, a notícia do suicídio do presidente Getúlio Vargas. Com uma voz trêmula, o locutor afirmava: “E atenção, acaba de suicidar-se em seus aposentos, no Palácio do Catete, o presidente Getúlio Vargas”.<sup>90</sup> Consternado, o povo, sem entender muito bem o que se passava, saía às ruas, ouvia outras emissoras em busca de um desmentido. Mas os esforços foram em vão, o fato estava consumado.

Kolecza, citado por Nair Prata, nos traz uma descrição acerca dos últimos momentos da repercussão da notícia do suicídio:

O torpor tomou conta do Brasil a partir da edição extra do Repórter Esso. As escolas foram liberando os alunos, o comércio fechando e as fábricas desligando as máquinas. As pessoas caminhavam tontas pelas ruas. Os jipes desobedeciam os sinais à frente de comboios dos quais desembarcavam às pressas soldados para apontar metralhadoras contra locais de maior aglomeração. Getúlio Vargas estava morto. Era o desfecho sangrento do drama que o país acompanhou pelo rádio e diante das bancas de jornal.

<sup>90</sup> PRATA, Nair. O rádio mineiro e a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas. In: *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*. (Org.) Ana Baumworcel. Rio de Janeiro: Grammond, 2004, p. 81. Este livro oferece um leque de curiosidades sobre a cobertura que o rádio deu em diferentes locais do país da morte do presidente Vargas. É um estudo primoroso no sentido de ressaltar a importância que este veículo de comunicação possuía nos anos 50 entre as camadas populares. Para uma abordagem mais aprofundada sobre o rádio na Era Vargas ver: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. v.2, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

Impotentes para reagir, as multidões, dispersas pelas ameaças, voltavam a se formar a alguns metros adiante para chorar.<sup>91</sup>

Segundo Jorge Ferreira, na capital da República a notícia do suicídio do presidente Vargas pairou em torno de um sentimento de dor e revolta. Populares passaram a percorrer as principais ruas munidos de paus e pedras. Tudo que encontrassem pela frente de material de propaganda contra Getúlio era arrancado ou destruído. O “feitiço virou contra o feiticeiro”; o ditado popular se aplicava aos ataques da oposição, que criara uma imagem considerada pelos populares distorcida do presidente, usando adjetivos do tipo “corrupto, ambicioso, desonesto, violento, anormal etc”, veiculados no jornal Tribuna da Imprensa, na Rádio Globo ou no Correio da Manhã, agora estava sendo acusada de levar Vargas a cometer o suicídio. A morte de Getúlio trazia mudanças jamais esperadas pela oposição, que se via mergulhada em um clima tenso de profundas manifestações.<sup>92</sup>

De fato, este dia ficou marcado na história do país. Para Boris Fausto, a morte de Getúlio desencadeou uma mobilização popular nas grandes cidades, que colocou os opositores em posição embaraçosa. A massa saiu às ruas em todas as cidades, atingindo os alvos mais expressivos de seu ódio.<sup>93</sup>

O momento citado acima coincide com os versos de Antonio Teodoro dos Santos, no seu folheto “Vida, tragédia e morte do presidente Getúlio Vargas”<sup>94</sup>, quando diz:

Assim lamentavam todos  
Que se lembravam de Vargas  
Com suas leis trabalhistas  
Tirando as pesadas cargas  
Dos ombros dos operários,  
Adoçando com salários  
As suas dores amargas.

Houve no país inteiro  
Entre as pessoas sofridas  
Um verdadeiro clamor  
Lamentando as suas vidas,  
Pois nas adversidades

<sup>91</sup> KOECZA, Carlos Alberto. Disponível em: < [http://www.pdt.org.br/personalidades/getulismo\\_historia\\_4.htm](http://www.pdt.org.br/personalidades/getulismo_historia_4.htm) > Apud PRATA, Nair. *O rádio mineiro e a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas*. Op. Cit. p 83-84.

<sup>92</sup> Cf. FERREIRA, Jorge. O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. In: FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular. 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 165-204. Este artigo sem as devidas revisões do autor pode ainda ser encontrado em GOMES, Ângela de Castro. (Org.) *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará / Editora da Fundação Getúlio Vargas.

<sup>93</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. cit., p. 191.

<sup>94</sup> SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Vida, Tragédia e Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Editora Luzeiro, São Paulo, 1987.

As grandes necessidades  
Por Vargas foram atendidas.

Mães de família chorando  
Pelas dores sufocadas  
Sofreram até passamentos  
E caíram desmaiadas  
Pelas praças e avenidas  
Muitas foram socorridas  
Com os filhos abraçadas.<sup>95</sup>

Meia hora depois da notícia do episódio dramático que atordoava o país, o rádio mais uma vez se fazia presente, ao divulgar uma carta-testamento na qual o presidente explicava à nação o porquê de sua decisão. Nas palavras de Ana Baumworcell, a leitura da carta estabelecia um elo entre o locutor e o que foi escrito pelo autor, produzindo um efeito simbólico para o receptor. A autora afirma que a sonoridade radiofônica trazia simbolicamente Getúlio Vargas de volta à cena política. Era como se a palavra, ao ser dita, ganhasse corpo, se materializasse em imagens na mente do ouvinte. Era o retrato (imaginário) do velho outra vez, apesar de ele estar está morto. “Escolho este meio de estar sempre convosco”, dizia a carta-testamento.<sup>96</sup>

Nesse contexto do retorno de Getúlio por meio da carta, dos motins e lágrimas derramadas por sua partida, percebemos que o povo se “reapropriou” de uma mensagem que, ao ser pronunciada pelo rádio, assumiu contornos imagéticos. Era como um filme que se fazia presente em cada trabalhador, o “pai” deixava seus filhos, mas ao mesmo tempo os consolava com suas últimas palavras.

O jornal Última Hora foi o único a circular pela cidade, segundo Jorge Ferreira, com uma tiragem de quase 800 mil exemplares; os demais foram detidos nas sedes devido aos ataques da multidão, que, furiosa, bloqueou a saída dos caminhões.<sup>97</sup> Como destaque, trazia a manchete: MATOU-SE VARGAS! O presidente cumpriu a palavra: “só morto sairei do Catete! Às 8,30 hs. da manhã de hoje o maior líder popular que o povo brasileiro já conheceu encerrou de modo dramático sua grande vida”.<sup>98</sup>

O impacto da morte de Vargas caiu como uma “pedra na cabeça” dos poetas populares, pois anos atrás estes o reverenciavam, em seus folhetos, para que voltasse ao Catete. Sob lágrimas e dor, muitos correram para registrar seu pesar, algo que pudesse

<sup>95</sup> Idem, p.28-29.

<sup>96</sup> BAUMWORCEL, Ana. 1954: um retrato do rádio na época de Vargas. In: *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*. (Org.) Ana Baumworcel, Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 22.

<sup>97</sup> Cf. FERREIRA, Jorge. *O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto*. Op. Cit. p. 179.

<sup>98</sup> Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1954, ano IV, nº 979, p.01. In: AGUIAR, Ronaldo Conde. *Vitória na derrota: a morte de Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004, p. 201.

lembrar o quanto ele foi importante como “pai” de uma nação. Getúlio ficou na memória dos trabalhadores como o homem que ouvia os “humildes” e fora responsável pela implantação das leis trabalhistas. Era esse o perfil pelo qual Getúlio passou a ser representado nos folhetos produzidos após sua morte. Muitos poetas, ao discorrer sobre o tema, traziam à memória dos leitores suas principais realizações. Outros procuraram fazer uma espécie de folheto biográfico, perpassando informações de toda sua trajetória de vida. Independente de como o retrataram, estes folhetos contribuem para um grande registro da memória poética popular sobre agosto de 1954. Nas palavras de Mark Curran, a morte de Getúlio, se não foi o maior, certamente foi um dos grandes acontecimentos de toda a crônica cordeliana.<sup>99</sup>

Praticamente todos os cordelistas da época escreverem sobre a morte de Getúlio. Na pesquisa realizada, encontramos: Antônio Teodoro dos Santos, Rodolfo Coelho Cavalcante, Francisco Sales, Expedito Sebastião Silva, Amaro Quaresma dos Santos, Manoel Pereira Sobrinho, Manoel Monteiro, João Ferreira de Lima, Manoel D’Almeida Filho, Sebastião José do Nascimento, José João dos Santos (Azulão), José Luiz Júnior, João Antônio de Sena, Manoel Serafim, Cuíca de Santo Amaro, José Aires de Mendonça, Delarme Monteiro da Silva, Manoel Serafim, Antônio Eugênio da Silva e Minelvino Francisco Silva.<sup>100</sup>

Era de se esperar que seu nome atingisse uma grande produção. Se antes do suicídio Getúlio se fazia presente nos versos dos poetas populares, a produção se intensificou com este desfecho. Acerca deste comentário, Marinalva Vilar de Lima afirma que *em se tratando de uma personalidade de reconhecida envergadura, no âmbito da política nacional, como foi Vargas, observa-se que sua morte vai movimentar a produção e o consumo dos folhetos à época.*<sup>101</sup>

As descrições de Antonio Teodoro dos Santos sobre o universo desta produção nos fazem entender o que Marinalva de Lima expressa acima:

Mais de trezentos poetas  
Pelo país escreveram  
Folhetos sobre a tragédia  
Que os brasileiros sofreram  
Esses livros aos milhares  
Muitos milhões de exemplares  
Milhões de pessoas leram.

<sup>99</sup> Cf. CURRAN, Mark J. *História do Brasil em cordel*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 133.

<sup>100</sup> Ver a lista destes poetas e suas respectivas obras na Bibliografia.

<sup>101</sup> LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que carpem: a morte na literatura de cordel*. 2003, 208p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 134.

Nas feiras e praças públicas  
Lugares que houvesse gente  
Os livros eram vendidos  
E lidos rapidamente  
Contando num só sentido  
Como havia acontecido  
A morte do Presidente.

Após aquela leitura  
Muitas pessoas choravam  
Sofrendo desenganadas  
Enquanto outras desmaiavam  
No meio das emoções  
Num mar de desilusões  
Sem esperança acordavam.<sup>102</sup>

Delarme Monteiro Silva<sup>103</sup>, atordoado com a notícia da morte do presidente, que ouvira pelo rádio, em Recife, tratou logo de versejar sobre o acontecido em um folheto que reproduz os passos que o teriam levado ao término da vida. Conta o poeta que utilizou, para formar a trama, os informes de jornais e os noticiários do rádio. Mas, na segunda estrofe, chama a atenção do leitor com um simples verso, ao se dirigir a Getúlio como o “defensor do povo”, trazendo à tona toda uma representação social em torno de sua pessoa. Assim escreveu:

O Brasil por estas horas  
Está de luto fechado,  
Pois morreu seu presidente  
Que se vendo bloqueado  
Preferiu morrer com honra  
Do que viver desonrado

O povo em peso pranteia  
A morte do presidente  
Getúlio Dornelles Vargas,  
Braço firme e competente  
Que por defender o povo  
Sucumbiu tragicamente.

Baseado nos informes  
Que transcrevi dos jornais,  
Toda trama começou;<sup>104</sup>  
[...]

Hoje dia 24  
Já o rádio anunciava

<sup>102</sup> SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Vida, Tragédia e Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Op. cit., p. 29.

<sup>103</sup> SILVA, Delarme Monteiro da. *A morte do presidente Getúlio Vargas*. Recife. 24 de agosto de 1954.

<sup>104</sup> Idem, p. 01, estrofes 1, 2 e 3.

Que o presidente Vargas  
Do cargo se afastava  
Dando palavra de honra  
Que ao poder não voltava.

E as oito e trinta e cinco  
De hoje não se esperava  
Nosso valoroso chefe  
No leito se ultimava  
Um tiro no coração  
A sua vida tirava.<sup>105</sup>

Nas estrofes listadas abaixo, o poeta afirma lamentar muito a morte de Vargas e que ele não deveria morrer de uma forma tão cruel. Também expressa certo medo pelo futuro, quando diz que “prevê um certo desconforto”, pois morreu o presidente que olhava para o povo. Interessante observar, no final do folheto, que mesmo diante do suicídio, Vargas recebeu o perdão de Deus por ter defendido ideais. Este fato nos chama atenção porque em se tratando de uma sociedade pautada na ética cristã apostólica romana, o suicídio era visto como pecado mortal. Mas em se tratando de Vargas, este recebera o perdão tanto da sociedade como de Deus. Vejamos:

Eu mesmo lamento a morte  
Desse grande presidente  
Pois ele não merecia  
Morrer assim cruelmente  
Já houve homens piores  
E morreram calmamente.

A minha humilde homenagem  
Eu rendo ao ilustre morto  
Pois como pobre operário  
Já prevejo o desconforto  
A que fica o povo pobre  
Que nele via conforto.  
[...]

Deixou nosso presidente  
Eterna recordação  
Lutou por suas idéias  
Alcançou seu galardão  
Retirou-se sem desonra  
Morreu mas morreu com honra  
E de Deus teve o perdão.<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> Idem, p. 7, estrofes 1, 2.

<sup>106</sup> Idem, p. 8, estrofes 1, 2 e 4.

Rodolfo Coelho Cavalcante<sup>107</sup>, em seu folheto “A morte do Grande Presidente Getúlio Vargas”, na sua primeira estrofe, traz uma reflexão sobre a morte, para depois dizer, em um tom bastante acusatório, que os traidores foram os verdadeiros culpados pela morte do presidente. Ao analisar este folheto, percebemos que Getúlio morreu como vítima da ação dos traidores, essa foi uma das saídas encontradas por alguns cordelistas para lidar com o suicídio. Vejamos:

A morte é como um punhal  
 Que fere nosso sentido  
 É o descanso da alma  
 Quando tem muito sofrido  
 O labirinto da sorte  
 Para o desconhecido.

Em 24 de agosto  
 Oito e meia da manhã  
 GETULIO DORNELLES VARGAS  
 Essa nossa alma irmã  
 Morreu pela sua Pátria  
 Que era sua ardente fã.

Suicidou-se Getúlio?  
 Não leitores, isto não!  
 Mataram Dr. GETÚLIO  
 Com a arma da traição  
 Venderam-lhe e ameaçaram-lhe  
 Ferindo seu coração.  
 [...]

Como Cristo foi Getúlio  
 Maltratado e oprimido  
 Por Gregório traídoado  
 Por Climério atingido  
 Por amigos desprezado  
 Por parentes sucumbido.<sup>108</sup>

Quem matou Getúlio Vargas  
 Não foram os trabalhadores  
 Não foram os pequeninos  
 Foram eles: os Doutores  
 Foi a Política malsã  
 Dos políticos traiçoeiros!

Quem matou Getúlio Vargas  
 Foram eles os medalhões  
 Aqueles que a ele  
 Lhes pedia proteções

<sup>107</sup> CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A morte do grande presidente Getúlio Vargas*. Salvador, 1954.

<sup>108</sup> Idem, p. 01, estrofes 1, 2, 3 e 4.

Se dizendo serem amigos  
Com o seus falsos corações.<sup>109</sup>

Mas o que chama atenção neste folheto é a comparação que Rodolfo Cavalcante faz de Getúlio em relação a Cristo, no tocante a seu sofrimento e martírio. Na esteira do que analisa Alcir Lenharo<sup>110</sup>, esta imagem descrita por Rodolfo Cavalcante aparece de forma selecionada e articulada em meio a toda uma propaganda imagética que o Estado fez de Getúlio. Quando o poeta passa a representar Getúlio, ele já tem na mente todo um referencial que está associado à memória popular. Contudo, afirma ainda o autor, que nesta “memória” “articula de modo especial, o culto do amor, à pátria, a fé na prática e no futuro, o apostolado para a pátria, a predestinação do líder, o fim dos antigos intermediários entre o poder e o povo e a nova relação – de comunhão – entre Getúlio e as massas, as novas leis, atos e atitudes aprovados por todos, concretização da universalidade eclesial (Pai, que todos sejam um). O discurso do poder penetra e caminha por dentro do conjunto de símbolos, imagens e personagens familiares ao imaginário cristão.”<sup>111</sup>

Portanto, percebemos que há uma projeção da imagem de Getúlio a um plano divino. Rodolfo Cavalcante deixa bastante claras tais representações quando diz que “Getúlio é o símbolo da Redenção”, o “Salvador da nação”. Para Alcir Lenharo, essa relação Getúlio-massa está fundamentada em três arquétipos: o Getúlio como imagem do Pai, que protege e ampara seus filhos, ora identifica-se com a imagem de um Filho ligado à idéia do Messias que veio para poder salvar e mudar a Nação e a imagem do Espírito Santo, aquele que ilumina o seu povo, que veio para trazer a luz.<sup>112</sup>

E nesta comparação, chega a mencionar o fato de Getúlio ter morrido pela nação, oferecendo seu “corpo” como holocausto e derramado seu sangue. Tal discurso está presente no imaginário religioso social; cabendo lembrar que a religião católica se fazia presente, com suas normas e éticas junto ao social, como é possível observar nos versos:

Como Cristo ofereceu  
O seu corpo à nação  
Derramou seu próprio sangue  
Ferindo seu coração  
Todo povo brasileiro  
Tem-lhe toda gratidão.

<sup>109</sup> Idem, p.8, estrofes 1 e 2.

<sup>110</sup> LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Op. Cit. p. 194.

<sup>111</sup> Idem, p. 194.

<sup>112</sup> Idem, p. 194.

Nunca na História do Brasil  
 Registrou um fato igual  
 No mundo somente Nero  
 Teve um epílogo fatal  
 Mas Getúlio se imolou  
 Como Cristo tal e qual.<sup>113</sup>  
 [...]

Getúlio teu nome é  
 Um símbolo de Redenção  
 Uma Bússola do teu Povo  
 O Salvador da Nação  
 Paladino da Verdade  
 És o nosso Pavilhão.<sup>114</sup>

Analisando, ainda, esta conotação religiosa delegada a Vargas pelos poetas, Marinalva Vilar de Lima afirma que:

Os poetas vão atribuir a Getúlio uma relação de grande proximidade com Jesus. No entanto, esta distinção não tem uma conotação deificadora, conforme ocorre nas narrativas sobre as mortes dos homens religiosos. O espaço celestial, subsidiário aos políticos, que sobressai dos folhetos, por um lado, copia as tramas terrenas e, por outro, é representado a partir das idéias de além que se ligam à tradição cristã.<sup>115</sup>

No folheto de Sebastião José do Nascimento<sup>116</sup>, o poeta procura compor seus versos voltando seus pedidos para Deus, a fim de que este interceda por Getúlio e tenha compaixão de sua alma. Segue aqui uma outra maneira que o poeta encontrou para lidar com a morte. Diferente de Rodolfo Cavalcante, ele apresenta a visão de que Vargas morreu para defender seu povo. Para isto, passou a enumerar o que as ações getulistas representaram em termos de mudanças à classe operária. Vejamos o que ele escreveu:

Ó Deus protetor dos pobres  
 Em todas horas amargas  
 Neste momento de dramático  
 E de angústias tão largas  
 Tendes compaixão da alma  
 Do Dr. Getúlio Vargas.

Fazei com que ela agora  
 Envoltas em santo troféu  
 Lá no tribunal divino

<sup>113</sup> Idem, p. 2, estrofes 1 e 2.

<sup>114</sup> Idem, p. 6, estrofe 4.

<sup>115</sup> LIMA, Marinalva Vilar de. *Loas que carpem: a morte na literatura de cordel*. Op. Cit., p. 132-133.

<sup>116</sup> NASCIMENTO, Sebastião José. *A morte do Dr. Getúlio Vargas*. [s/l, s/n], 1954.

Não vá a banco de réu  
E o que perdeu na terra lhe seja dado no céu.  
[...]

Porque foi Getúlio Vargas  
O primeiro presidente  
Desta terra brasileira  
Que lutou heroicamente  
Pra defender os direitos  
Da pobreza geralmente.<sup>117</sup>

Pois criou os sindicatos  
Que defendem os operários  
Criou as leis trabalhistas  
E deu aumentos de salários  
Pois foi combatido  
Pelos reacionários.<sup>118</sup>  
[...]

Porque o seu pensamento  
Era defender o pobre  
Embora que nesse meio  
Também entrasse algum nobre  
Pois em nome da pobreza  
Muita gente sobe.<sup>119</sup>  
[...]

No Recife os sindicatos  
Estão todos reunidos  
Prestando a última homenagem  
Ao pai dos desvalidos  
Que até seus últimos instantes  
Lembrou-se dos oprimidos.<sup>120</sup>

O folheto de Manoel D’Almeida Filho<sup>121</sup> é outro exemplo, dentre os demais, de um poeta que não conteve as lágrimas ao escrever sobre Getúlio. Nos seus versos, procurou relacionar a imagem de Getúlio aos pobres, destacando de que forma este presidente foi o maior. Constatemos:

Com os olhos rasos d’água  
E o coração entre dores  
Pego a minha rude pena  
Pra escrever os clamores  
Dos pobres e operários

<sup>117</sup> Idem, p. 1, estrofes 1, 2 e 4.

<sup>118</sup> Idem, p. 2, estrofe 1.

<sup>119</sup> Idem, p. 3, estrofe 3.

<sup>120</sup> Idem, p. 4, estrofes, 2 e 3.

<sup>121</sup> D’ALMEIDA FILHO, Manoel. *A morte do maior presidente do Brasil Dr. Getúlio Dornelles Vargas*. [s/l, s/n, s/d].

Humildes trabalhadores.

Choram os pobres humildes  
Nestas horas tão amargas  
Quando viam no Brasil  
Abrirem-se estradas largas  
Na gloriosa gestão  
Do Dr. Getúlio Vargas.

Que vendo os trabalhadores  
Nos estados mais precários  
Passando fome e nudez  
Achou que os operários  
Precisavam com urgência  
Melhoria de salários.<sup>122</sup>

Mais uma vez, encontramos na poética de Manoel Filho a representação da idéia de que Getúlio foi o Salvador da Nação. O poeta o elege como herói, comparando este a Tiradentes, que também morreu em prol da liberdade do Brasil. Essa idéia de liberdade também associa-se à representação religiosa, na medida em que Cristo veio para libertar seu povo. Vejamos como o poeta apresentou tais idéias:

Já pronto para morrer  
Depois de ter satisfeito  
Os seus últimos ideais  
Atirou no próprio peito  
O corpo do grande herói  
Tombou morto no seu leito.

Assim foi como morreu  
O maior dos democratas  
Que defendeu o Brasil  
Com ideais autocratas  
Salvando os trabalhadores  
Dos lobos escravocratas

Tiradentes foi um mártir  
No Brasil foi o primeiro  
Morreu pela liberdade  
Do seu solo brasileiro  
Depois o nosso Brasil  
Foi salvo do cativo.

Getúlio foi o segundo  
A passar as mesmas dores  
Pra salvar os operários  
Dos seus escravizadores  
Porém já deixou libertos

---

<sup>122</sup> Idem, p. 01, estrofes 1, 2, 3.

Os homens trabalhadores.<sup>123</sup>

Podemos encontrar, nas estrofes deste folheto, o legado que Getúlio teria deixado para os seus seguidores. O poeta destaca o Partido Trabalhista, que na sua visão é o meio através do qual os trabalhadores vencem os capitalistas. Vejamos:

O grande Getúlio Vargas  
Deixou para os getulistas  
A gloriosa legenda  
PARTIDO dos TRABALHISTAS  
Por onde os trabalhadores  
Arrasam os capitalistas

Vamos votar no PARTIDO  
TRABALHISTA BRASILEIRO  
Porque os seus candidatos  
Não se vendem por dinheiro  
Nos defendem para que  
Jamais volte o cativoiro.<sup>124</sup>

Com o título “A pranteada morte do Presidente Getúlio Vargas”, Amaro Quaresma dos Santos<sup>125</sup> traz aos seus leitores um folheto com um tom mais poético. Não que os demais não tivessem este viés, é que Amaro Santos, diferente de outros, não se prendeu aos detalhes que levaram à morte do presidente; as calúnias publicadas nos jornais, o atentado na rua Tonelero, etc. Ele faz questão de enfatizar que sua morte ficaria na memória popular, junto com sua política, e ninguém nunca a esqueceria. Vejamos como versegou suas idéias:

Peço a todos meus amigos  
Licença primeiramente  
Para fazer um folheto  
Sentindo profundamente  
Com meu repertório farto  
Vou versar agora a morte  
Do nosso ex-presidente

A 24 de agosto  
Tornou-se o mundo sutil  
Quando às 8 e 35  
Debaixo de um céu de anil  
Reinou a maior tristeza  
Porque morreu de surpresa  
Quem governava o Brasil<sup>126</sup>

<sup>123</sup> Idem, p. 5, estrofes 1, 2, 3 e 4.

<sup>124</sup> Idem, p. 6, estrofes 4 e 5.

<sup>125</sup> SANTOS, Amaro Quaresma dos. *A pranteada morte do presidente Getúlio Vargas*. [s/l., s/n, s/d.]

<sup>126</sup> Idem, p. 01, estrofes 1 e 2.

[...]

Porém nesta terça-feira  
Quando a aurora surgia  
O sol com seus raios de ouro  
Denunciou que havia  
Entre toda natureza  
De aparecer com certeza  
Tristeza naquele dia

Quando às 8 e 35  
A esposa do presidente  
Se descuidou um pouquinho  
Ocupada certamente  
Ele para o quarto entrou  
Um revólver disparou  
Morreu instantaneamente<sup>127</sup>

Naquele triste momento  
Logo o palácio se encheu  
Todo comércio fechou  
Todo mundo entristeceu  
Sentiu até a policia  
Quando vagou a notícia  
Getúlio Vargas morreu.<sup>128</sup>

Ainda no mesmo folheto, Amaro Quaresma dos Santos, entre lamentos sobre a morte de Vargas, procurou descrever o seu desejo de vê-lo em um bom lugar, chegando a dizer que sua alma estaria junto aos pés de Deus Poderoso. As pessoas passaram a ver a morte de Vargas como sendo um verdadeiro sacrifício, um último ato de doação, em que o pai deixava para seu filho a lembrança de um grande herói que morreu em prol da nação:

O Dr. Getúlio Vargas  
Como homem ele nasceu  
Como homem ele estudou  
Como homem ele viveu  
Como homem governou  
Como homem a pátria amou  
Como homem ele morreu.  
[...]

Deixou saudade e lembrança  
Do seu lar tão amoroso  
Jesus bota a sua alma  
Num lugar bem luminoso  
Morreu foi para o Além  
Sua alma vive bem

<sup>127</sup> Idem, p. 2, estrofes 3 e 4.

<sup>128</sup> Idem, p.3, estrofe 1.

Nos pés de Deus Poderoso.<sup>129</sup>

[...]

A morte do presidente  
Ficará como memória  
Porque na sua política  
Sempre alcançava vitória  
Aquela justa excelência  
Por não ter mais paciência  
Morreu ficou na história.<sup>130</sup>

A cada folheto que analisamos, vamos percebendo como a imagem de Getúlio pós-morte que ficou na mente dos poetas e que estes veicularam nas feiras, ruas e praças, chegando aos leitores de norte a sul do país, é de um Getúlio trabalhador, revolucionário, defensor e, acima de tudo, “salvador”. Vimos que, quando o poeta alude às obras realizadas por Getúlio em seu período de governo, ele as cita não como forma de saudosismo, apenas por rememorar, mas porque seu passado representou conquistas para o trabalhador.

Fundamentando tal argumentação, Antônio Montenegro relata que a imagem de Vargas estava direcionada às ações do Estado e da sua personalidade, materializada na memória popular com a idéia paternalista.<sup>131</sup>

José Luiz Júnior<sup>132</sup> versou sobre a morte de Vargas em profunda comoção, mostrando suas ações, mas pedindo para que os trabalhadores guardassem na memória a lembrança do único presidente que fez pela pobreza. Acompanhem o desenrolar dos versos:

Brasil! Querido Brasil!!!  
Eu sinto de coração  
Não possuir nesta hora  
Profunda elucidação  
Pra compor em versos, a morte  
Do Governo da nação.

Getúlio Dornelles Vargas  
A quem estou me referindo:  
O ex-chefe da nação.  
Homem de prestígio infindo,  
Por quem a Pátria está  
A sua perda sentido.

Foi inesperadamente  
A morte do grande vulto

<sup>129</sup> Idem, p.7 estrofes 1, 2 e 3

<sup>130</sup> Idem, p.8 estrofe 2.

<sup>131</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 98-111.

<sup>132</sup> JÚNIOR, José Luiz. *A lamentável Morte do Presidente Getúlio Vargas*. Natal, [ s/n, s/d.]

A única que encheu o mundo  
De acerbante tumulto  
E por quem a Pátria chora  
Rendendo: tristonho culto.

Vinte quatro de Agosto  
Dia de Bartolomeu  
Dia trágico, que a morte  
Baixou o decreto seu:  
Exterminando o maior  
Filho que o Brasil deu.<sup>133</sup>

O poeta passa agora a dar seu testemunho sobre quem ele considera o “maior do Brasil”, destacando o que o país alcançou com Getúlio no poder:

Vinte quatro anos completos  
Podemos dizer assim,  
Dirigiu o seu país  
Com uma estética sem fim  
Trabalhando a bem do pobre  
Pois ninguém reprova a mim.

Neste referido tempo  
O Brasil pode gozar  
Uma orla progressista  
Que fez até abismar  
E cujos feitos, aqui  
Posso bem testemunhar.<sup>134</sup>  
[...]

Em benefício ao povo  
Fez com toda exatidão  
Amparo ao trabalhador  
Acolhendo a emigração  
Desenvolvendo as indústrias  
Melhorando a nação<sup>135</sup>  
[...]

Portanto toda nação  
Deve prestar claramente  
Patriotas homenagens  
Ao seu ex-presidente  
O homem que muito fez  
Por si, e por sua gente,

Assumi o compromisso  
Condolente com certeza  
Empenhou o seu critério  
Que ficaria em defesa

<sup>133</sup> Idem, p.01, estrofes 1, 2 3 e 4.

<sup>134</sup> Idem, p.2 estrofes 1 e 5.

<sup>135</sup> Idem, p.3 estrofe 1.

Lutando arduamente  
Pra defender a pobreza.<sup>136</sup>

Assim foram suas últimas estrofes, dizendo que todas as classes devem guardar a memória do presidente e rogando a Deus para que Este coloque Getúlio em um bom lugar. É interessante que os folhetos, ao chegarem ao final de sua história, têm sempre um pedido deste tipo, que soa como uma espécie de reconhecimento por parte do poeta às ações de Getúlio. Podemos ainda perceber que José Junior representa Getúlio como uma espécie de intermediário junto a Deus, podendo rogar-lhe pela nação:

Getúlio como político  
Soube bem se estender  
Foi revolucionário  
Lutou e soube vencer  
Tanto que outro Getúlio  
É difícil de se ter.

Todas as classes trabalhistas  
Deve guardar em memória  
Foi o único Presidente  
Dos quinze anos da nossa História  
Que mais fez pela pobreza  
Alguma ação meritória.

Getúlio deixou no mundo  
A mais profunda saudade  
Deus o bote em um dos cantos  
Melhores da eternidade  
Rogando a Deus pela paz  
Da nacionalidade.

Leitores apenas fiz  
Este pequeno apanhado  
Da morte do Presidente,  
E contei algum passado  
Dos seus feitos, é porque tenho  
Convicção do tratado.<sup>137</sup>

Nesta última estrofe, o poeta faz algo bastante interessante, não visto em outros folhetos, que é falar para o leitor que o lamento aqui exposto sobre Getúlio Vargas é fruto da sua convicção, da sua memória. Ele se coloca no lugar de testemunhado que Vargas fez para o povo desta nação.

---

<sup>136</sup> Idem, p. 7 estrofes 2 e 3.

<sup>137</sup> Idem, p.8, estrofes 2, 3, 4 e 5.

### 3.4 Getúlio Vargas: da carta-testamento para o corpus de folhetos

De todas as notícias que pairavam em torno da morte de Getúlio, de seu enaltecimento pelos poetas populares, nada ficou tão marcado quanto a leitura e divulgação da carta-testamento. Ela teve uma contribuição ímpar na construção do mito Vargas. Divulgada pela Rádio Nacional, diretamente do Palácio do Catete, por Oswaldo Aranha, sua mensagem chegava aos ouvidos de um público que se via ainda atônito com a notícia da morte.<sup>138</sup> Daí em diante, essa carta foi sendo “apropriada” por um povo ávido por justiça. Seu conteúdo, que até então era de cunho privado, atinge agora a massa, possibilitando uma guinada nos rumos políticos do país. Aqueles que acusavam e caluniavam Getúlio enfrentam o revés da população. Distribuída nas ruas, lida de dez em dez minutos nas estações do rádio, rimada nos folhetos, a carta tomava sua própria dimensão.

À medida que esta carta-testamento era recebida pela população, surgiram dúvidas quanto à sua autenticidade, que, aliás, até hoje repercutem nos meios acadêmicos ou entre os getulistas e anti-getulistas. Tais repercussões se deram devido à existência de duas cartas. Uma escrita e datilografada por José Soares Maciel Filho, amigo íntimo de Vargas, bem antes do suicídio, e outra manuscrita por Vargas, encontrada por sua filha Alzira Vargas, no cofre pessoal de Getúlio. O certo é que ambas têm a assinatura do presidente.

Comentando este fato, Boris Fausto<sup>139</sup> destaca que a carta que chegou primeiramente a ser divulgada para a sociedade tinha uma conotação heróica afirmativa de um discurso preparado para fins políticos. Já a segunda versão expressa o desalento de quem decidiu pôr fim à vida. Recentemente, Maria Celina de Araújo realizou um estudo sobre as várias cartas-testamento deixadas por Getúlio Vargas em seu diário; nelas, pôde constatar que essa idéia de praticar o suicídio, de sair da vida para história se fazia presente nos discursos de outras cartas. Portanto, era algo que rondava a vida do presidente. Para Maria Celina, *a morte presente nesses escritos, não era, para Getúlio, um recurso para lidar com dilemas existenciais de ordem pessoal ou íntima... mas seria o coroamento de um drama histórico do*

<sup>138</sup> BAUMWORCEL, Ana. 1954: um retrato do rádio na época de Vargas. In: *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*. Op. cit., p. 23

<sup>139</sup> FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. Op. cit., p. 194. Para uma abordagem mais precisa sobre esta carta ver ALMEIDA, Cícero Antônio F de. A carta de muitos autores. *Revista Nossa História*. Ano 1, nº 10, agosto 2004, p. 22-25. Ver também CARVALHO, Jose Murilo de. As duas mortes de Getúlio Vargas. In: *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 409. Sobre as duas versões ver SILVA, Hélio. *Vargas: uma biografia política*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

*qual sairia como herói.*<sup>140</sup> Não pretendemos, com isso, afirmar as circunstâncias de sua morte nem tampouco esgotar tais problemáticas, mas deixar claro que as circunstâncias que envolvem a morte de Getúlio Vargas devem ser analisadas não exclusivamente naquilo que se refere aos momentos críticos de agosto de 1954, mas averiguado sob uma ótica que perpassa todo seu governo. 1954 é apenas o ápice de uma tragédia final.

Contudo, sabemos que Getúlio foi um político que teve sua imagem mítica construída pela morte e consolidada pela carta-testamento. É este discurso que se propala nos versos dos folhetos. Segundo afirma Maria Celina de Araújo, não é apenas uma carta, nem apenas um suicídio. A carta seria o símbolo da vida, de sua dedicação ao Brasil; o suicídio, a resposta à incompreensão dos poderosos.<sup>141</sup>

Segundo Francisco Sales<sup>142</sup>, a carta-testamento representa um Getúlio preocupado em deixar seu “povo humilde”, mas que era chegado o dia da partida. Tais palavras refletem o conteúdo emocional que a carta possuía e fora divulgado. Vejamos:

Inda deixou por memória  
Uma carta que dizia  
Brasileiros alertai-vos  
Que já é chegado o dia  
Irei partir de entre vós  
Pra outra supremacia

Só sinto meu povo humilde  
Que em mim teve confiança  
Não fazer mais do que fiz  
Por vossa perseverança  
Partirei deixando só  
Minha restrita lembrança.<sup>143</sup>

E o poeta, em tom dramático, segue descrevendo o folheto, até porque a própria carta transmite tal expressividade. Os versos são descritos em uma conotação fúnebre, levando os leitores a sentirem compaixão, principalmente quando cita que “cada pinga do sangue de Getúlio será uma Glória”. Outro detalhe é que a leitura da carta trouxe como discurso a idéia de um Getúlio intercessor nas questões divinas, afirmando que “quando ascendesse à eternidade olharia para a humanidade”. Constatemos, pois, tal situação:

<sup>140</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina. Getúlio Vargas, cartas-testamento como testemunho do poder. In: *Escrita de si, escrita da história* (Org.) Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004., p. 295.

<sup>141</sup> Idem, p. 304.

<sup>142</sup> SALES, Francisco. *A carta deixada pelo Presidente Getúlio Vargas*. [ s/l, s/n, s/d.]

<sup>143</sup> Idem, p. 5, estrofes 2 e 3.

E o meu sangue derramado  
 Ficará sobre a história  
 Como perfeita lembrança  
 Desta página transitória  
 Cada pingo de meu sangue  
 Será pra v s uma glória.

Meu espírito partir   
 Para sua eternidade  
 E de l  fará contacto  
 Com v s na humanidade  
 Pedindo para o Brasil  
 Saúde, paz, liberdade

Portanto já são chegadas  
 As minhas horas amargas  
 E provarei não temer  
 Da morte as cruentas chagas  
 Repousarei no além  
 Assina: Getúlio Vargas.<sup>144</sup>

No folheto de João Ferreira de Lima, este se refere à carta como sendo um “bilhete” e traz no conteúdo um desabafo alegando que “a Pátria amada era o berço da ingratidão” e recorre a Deus como testemunha e defensor. Mas que se sente angustiado por deixar os humildes ao Deus dará. Assim versejou:

Escreveu um bilhetinho  
 Nesta triste narração  
 Oh! Brasil pátria amada  
 Oh! Berço da ingratidão!  
 S  Deus é a testemunha  
 Da minha consumação.

Sinto deixar os humildes  
 No meio de tantos perigos  
 Uns chorando sem consolo  
 Entre pragas e castigos  
 A minha morte será  
 Prazer para os inimigos  
 [...]

Seja feita a vontade  
 Do nosso Deus Criador  
 A Deus meus crimes entrego  
 Como homem pecador  
 A morte é o meu descanso  
 Deus seja o meu defensor.

---

<sup>144</sup> Idem, p. 6, estrofes 1, 2, 3 e 4.

A carta-testamento em toda sua leitura trazia palavras fortes que envolviam todo uma representação construída durante vários anos de seu governo. A comparação com Cristo, quando ele oferece sua vida em holocausto e seu sangue, aludindo à idéia de salvação representada pelo poeta “nada mais vos posso dar a não ser o meu sangue; se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco.” Assim podemos observar:

Ofereço o meu sangue  
 Como seja um sacrifício  
 Para evitar a perda  
 Neste grande precipício  
 O meu desaparecimento  
 Serve de um benefício.<sup>145</sup>  
 [...]

Adeus pátria idolatrada  
 Terra Santa de Cabral  
 Adeus povo trabalhista;<sup>146</sup>

Entre os folhetos que retratam a carta-testamento, o de Expedito Sebastião Silva, “A Carta do Dr. Getúlio Vargas”,<sup>147</sup> mantém uma singularidade por expressar a carta em toda sua extensão. Os outros folhetos que consultamos procuravam ainda mostrar o jogo político que levou Vargas a cometer o suicídio para, só então, por volta da página dois ou três, passar a versejar sobre a carta. Neste, o poeta começa a registrar que, mesmo em lamentações, teve que escrever linhas amargas, confirmando o conteúdo dramático da carta:

Meu coração brasileiro  
 Triste em lamentações  
 Traçando linhas amargas  
 De acordo a minha tática  
 Mostrando a carta dramática  
 Do Dr. Getúlio Vargas.

O Dr. Getúlio Vargas  
 Antes de se liquidar  
 Fez uma carta dramática  
 Para no Brasil deixar  
 A qual ficará na História

---

<sup>145</sup> Idem, p.5, estrofe 2.

<sup>146</sup> Idem, p.6, estrofe 2.

<sup>147</sup> SILVA, Expedito Sebastião da. *A carta do Dr. Getúlio Vargas*. Tipografia São Francisco. 24 de agosto 1954. Este folheto aparece na capa como sendo de José Bernardo, mas este é apenas o dono da tipografia assumindo os direitos do autor.

E o povo na memória  
Triste há de a guardar.<sup>148</sup>

Vejamos algumas estrofes desta percepção poética:

Eu fui escravo do povo  
Protegi e fiz o bem  
Também jamais este povo  
Será escravo de alguém  
Fiz tudo só não fiz guerra  
Pra não deixar minha terra  
Ser escrava de ninguém  
[...]

Eu vos dei a minha vida  
Meu sangue vos ofereço  
Esta sentença terrível  
Com grande mágoa obedeço  
Vou andar noutro roteiro  
Mas do povo brasileiro  
Eu morto não me esqueço.<sup>149</sup>

O poeta procurou não esquecer detalhes importantes da carta quando afirma que Getúlio criou tudo para a Nação, dizendo que amava muito o brasileiro e que, no momento, só teria seu sangue para ofertar:

Quis criar tudo de bem  
Em prol de nossa nação  
Vendo a nossa economia  
Com desvalorização  
Porém o que acontece  
É que de súbito aparece  
A maior agitação.<sup>150</sup>

Nos versos, vamos encontrar um Getúlio que se aproximou do seu povo, vendo de perto seu sofrimento e que vinha lutando de peito aberto com imenso sacrifício. E termina legando sua vida, dizendo que tomou outro destino e que partia desta vida para entrar na história. Assim atestam os versos abaixo:

Observei dos humildes  
Seu sofrimento de perto

---

<sup>148</sup> Idem, p. 1, estrofes 1 e 2.

<sup>149</sup> Idem, p. 2, estrofes 1 e 3.

<sup>150</sup> Idem, p. 4, estrofe 1.

Condoí-me dos que tinham  
 Um destino mau incerto  
 A favor fiz todo empenho  
 E com sacrifício tenho  
 Lutado de peito aberto.<sup>151</sup>  
 [...]

Vos dei a minha vida  
 Honrada, sincera e forte  
 Procurando outro caminho  
 Outro destino, outro norte  
 Levando da glória a palma  
 Então com pureza d'alma  
 Ofereço a minha morte

Nada receio em seguir  
 Pelo caminho da glória  
 Darei este eterno passo  
 Orvalhado de vitória  
 Faço a carta concluída  
 Me retiro desta vida  
 Para entrar na história.<sup>152</sup>

Em meio aos folhetos pesquisados, encontramos um que retrata a carta-testamento de forma diferente entre os demais por sua criatividade e resolução dos fatos. Trata-se do folheto de Cuíca de Santo Amaro,<sup>153</sup> “O Testamento de Getúlio”. Começa logo o folheto explicando que Getúlio cumpriu seu juramento, deixando um riquíssimo testamento, que saiu deste planeta deixando para muita gente o seu legado, vejamos a maneira como ele escreveu:

O Grande Getúlio Vargas  
 Brasileiro cem por cento  
 Antes de morrer  
 Cumpriu o seu juramento  
 Deixando pros seus herdeiros  
 Um riquíssimo testamento.  
 [...]

Ele que tinha antes  
 Um espírito muito forte  
 Saiu deste hemisfério  
 Para melhorar de sorte  
 Deixando pra muita gente  
 O legado de sua morte.<sup>154</sup>

<sup>151</sup> Idem, p. 7, estrofe 3.

<sup>152</sup> Idem, p.8 estrofe 2 e 3.

<sup>153</sup> AMARO, Cuíca de Santo. *O testamento de Getúlio*. [s/l, s/n, s/d.]

<sup>154</sup> Idem, p. 01, estrofes, 1 e 3.

O poeta era muito ligado à política e deixava transparecer seu carinho por Getúlio. Neste folheto, percebemos que tratou o momento histórico de forma satírica; aliás, era uma peculiaridade nos seu folhetos. Cuíca de Santo Amaro buscou criar justiça para aquelas pessoas que contribuíram de uma forma ou de outra para o suicídio de Getúlio. Vejamos a trama que ele criou:

Ao Gregório por exemplo  
A quem ele deu proteção  
Para o mesmo pagar  
O preço de sua traição  
Deixou-lhe o Getúlio Vargas  
As grades do Galeão.

Deixou também aberta  
A porta do cemitério  
Para um certo indivíduo  
Que jamais teve critério  
Se não estou enganado  
Tem o nome de Climério.

Deixou a maldição  
Para um sujeito cretino  
Criado na malandragem  
Desde menino  
Se não estou enganado  
Tem o nome de Alcino.

Para o Carlos Lacerda  
Incluir no seu caderno  
Deixou-lhe o Getúlio Vargas  
Por ordem do Pai Eterno  
Para este jornalista  
As caldeiras do Inferno.<sup>155</sup>

Já para o povo brasileiro, Cuíca de Santo Amaro não teve dúvidas quanto a sua parte no testamento, não poderia ser algo mais determinante. O poeta foi categórico ao dizer que Getúlio deixou para as pessoas que ele tinha amizade as Leis Trabalhistas, e que por meio delas o povo teria liberdade. E para os donos do poder que não seguissem as normas, deixou o Ministério do Trabalho. Vejamos sua atuação:

Deixo ao povo Brasileiro  
Os quais me tinham amizade  
Elas!...as Leis Trabalhistas

---

<sup>155</sup> Idem, p. 2, estrofes 1, 2, 3 e 4.

Para a sua liberdade  
Deixo ela para o povo  
Antes de ir para eternidade

Deixo a todo trabalhador  
Igualdade de condições  
Isto é... o direito  
Que também tem os patrões  
E o Ministério do Trabalho  
Pra castigar os Tubarões.

Com as análises do corpus de folhetos referentes a Getúlio Vargas, podemos verificar que a poesia foi um dos caminhos que veicularam a representação de um político de grande notoriedade no país. Desde a sua chegada ao poder até sua morte Getúlio foi perpetuado por uma classe social que se viu assistida por benefícios que interferiram diretamente em seu cotidiano: as leis trabalhistas. Cabe ressaltar que o poeta não representava a voz da consciência de uma classe; ele, ao escrever, se via associado a um contexto social que o permitia versejar sobre Getúlio Vargas. Claro que em seus versos podemos encontrar essas representações trabalhistas, mas isso não foi uma constante para todos os trabalhadores; basta lembrar que os benefícios atingiram apenas uma parcela da sociedade. Se não conseguiu chegar a todos, pelos menos contribuiu para acelerar mudanças no cenário político social brasileiro. Seu registro nas poesias ecoa como um pássaro em liberdade cuja imagem, seu perfil, sua vida se faz presente a cada poeta, que ao versejar sobre sua vida, ganhava páginas na história. Getúlio, por meio de sua morte-sacrifício ou sua morte-tragédia, cumpriu talvez seu objetivo: consolidou-se como um “mito”, um “herói” nacional. Nas suas palavras, serenamente deu o primeiro passo no caminho da eternidade e saiu da vida para entrar na história.

## Considerações finais

*Relembrar é mais do que se deslocar para o passado e deslocar para o presente tempos vividos.* (Lucena)

A literatura de folhetos que aqui trabalhamos nos fez mergulhar em um tipo de poesia popular que marcou o país na primeira metade do século XX. Suas histórias nos fazem relembrar fatos que foram muito significativos para a nossa sociedade. De norte a sul do país, poetas em determinados momentos passaram a registrar, documentar episódios que exprimiam seu cotidiano, seu modo de pensar, ser e agir em dado lugar por meio de poesias impressas.

Chegando aqui, trazida por colonizadores europeus, este tipo de poética popular aos poucos foi adquirindo suas próprias dimensões, passando a integrar “práticas de leituras” que se fizeram presentes entre a cidade e o campo. Em um país marcado por uma profunda oralidade, onde as notícias demoravam a chegar e associado a um baixo nível de letramento, essa literatura começou a seduzir cada vez mais pessoas em sua volta. Com sua linguagem poética, fácil de ler e entender, os folhetos circulavam, principalmente, nas feiras livres, locais preferidos pelos poetas por se tratar de um espaço de circulação de pessoas, possibilitando ao poeta colocar sua produção no mercado e aos transeuntes a aquisição dos folhetos.

Das feiras livres para a sala de jantar, para os encontros de amigos, na difusão da informação, esta literatura difundiu-se, ocupando espaços entre seus leitores/ouvintes. O poeta se via inserido em um contexto que o possibilitou versejar sobre diferentes temas, daí a riqueza e a grandeza deste tipo de poesia popular, que tratava de todos os assuntos e histórias, conquistando todos os gostos. Eram histórias que representavam desde um universo mitológico até as situações políticas pelas quais passava o país. Atônitos perante um arco tão abrangente de interesses, não foram poucos os estudiosos que procuraram sistematizar, ordenar este tipo de literatura de acordo com sua temática, na tentativa de encontrar, entre esses folhetos, uma classificação plausível. Mas, a todo o momento, novas histórias eram acrescentadas e o trabalho de catalogação perdia seu sentido. Com isso, verificamos a impossibilidade de uma classificação que atenda a todas as categorias. Definir este ou aquele folheto vai depender do olhar de quem está fazendo suas devidas “leituras”.

Em versos de Marcelo Soares<sup>1</sup>, podemos entender essa relação entre o poeta, seus leitores e ouvintes. Neste folheto, o autor verseja sobre a importância deste tipo de literatura como meio de informação, fazendo com que as pessoas fossem a feira para adquirir essas poesias. Depois ele apresenta uma outra função assumida pelos folhetos de serem lidos entre a família ou grupo de amigos. E é justamente neste ambiente que muitas pessoas analfabetas passaram a ler apenas pelo fato de ouvir essas palavras rimadas. Dependendo das histórias, elas ficavam registradas na memória popular e sempre que possível eram lembradas. Vejamos como o poeta representou tais situações:

Antigamente o nortista  
Ia a feira no sentido  
De comprar um Folheto  
E saber do ocorrido  
Pois ficava a par de todo  
E qualquer acontecido

Daí levava o folheto  
Pra toda família ver  
E analfabeto pedia  
Para quem soubesse ler  
Que lesse alto para ele  
Das novidades saber

Desse modo o sertanejo  
Que lá do Nordeste é nato  
Lia muitos esses folhetos  
Pois entendia de fato  
A linguagem do Poeta  
Popular e Literato

Comprar um Romance e ler  
Era a maior diversão  
Exemplos do Padre Cícero  
E façanhas de Lampião  
São tão bons que os nortistas  
Os guardam no coração

Os versos acima nos fazem perceber o quanto os folhetos representaram personagens que marcaram o cenário da História nacional. Sendo assim, escolhemos trabalhar com os folhetos políticos de Getúlio Vargas, devido ao seu potencial de nos abrir uma janela que permite visualizar os traços mais marcantes que vieram a moldar sua figura perante amplos setores da população. O significativo consumo popular desses folhetos talvez possa ser tomado como indicativo de uma certa “exaltação” popular, construída em torno da figura

---

<sup>1</sup> SOARES, Marcelo. Literatura de cordel O prenúncio do fim? In: MAXADO, Franklin. *O Cordel Televisivo: futuro, presente e passado da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Codecri, 1984, p.10-11.

de Getúlio. Os folhetos de cordel parecem oferecer boas pistas de como as histórias veiculadas por esses podem vir a representar conceitos e práticas sociais. Quando nos referimos a essas práticas, nos reportamos ao que propôs Roger Chartier, na medida em que as relações culturais se estabelecem por “apropriações”, por práticas e trocas culturais, levando, desta forma, o indivíduo a representar o seu cotidiano, ou seja, o mundo que o cerca.

Partindo desta premissa, trabalhamos com as “representações” advindas das leituras dos folhetos que retratavam Getúlio Vargas e suas ações no campo da política nacional. A pesquisa concentrou-se em dois momentos delineadores deste dirigente, um consistindo na sua deposição e outro na sua morte. Este último momento foi marcado por uma grande produção, chegando os folhetos produzidos a alcançarem grandes tiragens, uma vez que todos queriam saber como foi a morte do presidente e acompanhar os últimos detalhes.

Procuramos, pois, por meio dos folhetos, realizar “leituras” sobre este período, aclarando momentos que permearam as representações sociais, foco do presente estudo. Marcelo Soares caracteriza muito bem o quanto as histórias sobre Getúlio percorreram o Brasil. Vejamos o que afirma o poeta sobre os folhetos de Getúlio:

Só sobre Getúlio Vargas  
Foram vendidos milhões  
Falando da sua morte  
Em centenas de edições  
Percorriam as Capitais  
E as cidades dos sertões.<sup>2</sup>

São essas histórias que nos permitem repensar a memória popular sobre uma dada realidade. Estudar os folhetos políticos de Getúlio possibilitou adentrarmos neste campo temático da poética popular, percebendo que o folheto não é a “voz” do povo e nem muito menos a opinião total do poeta sobre determinados assuntos. Tanto ele poderia fazer versos puramente para o mercado consumidor de folhetos, como também por querer elogiar determinado personagem ou ainda representando cenários de sua vida cotidiana.

Foi por meio do Estado nacionalista, de uma efetiva política social, que Vargas foi aos poucos conquistando seus admiradores. Tudo isso permeado por um intenso investimento em festas, propagandas e comemorações e, em conformidade com as quais, a produção desses cordéis não deixou de se alinhar. Não é de se estranhar, pois, que a grande produção de folhetos sobre Getúlio tenha servido para consolidar sua política no campo social em estabelecer os direitos dos trabalhadores. Assim sendo, Getúlio tornou-se, entre poetas,

---

<sup>2</sup> Idem, p. 57

músicos, militares e povo em geral uma figura de destaque, ora amado, ora odiado. Mas aceito ou não, seu nome estava sempre presente na memória popular como “Salvador da pátria”, “O Maior dos brasileiros”, “Grande Pai” e tantos outros epítetos, como percebemos diante das análises do *corpus*.

As leituras dos folhetos nos fizeram perceber que, entre os poetas que versejaram sobre Getúlio, existia certa homogeneização ao representá-lo. Suas análises contribuíram para reforçar o quanto o papel do Estado foi decisivo para deixar registradas na memória social as ações impetradas no seu governo. Vargas e sua equipe não descuidaram um só momento do fator ideológico que contornou toda a sua trajetória política. Assumiu uma identidade “paternalista” de governo e procurou transparecer que sua permanência no poder se fazia necessária para a construção nacional. Mesmo tendo seu lado negativo no tocante ao cerceamento das liberdades democráticas veiculadas por um Estado autoritário e uma política social que não atingiram a todos, principalmente os trabalhadores do campo, seu nome estava presente e registrado nos folhetos de cordel.

Para tanto, constituiu-se prioridade fazer as “leituras dos folhetos”, entender em que campo simbólico foi construída a imagem de Getúlio. Por que esta imagem foi tão enaltecida pelos poetas? Qual o objetivo deste poeta em escrever sobre este dirigente? Com vistas a isso, a metodologia adotada foi justamente fazer um certo agrupamento destas fontes, como já foi mencionado, e procurar, por meio de suas representações, cruzar com os dados historiográficos para podermos perceber sua contextualização.

A pesquisa revelou que, independente do cenário, Natal, Recife, Paraíba ou Bahia, Getúlio Vargas era um político, ora exaltado, ora odiado por muitos; seu nome se estendia às várias esferas sociais, permitindo uma maior fluidez de suas ações. Mas também é possível esclarecer que os poetas, na medida em que enalteciam a figura de Vargas em seus versos, solicitavam dele providências para poder amenizar a situação das pessoas pobres. Os folhetos por eles produzidos mostravam um discurso poético permeado de significados os quais estavam associados às influências dos leitores, bem como às exigências do mercado consumidor. O poeta, antes de tudo, era também um ser político, um homem do seu tempo, que entendia o que se passava em seu cotidiano e buscava informações no rádio ou jornal para poder escrever.

Não se pode falar, neste campo discursivo, de poesia ingênua ou de que o poeta representa a “voz do povo”; ao lidarmos com este tipo de documentação, ele nos permitem fazer leituras que conduzem para um outro caminho. Mostrando que os poetas, ao versejar suas histórias partilham naquele momento de práticas culturais por eles vivenciadas, de

interesses próprios que podem também estar ligados a desejos sociais. O folheto e suas representações nos revelam possibilidades de leituras muitas vezes não apresentadas pela historiografia oficial por ser tratar de uma produção veiculada a uma cultura popular, e que muitas vezes não é aceita pelo universo acadêmico. Esta foi aos poucos se firmando enquanto fonte documental, consolidando sua importância dentro do campo investigativo da história cultural.

Todavia, a leitura deste “*corpus* de folhetos” não pretendeu encerrar um capítulo sobre as representações de poder de Vargas. Ela abre outras janelas, na medida em que novas perguntas forem direcionadas a essas fontes. O importante é sempre fazer emergir novos “olhares”, diversas possibilidades de “leituras”, no desejo de fazer da História não algo acabado, mas uma luta. Uma luta entre o lembrar (o que lembrar, dentro de que registro) e o esquecer.

## FONTES E REFERÊNCIAS

### BIBLIOTECAS CONSULTADAS:

Biblioteca Átila de Almeida- UEPB – Campina Grande

Biblioteca Blanche Knopf – Fundação Joaquim Nabuco

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Biblioteca Amadeu Amaro (Disponível em <http://www.cnfcp.gov.br>)

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil- FGV (Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br>)

Biblioteca do Centro de Educação - UFPE

Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas - UFPE

Biblioteca do Centro Cultural Benfica – UFPE

Biblioteca Central da UNICAP

Biblioteca da FAFIRE

### DOCUMENTO SONORO:

VIEIRA, Antonio. Poesia. Intérprete: Maria Bethânia In: BETHÂNIA., Maria. *Pirata*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, p2006, 1CD. Faixa 12.

### FOLHETOS ANALISADOS:

(AZULÃO) SANTOS, José João dos. *Vida, Obra e Morte de Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro, [s/n], 1954.

AREDA, Francisco Sales. *A carta deixada pelo presidente Getúlio Vargas*. [s/l, s/n, s/d.]

ASSIS, Manoel Tomás. *Perigo de Revolução*. [s/l, s/n, s/d.]

ATHAYDE, João Martins de. *A chegada do presidente Getúlio Vargas a Pernambuco. As Grandes homenagens do Leão do Norte ao seu Grande Chefe Nacional*. Recife, [s/n], 1943.

\_\_\_\_\_. *Homenagem da musa sertaneja ao Grande Chefe da Nação Dr. Getúlio Dornelles Vargas e ao digno Interventor de Pernambuco Doutor Agamenon Magalhães*. Recife, s/n], 1938.

BAPTISTA, Manoel. *Suicídio do Presidente Vargas e as Lágrimas de Calabar*. [s/l, s/n], 1954.

- CAMPOS, Abdias. *A História da literatura de cordel*. 5. ed. Folhetaria Campos de Versos. [s/d.]
- CANELINHA. *A alta dos impostos e o choro da humanidade*. [s/l], Distribuidor Ituiutuba, 1952.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *A Chegada de Getúlio Vargas no Céu e o seu Julgamento*. [s/l, s/n], 1954.
- \_\_\_\_\_. *A Morte de Getúlio Vargas*. Bahia, [s/l, s/n]., 1954.
- \_\_\_\_\_. *A Morte do Grande Presidente Getúlio Vargas..* Salvador, Juazeiro do Norte-CE, Tipografia São Francisco, 1954.
- \_\_\_\_\_. *A Vitória de Getúlio Vargas*. [s/l, s/n], 1950.
- \_\_\_\_\_. *Nós Queremos Getúlio*. Salvador, [s/d, s/n]
- \_\_\_\_\_. *O Presidente*. 2. ed. Salvador, out. 1945.
- \_\_\_\_\_. *Nascimento, vida, paixão e morte de Getúlio Vargas*. Salvador, 10/ set. de 1954.
- D'ALMEIDA FILHO, Manoel. *A Vitória Getulista nas Eleições de 1950*. Aracajú-SE, 1950.
- \_\_\_\_\_. *A morte do Maior presidente do Brasil Dr. Getúlio Dornelles Vargas*. [s/l, s/n, s/d.]
- \_\_\_\_\_. *O samba da vitória getulista*. [s/l, s/n, s/d.] (Corresponde a letra de uma música )
- DOIS AMIGOS. *O valor de Getúlio e Zé Américo*. [s/l, s/n, s/d.]
- JUNIOR, Jose Luiz. *A lamentável morte do presidente Getúlio Vargas*. Proprietário José Luiz Júnior, [s/l, s/n, s/d.]
- LIMA, João Ferreira de. *A morte do Dr. Getúlio Vargas*. Caruaru, Centro de Imprensa S/A Natal, 1954.
- LUMERQUE, Luis Gomes. *A vitória do presidente Getúlio Vargas*. [s/l, s/n, s/d.]
- MACEDO, Teo. *Cordel, a mais rica Literatura do mundo para o Prf. Raymond Cantel*. [s/l, s/n, s/d.]
- MACIEL, Laurindo Gomes. *As tradições e as glórias do Brasil*. [s/l, s/n,], 1943.
- \_\_\_\_\_. *Recordações e saudades do governo de Getúlio Vargas*. [s/l, s/n, s/d.]
- MEDEIROS, Antônio Américo de. *Os mestres da literatura de cordel*. Patos, Editora Coqueiro, 1999.
- MENDONÇA, José Aires de. *Homenagem Póstuma ao presidente Getúlio Vargas*. Pocinhos-PB, [s/d, s/n].
- NASCIMENTO, Sebastião José do. *A morte do Dr. Getúlio Vargas*. [s/l, s/e], 1954.
- NASCIMENTO, Raimundo Luiz. *Getúlio Vargas e o Estado Novo – Carta-Testamento*. [s/l, s/n, s/d].

- PAULA, Francisco Firmino. *O salário mínimo e a queda do operário*. [s/l, s/n, s/d.]
- SANTO AMARO, Cuíca de. *O Testamento de Getúlio*. [s/l, s/n], 1954.
- \_\_\_\_\_. *Getúlio volta ao Gramado*. [s/l, s/n, s/d].
- \_\_\_\_\_. *O Rompimento do PTB com a Coligação*. [s/l, s/n, s/d].
- \_\_\_\_\_. *Quem será o Presidente*. [s/l, s/n, s/d.]
- SANTOS, Manoel Camilo dos. *Conselhos aos brasileiros*. [s/l, s/n], 1948.
- SANTOS, Amaro Quaresma dos. *A Pranteada morte do Presidente Getúlio Vargas*. [s/l, s/n, s/d.]
- SANTOS, Antônio Teodoro dos. *Vida, tragédia e morte do presidente Getúlio Vargas*. São Paulo, Editora Luzeiro, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Vida e tragédia do presidente Getúlio Vargas*. São Paulo, [s/d, s/n].
- SANTOS, Apolônio Alves dos. *Os Últimos Dias de Getúlio Vargas*. Garabira, [s/n], 1954.
- SANTOS, José João dos. (Azulão) *Vida, obra e morte de Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro, Distribuidor A modinha popular, [s/d, s/n].
- SENA, João Antonio de. *O Brasil de luto com a morte do Dr. Getúlio Vargas*. [s/l, s/n], 1954.
- SILVA, Minelvino Francisco. *O Maior do Brasil*. Juazeiro-CE, Tipografia São Francisco, 1954.
- \_\_\_\_\_. *A falsidade de Gregório – O pistoleiro do Catete*. [s/l, s/n, s/d].
- SILVA, Manoel Monteiro da. *A morte do presidente Getúlio Vargas*. [s/l, s/n, s/d].
- SILVA, Antônio Eugênio da. *História completa do suicídio do nosso inesquecível presidente Getúlio Vargas*. Solânia- Paraíba, 1955.
- SILVA, José Bernardo da. *Os horrores do Nordeste*. Juazeiro, [s/n], 1942.
- SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Getúlio Vargas*. [s/l, s/n, s/d].
- SILVA, Expedito Sebastião. *A carta do Dr. Getúlio Vargas*. Juazeiro-CE, Tipografia São Francisco, 1954.
- \_\_\_\_\_. *Os horrores e as secas do Nordeste*. [s/l, s/n, s/d].
- \_\_\_\_\_. *A morte do Dr. Getúlio Vargas*. Juazeiro-CE, Tipografia São Francisco, 1954.
- SILVA, Delarme Monteiro da. *A Candidatura de Getúlio Vargas*. Juazeiro do Norte-CE, Tipografia São Francisco, Proprietário José Bernardo da Silva, 1950.
- \_\_\_\_\_. *A Entrada Triunfante de Getúlio Vargas em Recife - Pernambuco*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Getúlio Vargas, O Orgulho do Brasil, com ele Triunfaremos*. Juazeiro do Norte, Tipografia São Francisco. 1949.
- \_\_\_\_\_. *A Morte do Presidente Vargas*. Recife, [s/n], 1954.

\_\_\_\_\_. *A morte do presidente Getúlio Vargas e sua carta ao povo brasileiro*. [s/l, s/n, s/d].

\_\_\_\_\_. *Nordeste Cordel Repente Canção*. Bezerros - PE, [s/d, s/n].

RIBEIRO, Divaldo Gomes. *Assim Falou Getúlio*. [s/l, s/n, s/d].

SOBRINHO, Manoel Pereira. “*Getúlio Fala ao seu Povo*”. Campina Grande- PB, [s/n], 1950.

\_\_\_\_\_. *A verdade nua e crua sobre a política brasileira*. [s/l, s/n, s/d].

\_\_\_\_\_. *Lançamento da Candidatura do Senador Getúlio Vargas e mensagem ao povo brasileiro*. [s/l, s/n], 1950.

\_\_\_\_\_. *O suicídio do Presidente Getúlio Vargas*. [s/l, s/n, s/d]

VENTURA, Manoel Serafim. *A morte do Presidente Getúlio Vargas e o clamor do povo brasileiro*. [s/l, s/n, s/d].

## **REVISTAS, JORNAIS E PEIÓDICOS:**

REVISTA AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo, Ed. Abril Cultural, n. 12, Ago 2004.

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE. Rio de Janeiro, MEC, n. 1, ano I, set/dez 1961.

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE. Rio de Janeiro, MEC, n. 4, ano II, set/dez 1962.

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE. Rio de Janeiro, MEC, n. 32, ano XII, jan/abr 1972.

REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE. Rio de Janeiro, MEC, n. 36, ano XII, maio/ago 1973.

REVISTA DESVENDANO A HISTÓRIA. São Paulo, n. 1, ano 1, 2004.

REVISTA GRANDES LÍDERES DA HISTÓRIA. São Paulo, Ed. Arte Antiga, n.17, ano 2,

REVISTA NOSSA HISTÓRIA. Rio de Janeiro, Ed. Vera Cruz, n. 10, ano 1, ago 2004.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro, n. 32, ano 3, maio 2008.

REVISTA EDUCAÇÃO. São Paulo, Ed. Segmento, n. 246, out 2001.

HISTÓRIA VIVA. GRANDES TEMAS. São Paulo, Ed. Duetto, n. 4, ago 2004.

HISTÓRIA VIVA. São Paulo, Ed. Duetto, n. 10, ago 2004.

REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA. São Paulo, n. 54, ano V, ago 2002.

REVISTA CONTINENTE DOCUMENTO. Pernambuco, Ed. CEPE, n. 6, ano I, 2003.

REVISTA INTERIOR. n. 38, ano 7, 1981.

REVISTA PETROBRAS. n. 285, ano 1978.

O CORREIO DA UNESCO. n. 2, ano 1987.

HUMBOLDT. n. 34, ano 1977.

REVISTA NOSSO SÉCULO. vol.3, (1930-1945), São Paulo: Abril Cultural, 1980.

REVISTA NOSSO SÉCULO. vol.4. (1945-1960), São Paulo: Abril Cultural, 1980.

REVISTA INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA. n. 9, ano 1993.

JORNAL DO COMMERCIO, PE de 23 de Junho de 2002.

JORNAL DO COMMERCIO, PE de 15 de dezembro de 2002.

JORNAL DO COMMERCIO, PE de 1 de setembro de 2002.

JORNAL DO CONMMERCIO, PE de 13 de Abril de 2003.

JORNAL DO COMMERCIO, PE de 22 de Setembro de 2005.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Orgs.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa Palavra, 2003.

ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB, 1999.

ABREU, Luciano Arone de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito: 1938-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

AGUIAR, Ronaldo Conde. *Vitória na derrota: a morte de Getúlio Vargas: quem levou Getúlio ao suicídio?* Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

ALMEIDA, Cícero Antônio F de. *A carta de muitos autores*. Revista Nossa História. Ano 1, nº 10, agosto 2004,

ALMEIDA, Átila de e ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário Bio-bibliográfico de poetas populares*. 2.ed., ampliada e reformulada, Campina Grande PB: UFPB-Campus II, 1990.

ALMEIDA. Rutenberg Veloso de. *A decadência da poesia sertaneja escrita*. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Piauí, 1991.

ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Campina Grande: Bagagem, 2003.

AMARAL, Amadeu. *Tradições populares*. 2. ed. São Paulo, Hucitec, 1976.

AMORIN, Alice; FREIRE, Wilson; RAFAEL, Ésio. Classificação dos Folhetos. In: *Revista Continente Documento*. Recife, Ano I, nº 6, Jan/2003.

AMORIN, Alice. O andarilho da poesia. In: *Continente Multicultural*. Ano VII, nº 75, Março 2007.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. *Cultura Nordestina: ensaios de história cultural e intelectual*. João Pessoa. Ed. Manufatura / Fundação João Fernandes da Cunha, 2000.

ANTOLOGIA DA LITERATURA DE CORDEL. Fortaleza, 1978. v.1.

AYALA, Marcos; AYALA, M<sup>a</sup> Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil*. 2 ed., São Paulo: Ática, 2006.

ARAUJO, Maria Celina D'. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Era Vargas*. 2. ed., São Paulo: Moderna, 2004.

\_\_\_\_\_. *O segundo governo Vargas (1951-1954)*. Democracia, partidos e crise política. 2. ed. São Paulo: Ática: 1992.

\_\_\_\_\_. Getúlio Vargas, cartas-testamento como testemunho do poder. In: *Escrita de si, escrita da história* (org.) Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

ARAÚJO, Arturo Gouveia de. Getúlio Vargas em Dois Papéis. In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Julho 1993, nº 9, p.113-120.

Arnaldo José França Mazzei. O trabalho sob tutela do Estado. In: *História Viva Grandes Temas: O Brasil que Getúlio Sonhou*. Duetto, Edição Especial, nº 4, 2007.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ARISTÓTELES. Poética. In: *Os pensadores*. Editora Nova Cultura, 1996.

AZEVEDO, Carlos Alberto. O heróico e o messiânico na literatura de cordel. In: *Revista de Cultura*, Petrópolis: Vozes., v. 67, nº 9, 1973.

AZEVEDO, Cecília da Silva. *Rompendo fronteiras: a poesia de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro (1950-1990)*. Dissertação de Mestrado. Niterói, Programa de pós-graduação em História, ICHF, CEG, UFF, 1990.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, v.5, 1985.

BAUMWORCEL, Ana. 1954: um retrato do rádio na época de Vargas. In: *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*. (Org.) Ana Baumworcel, Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

- BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Coimbra, Minerva, 1999.
- BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. *O mito do cangaceiro no cordel*. Dissertação de Mestrado/UFPE. Recife, 2001.
- BASILIO, Astier. O cordel não é mais o mesmo. In: *Continente Multicultural*. nº71, Ano VI, Novembro 2006, p. 92-93.
- BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto – Gráfica Manimbu, 1977.
- BENJAMIM, Roberto E. Câmara. Breve notícia de antecedentes franceses e ingleses da literatura de cordel nordestina. In: *Tempo Universitário*. Ano VI, nº 1. Natal. Editora Universitária, 1980. Apud LOPES, José de Ribamar. (Org.) *Literatura de Cordel: antologia*. Fortaleza, BNB, 1982.
- BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. 1. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BOSSI, Eclea. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BORGES, Sheila. Empório Eleitoral. In: *Jornal do Comércio*. Recife. nº 146, Ano 83, 2002.
- BRENER, Jayme. *Jornal do Século XX*. São Paulo: Moderna, 1998.
- BURCKHARDT, Eduardo. O artista do sertão. In: *Revista Época*. São Paulo. nº 220 Ano IV, 2002.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *A escrita da história*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: editora UNESP 1992.
- \_\_\_\_\_. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zarhar Ed., 2005.
- CABRAL, Geovanni Gomes. *A literatura de cordel como fonte histórica*. 2003. 61f. Monografia (apresentada ao final do curso de pós-graduação *strictu sensu* em História) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Cinco Livros do povo*. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1994.
- CALMON, Pedro. *História do Brasil na poesia do povo*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.
- CAMPOS, Alda Maria Rodrigues de Siqueira. *Literatura de cordel e difusões de inovações*. Apresentação de Roberto Benjamim. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988.

CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos poetas populares do Nordeste*. 2. ed., Recife: MEC/FUNARTE, 1977.

\_\_\_\_\_. Folhetos populares na zona dos engenhos de Pernambuco. In: *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas*. MEC, nº 4, Recife, 1995.

CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano*. O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. v 2, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Multidões em cena. Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

CARVALHO, Jose Murilo de. As duas mortes de Getúlio Vargas. In: *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. A crise do colonialismo Luso na América Portuguesa 1750/1822. In: LINHARES, Maria Yedda. (Org.). *História do Brasil*. 6. ed., Rio de Janeiro: Campus, 1996.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entender e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

CARVALHO, Gilmar de. Vozes e letras do cordel. In: *CULT - Revista Brasileira de Literatura*. Ano V, nº 54, Agosto./2002. p.43-49.

\_\_\_\_\_. *Publicidade em cordel: o mote do consumo*. São Paulo: Annablume, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. *Os cinco livros do povo*. 3. ed. João Pessoa: UFPB, 1994.

\_\_\_\_\_. Da Cultura Popular. In: *Revista Brasileira de Folclore*, Ano I, nº 1 Set/ Dez 1961, p.5-16.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2006.

\_\_\_\_\_. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Phillipe; \_\_\_\_\_. (Orgs). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.3.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. Textos, impressão, leituras. In: *A Nova História Cultural*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COHEN, Marleine. *Getúlio Vargas*. São Paulo: Globo, 2007.

COSTA, F. A. Pereria da. *Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*. 2. ed. Recife: CEPE, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 7. ed., 1º v. São Paulo: Global, 2004.

CURRAN, Mark J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Casa Rui Barbosa, 1987.

CURRAN, Mark J. *A Literatura de Cordel*. Recife. Imprensa Universitária de Pernambuco, 1973.

\_\_\_\_\_. A 'página editorial' do poeta popular. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Ano XII, nº 32, Jan/Abr 1972. p.5-16.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil em Cordel*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001.

\_\_\_\_\_. Influência da Literatura de Cordel na Literatura Brasileira. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Ano IX, nº 24, Mai/Ago 1969. p.111-123.

\_\_\_\_\_. *Jorge Amado e a Literatura de cordel*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia; FCRB, 1981.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge e GELGADO, Lucia de Almeida Neves. (Orgs) *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática; da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. v 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIÉGUES JÚNIOR. Manoel. Formação do Folclore Brasileiro: Origens e características culturais. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Ano II, nº 4, Set./Dez. 1962.

\_\_\_\_\_. Ciclos Temáticos na Literatura de Cordel. In: et.al. *Literatura popular em versos: estudos*. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Ed.da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1986.

\_\_\_\_\_. *Literatura de Cordel*. 2. ed., Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

\_\_\_\_\_. Literatura de Cordel. In: BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto – Gráfica Manimbu, 1977.

\_\_\_\_\_. Formação do folclore Brasileiro: origens e características culturais. In: *Revista Brasileira do Folclore*. nº 4, Ano II, Set/Dez 1962. p.43-57.

FALCÃO Rubens. Literatura de cordel. In: *Revista Brasileira de folclore*. nº 36, ano XII, Maio/ Agosto 1973. p.11-20.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

FAUSTO NETO, Antônio. *Cordel e a ideologia da punição*. Petrópolis: Vozes, 1979.

FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores “querem”: política e cidadania na transição democrática de 1945. In: *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. A democratização de 1945 e o movimento Queremista. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucia de Almeida Neves. (Orgs) *O Brasil Republicano*. O tempo da experiência democrática; da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.

\_\_\_\_\_. O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. In: *O Imaginário Trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. *Trabalhadores do Brasil. O imaginário do povo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FILHO, Domício Proença. *Estilos de Época na Literatura*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1989.

FILHO, Sérgio Montenegro. Saga de Lula é morte do cordel. In: *Jornal do Comércio*. Recife. Ano 83. Nº 349. 2002.

\_\_\_\_\_. BUSH e Saddam no Cordel. In: *Jornal do Comércio*. Recife. Ano 83. Nº 103. 2003.

FREIXINHO, Nilton. *O sertão arcaico do nordeste do Brasil: uma releitura*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. Leituras de cordel em meados do século XX: oralidade, memória e a mediação do “outro”. In: *Cultura letrada no Brasil: Objetos e práticas*. ABREU, Marta, SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs). Campinas: Mercado das Letras, ABL, São Paulo: Fapesp; 2005.

\_\_\_\_\_. Folhetos de cordel: experiências de leitores/ouvintes (1930-1950). In: *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro*. (Orgs) PAIVA, Aparecida. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da Selva: história da migração nordestina para a Amazônia*. Tese de Doutorado. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

GRAMSCI, Antônio. *Literatura e vida nacional*. 2. ed., Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1968.

GRILLO, M<sup>a</sup> Ângela de Faria. A Literatura de Cordel na sala de aula. In: ABREU, Marta e SOIHET, Rachel. (Org.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa Palavra, 2003.

\_\_\_\_\_. As Imagens e Representações da Mulher na Literatura de Cordel. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, M<sup>a</sup>. Fernanda; GOUVÊA, M<sup>a</sup> Fátima Silva. (Orgs). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 333-353.

\_\_\_\_\_. *A Arte do Povo: Histórias na literatura de Cordel (1900-1940)*. 2005, 257p. Tese (Doutorado em História), Instituto de Ciências e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro,

GOMES, Ângela de Castro e ARAÚJO, Maria Celina D'. *Getulismo e Trabalhismo*. São Paulo, Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *A invenção do trabalhismo*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Delume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. *O mito Vargas*. Disponível em < <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html/> >. Acesso em: 02 Abr. 2008.

\_\_\_\_\_. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCWARTZ, Lilia Moritz (Org). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HELL, Victor. *A idéia de cultura*. Tradução Halumi Tateyama Takahashi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KUNZ, Martine. *Cordel: a voz do verso*. Fortaleza-Ce: Museu do Ceará, 2001.

IANNI, Octávio. A “Redemocratização” de 1946 e as tentativas de reorientação da política econômica. In: SZMRECÁNYI, Tamás e GRANZIERA, Rui G. *Getúlio Vargas e a economia contemporânea*. (Orgs). 2. ed. rev. e ampl., Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora Hucitec, 2004.

JAMBEIRO, Orthon. [et al.] *Tempo de Vargas: rádio e o controle da informação*. Salvador: EDUFBA, 2004.

JÚNIOR, Mugnaini Ayrton. “Compositores do Brasil”... o getulismo e a MPB. In: *História Viva Grandes Temas: O Brasil que Getúlio Sonhou*. Duetto, Edição Especial , nº 4, 2007.

LAMA, Sérgio. *O fracasso das “fórmulas” e a candidatura Vargas em 1950*. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html>> Acesso em: 05 de Maio de 2008.

LAMOUNIER, Bolívar. *Os Grandes Líderes: Getúlio*. Nova Cultural, São Paulo, 1988.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas. 2. ed., São Paulo: Papyrus, 1986.

LEÃO, Fabiana Coelho de Souza. *Encruzilhadas: encontros nos cordéis de Manoel Pereira Sobrinho*. Recife: Fundação da Cidade do Recife, 2005.

LÊDA, Tamega Ribeiro. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro: FUNARTE / Instituto Nacional do Folclore, 1986.

LEVINE, Robert M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. Trad. De Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro. Documentário, 1973.

LIMA, Ana Cristina. Cordel põe as copas na voz do povo. In: *Jornal do Comércio*. Recife. Ano 83, nº 177, 2002.

LIMA, Marinalva Vilar de. *Narradores do Padre Cícero: do auditório à bancada*. (Apresentada originalmente como Dissertação de Mestrado em História na UFPE) Ceará. Editora Universitária da UFC, 2002.

\_\_\_\_\_. *Loas Que Carpem: A Morte na Literatura de Cordel*. 2003, 208p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LONDRES, José Maria F. Literatura popular. In: *América Latina: palavra, literatura e cultura*. (Org.) Ana Pizarro. São Paulo: Memorial: Campinas: UNICAMP, 1994.

\_\_\_\_\_. *Cordel – do encantamento às histórias de lutas*. São Paulo, Livraria. Duas Cidades, 1983.

LOPES, José de Ribamar. (Org.). *Literatura de Cordel*. Antologia. Fortaleza, BNB, 1982.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense. 1983.

\_\_\_\_\_. *A Literatura de Cordel em São Paulo*. São Paulo. Edições Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. *A notícia na literatura de cordel*. São Paulo. Estação Liberdade, 1992.

\_\_\_\_\_. O Renascimento da Literatura de Cordel no Brasil. Separata de: *Tenri University Journal*. nº 181. Tenri University, março de 1996.

\_\_\_\_\_. *José Limeira: O poeta do absurdo e a Literatura de cordel Fantástica*. In: Separata de: *Revista Latin American Studies*., nº 15, 1997.

MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

MAIOR, Mário Souto. Antônio Silvino no Romancero de Cordel. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Ano X, nº 26, Jan/Abr. 1970. p.45-56.

MARANHÃO, Ricardo. O fim da ditadura. *História Viva Grandes Temas: O Brasil que Getúlio Sonhou*. Duetto, Edição Especial , nº 4, 2007.

MAXADO, Franklin. *O Cordel Televisivo: futuro, presente e passado da Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: Codecri, 1984.

\_\_\_\_\_. *O que é Literatura de Cordel?*, Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

\_\_\_\_\_. *Cordel: xilogravura e ilustrações*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

MELO, Veríssimo de. *Origens da Literatura de Cordel*. Natal: [s.n]. 1991.

\_\_\_\_\_. Literatura de Cordel problemas e sugestões. Separata de: *Revista Tempo Universitário*, s/l, v.g, nº 1, 1980.

MEYER, Marlyse. *Autores de Cordel*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. *Caminhos do imaginário no Brasil*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

MOREIRA, Regina da Luz. *Vargas: o parlamentar ausente e as articulações do exílio*. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html>> Acesso em: 05 de Maio de 2008.

PRATA, Nair. O rádio mineiro e a cobertura do suicídio de Getúlio Vargas. In: *Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio*. (Org.) Ana Baum. Rio de Janeiro: Grammond, 2004.

NOVA, Sebastião Vila. *Arte, cultura e sociedade*. Recife, Nordestal, 1991.

NOBLAT, Ricardo. Revista Manchete. Apud CURRAN, Mark. *História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

NOBLAT, Ricardo. Revista Manchete. Apud LUYTEN, Joseph M. *A notícia na Literatura de Cordel*. São Paulo. Estação Liberdade, 1992.

NOGUEIRA, Arnaldo José França Mazzei. O trabalho sob tutela do Estado. *História Viva Grandes Temas: O Brasil que Getúlio Sonhou*. Duetto, Edição Especial , nº 4, 2007.

OLGA, Tavares. *Fernando Collor: o discurso: o clamor ao sagrado*. São Paulo: Anmablume, 1998.

ORTIZ, Renato. *Cultura Popular: românticos e folcloristas*. São Paulo: PUC, 1985.

\_\_\_\_\_. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo, 1994.

PANDOLFI, Duce. *A cassação do Partido Comunista no cenário da Guerra Fria*. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html>> Acesso em: 05 de Maio de 2008.

PAVAN, Alexandre. *Em versos*. Revista de Educação, nº 246, Outubro 2001, p. 60-66.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PONTES, Mário. A presença demoníaca na poesia popular do Nordeste. In: *Revista Brasileira de Folclore*. Ano II, nº 34, Set/Dez 1972. p. 261-283.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasília / Rio, 1977.

RIBEIRO, Leda Tâmega. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro: Funarte / Instituto Nacional do Folclore, 1996.

ROMERO, Silvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.

ROCHA, José de Maria Tenório. *O mundo maravilhoso da Literatura de Cordel*. Maceió: SENEC/MEC, 1976. ROCHA, José de Maria Tenório. *O mundo maravilhoso da Literatura de Cordel*. Maceió: SENEC/MEC, 1976, p. 9.

SANTOS, Olga de Jesus. O Povo Conta a História. In: *O Cordel, Testemunha da História do Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o movimento Armorial*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

SILVA, João Melquíades Ferreira da. *Feira de versos: poesia de cordel*. (Orgs) ANDRADE, Cláudio Henrique Salles. e SILVA, Nilson Joaquim da. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, Hélio. e CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Vargas uma biografia política*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SLATER, Candance. *A vida no barbante – a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SILVIO, Romero. *Estudos sobre a poesia popular*. Petrópolis: Vozes, 1977.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964*. Trad. Ismênia Tunes Dantas. 7. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOIET, Rachel. Introdução. In: ABREU, Marta e SOIET, Rachel. (Org.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa Palavra, 2003.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. *Classificação popular da Literatura de Cordel*. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife. Massangana, 1981.

\_\_\_\_\_. *O mercado, sua praça e a cultura popular no Nordeste: homenagem ao centenário do Mercado de São José – 1875 – 1975*. Recife: Prefeitura Municipal do Recife / Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

SOUZA, Pe. Manoel Matusalém. *Cordel, Fé e viola*. Petrópolis: Vozes, 1982.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: *História da vida privada na América Portuguesa*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VILLALTA, Luiz Carlos. A censura, a circulação e a posse de romances na América Portuguesa (1722-1822) In: *Cultura letrada no Brasil: Objetos e práticas*. ABREU, Marta, SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs). Campinas: Mercado das Letras, ABL, São Paulo: Fapesp; 2005.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. Tradução de Jônata Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TAVARES, Bráulio. *Contando Histórias em versos: Poesia e Romanceiro Popular no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

TAVARES JÚNIOR, Luiz. *O mito na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memória de Luta: primórdios da literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983.

TEMÓTEO, Jurandy. *A xilogravura de Walderêdo Gonçalves no contexto da cultura popular do Cariri*. João Pessoa, 2002.

TRINDADE, Liana. e LAPLATINE, François. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VIANNA, Marilena. Uma interpretação da Linguagem dos folhetos. In: *O Cordel, Testemunha da História do Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

ZINI, Bruno. Cartografia do cordel. In: *CULT Revista Brasileira de Literatura*. Ano V, nº 54, agost./2002. p.50-63.

WEFFORT, Francisco. *O nacional, O populismo e o que restou do legado político de Vargas*. In: SZMRECÁNYI, Tamás e GRANZIERA, Rui G. Getúlio Vargas e a economia contemporânea.

\_\_\_\_\_. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.